

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**DISCURSOS SOBRE A VISÃO DE CORPO E A ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO
CORPORAL EM ESCOLAS PÚBLICAS INFANTIS NUMA CIDADE DO INTERIOR
DE SÃO PAULO**

WAGNER PORTO RÊGO JÚNIOR

PIRACICABA – SP

2014

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**DISCURSOS SOBRE A VISÃO DE CORPO E A ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO
CORPORAL EM ESCOLAS PÚBLICAS INFANTIS NUMA CIDADE DO INTERIOR
DE SÃO PAULO**

WAGNER PORTO RÊGO JÚNIOR

Orientadora: Profa Dra Rute Estanislava Tolocka

Dissertação apresentada à banca Examinadora do Curso de Pós Graduação Stricto Sensu da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP, como exigência para o exame de defesa para obtenção do título de Mestre em Educação Física, na área de concentração Movimento Humano, Lazer e Educação, sob orientação da Profa. Dra. Rute Estanislava Tolocka.

PIRACICABA – SP

2014

Ficha Catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNIMEP

Bibliotecária: Luciene Cristina Correa Ferreira CRB-8/ 8235

R343d RÊGO JÚNIOR, WAGNER PORTO.
Discursos sobre a visão de corpo e a abordagem da educação corporal em escolas públicas infantis numa cidade do interior de São Paulo. / Wagner Porto Rêgo Júnior – Piracicaba, SP: [s.n.], 2014.
136 f.; il.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências da Saúde / Programa de Pós-Graduação em Educação Física - Universidade Metodista de Piracicaba, 2014.

Orientador: Dra. Rute Estanislava Tolocka.

WAGNER PORTO RÊGO JÚNIOR

**DISCURSOS SOBRE A VISÃO DE CORPO E A ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO
CORPORAL EM ESCOLAS PÚBLICAS INFANTIS NUMA CIDADE DO INTERIOR
DE SÃO PAULO**

COMISSÃO EXAMINADORA

**Prof^ª. Dr^ª. Rute Estanislava Tolocka
Universidade Metodista de Piracicaba**

**Prof^ª. Dr^ª. Cinthia Lopes da Silva
Universidade Metodista de Piracicaba**

**Prof^º. Dr. José Carlos de Freitas Batista
Universidade Nove de Julho**

Piracicaba, 26 de setembro de 2014

AGRADECIMENTOS

À Deus, pelo dom de viver e me tornar parte de um grande grupo de pessoas que acreditam na educação enquanto ato de amor.

Aos espíritos de luz que sempre me acompanham e sustentam nos momentos de insegurança e fraqueza.

À todos os amigos do NUPEM, pela acolhida e estímulo.

À UNIMEP, técnicos administrativos e professores que abraçaram a causa de conduzir o processo de ensino pautado na construção do conhecimento crítico.

Ao Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Baiano – Campus Itapetinga, pelo apoio à qualificação e formação docente.

À banca examinadora que contribuiu sobremaneira na qualificação da dissertação.

Em especial a professora Rute Estanislava Tolocka. Muito obrigado por ser a outra “formiguinha” e nos momentos de desânimo me receber com um abraço.

Aos sujeitos (professoras) que demonstraram disponibilidade em colaborar para fornecer informações essenciais para a realização deste estudo.

À minha família que é a sustentação e razão de viver – com vocês tudo fica mais fácil. Em especial minha companheira Veruska pelo amor e apoio constante – temos um sonho pra construir – esta etapa foi cumprida, que venham as próximas.

RESUMO

A expansão da Educação Infantil no Brasil foi bem intensa nas últimas décadas e ocorreu atrelado à aceleração no processo de urbanização, ao ingresso da mulher (mãe) no mercado de trabalho e a reestruturação das famílias. A criança tem ido cada vez mais cedo para escola. Assim ficamos inquietos com relação ao papel das instituições de educação infantil e como esta deve ser desenvolvida, já que tem oscilado entre o cuidar e o educar, privilegiando o cuidar. Partindo do princípio que a educação se dá no e pelo corpo das crianças, neste estudo temos como objetivo verificar os discursos sobre a visão de corpo e a abordagem da educação corporal das profissionais que atuam na sala de aula na educação infantil. Além disso, buscamos analisar publicações oficiais sobre as políticas públicas e diretrizes da EI no Brasil para: verificar o que é dito sobre o corpo e como se norteia a Educação corporal; identificar a concepção de educação do corpo e movimento na educação infantil em produção acadêmica da área e como o discurso corporal das profissionais é constituído e se estabelece na educação do corpo das crianças e na maneira de lidar com as crianças que apresentam limitações corporais. Trata-se de um estudo de caso, referente a uma dada cidade do interior de São Paulo, no qual participaram 26 professoras que atuam na Educação Infantil Municipal e participavam de um curso de formação continuada realizado por uma universidade daquela cidade. Realizamos entrevistas semiestruturadas com questões que versavam sobre: compreensão de corpo e de movimento, relação com o próprio corpo e o movimentar-se, entendimento de imagem, esquema e consciência corporal, noção de corpo trabalhada com as crianças e trabalho executado ante limitações corporais das crianças e fizemos a análise do discurso, baseada na vertente francesa para desvelar o significado observando as condições sócio históricas de produção. Os resultados apontam para o entendimento do corpo como máquina (utilitário), o corpo dicotômico e consequente valorização cognitiva. Evidenciam que a compreensão de corpo e movimento influencia no relacionamento do “sujeito”, no mundo e a forma como o discurso capitalista controla essas relações. Apesar do caráter utilitarista dado ao corpo, identificamos que há espaço para o corpo brincar e também que há tentativas de incluir as crianças com diferenças corporais e que estas oscilam entre modificar a realidade ou contribuir na sua manutenção. Entretanto é imprescindível reformular as estruturas que envolvem o processo de formação docente (propostas pedagógicas, currículos, formação continuada, condições de trabalho, dentre outros.) Tal qual é fundamental a participação de profissionais que disponham do repertório necessário para atuar na Educação Infantil. Por isso a necessidade de políticas públicas que possibilitem discutir uma educação corporal que considere a integralidade do ser. Além disso é indispensável o desenvolvimento de atividades corporais com as professoras para possibilitar a sua descoberta e reconhecimento corporal. Da mesma forma que se aprende pelo corpo, também se ensina através dele. Bem como é iminente o aprofundamento de estudos *in locu* para verificar como tem se desenvolvido a educação corporal na educação infantil, levando em consideração as crianças, os ambientes e demais sujeitos responsáveis pela Educação Infantil para que possamos construir propostas pedagógicas que contemplem efetivamente as necessidades das crianças pequenas.

Palavras Chave: Corpo – Educação Infantil – Análise do Discurso

ABSTRACT

The expansion of early childhood education in Brazil has been very intense in recent decades and was linked to the acceleration of the urbanization process, the entry of women (mother) in the labor market and the restructuring of families. The child has ever gone to school earlier. Thus we become restless regarding the role of early childhood institutions and how this should be developed, since it has wavered between caring and educating, emphasizing caring. Assuming that education takes place in and through the body of the children in this study we aim to verify the discourses on the vision of the approach of the body and bodily education of professionals working in the classroom in kindergarten. Furthermore, we analyze official publications on public policy and guidelines of Early Childhood Education in Brazil to see what is said about the body and how the body is guided Education; Identify the educational concept of the body and movement in early childhood education in academic production in the area and how the body is made up of professional discourse and settles on body education of children and the way to deal with children who have physical limitations. This is a case study, regarding a given city in the interior of São Paulo, which was attended by 26 teachers who work in the Municipal Kindergarten and participated in a continuing education course conducted by a university from that city. We conducted semi-structured interviews with issues that deal with: understanding the body and movement, compared with his own body and jogging, image understanding, schema and body awareness, body notion worked with children and work performed against bodily limitations children and we did discourse analysis, based on the French side to reveal the meaning observing the historical socio production conditions. The results point to understanding the body as a machine (utility), the dichotomous body and consequent cognitive enhancement. They show that the understanding of body and movement influences the relationship of the "subject" in the world and how the capitalist discourse controls these relations. Despite the utilitarian character given to the body, we identified that there is space to play the body, and also that there are attempts to include children with physical differences and that these vary between changing reality and contribute to its maintenance. However it is necessary to redesign the structures involved in the process of teacher training (pedagogical proposals, curricula, continuing education, working conditions, among others.) As it is fundamental the participation of professionals who possess the necessary repertoire to act in kindergarten. Therefore the need for public policies that allow discuss a body education that considers the entirety of being. Furthermore it is essential to develop bodily activities with teachers to enable their discovery and body recognition. Likewise it is learned by the body, also teaches therethrough. Is imminent and further studies in locus to check how the body education in early childhood education has developed, considering the children, the environment and other individuals responsible for Early Childhood Education so we can build pedagogical proposals that effectively contemplate both the needs of small children pedagogical proposals that effectively contemplate both the needs of small children.

Key words: Body - Early Childhood Education - Discourse Analysis

LISTA DE QUADROS

Quadro 1a O corpo à serviço do capital	47
Quadro 1b O corpo à serviço do capital (continuação)	48
Quadro 2 O corpo dicotômico	51
Quadro 3 O corpo objeto	53
Quadro 4a Fortalecimento da “máquina produtiva” – Enfraquecimento do corpo social	55
Quadro 4b Fortalecimento da “máquina produtiva” – Enfraquecimento do corpo social (continuação)	56
Quadro 5 O corpo “sujeito” aos padrões de estética	58
Quadro 6a Funcionalidade do corpo e do movimento	59
Quadro 6b Funcionalidade do corpo e do movimento (continuação)	60
Quadro 7a Abordagem Reducionista	61
Quadro 7b Abordagem Reducionista (continuação)	62
Quadro 7c Abordagem Reducionista (continuação)	63
Quadro 7d Abordagem Reducionista (continuação)	64
Quadro 8 Desconhecimentos dos termos	67
Quadro 9a As marcas do capital no corpo das crianças	68
Quadro 9b As marcas do capital no corpo das crianças (continuação)	69
Quadro 10 A criança sem corpo	70
Quadro 11a O lugar da brincadeira	71
Quadro 11b O lugar da brincadeira (continuação)	72
Quadro 12 Valorização cognitiva e a brincadeira	75
Quadro 13a Tentativas de inclusão da criança com necessidades especiais nas atividades	76
Quadro 13b Tentativas de inclusão da criança com necessidades especiais nas atividades (continuação)	77
Quadro 14 Entre modificar a realidade ou contribuir na sua manutenção	78

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Corpo e Educação Infantil	27
Tabela 2 Caracterização dos Sujeitos	45

SUMÁRIO

Introdução	11
1 Estado da Arte	13
1.1 Documentos oficiais que regem a Educação Infantil no Brasil	13
1.1.1 <i>Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil - RCNEI (1998)</i>	14
1.1.2 <i>Integração das Instituições de Educação Infantil (2002)</i>	16
1.1.3 <i>Política Nacional de Educação Infantil (2006)</i>	17
1.1.4 <i>Parâmetros Básicos de Infraestrutura (2006)</i>	18
1.1.5 <i>Parâmetros Nacionais de Qualidade na Educação Infantil (2006) e Indicadores da Qualidade na Educação Infantil (2009)</i>	19
1.1.6 <i>Critérios para atendimento em creches (2009)</i>	20
1.1.7 <i>Política de Educação Infantil no Brasil: Relatório de Avaliação (2009)</i>	20
1.1.8 <i>Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil 2010</i>	21
1.1.9 <i>Construção de uma sistemática de avaliação (2012)</i>	22
1.1.10 <i>Lei de Diretrizes e Bases 12.796/13</i>	23
1.2 Corpo, criança e conhecimento – possibilidades de encontro	25
1.2.1 <i>Estudos sobre o corpo no Brasil</i>	25
1.2.2 <i>Aspectos históricos e culturais relacionados ao corpo e infância</i>	32
2 O método de Análise do Discurso.....	39
3 Procedimentos metodológicos.....	42
3.1 Classificação e participantes do estudo.....	42
3.2 Considerações éticas	43
3.3 Procedimentos de coleta e análise dos dados	43
4 Resultados e Discussão	45
4.1 Compreensão de corpo e movimento das profissionais que tem crianças com necessidades especiais inseridas em sua sala de aula.....	47
4.1.1 <i>Relação das profissionais que tem crianças com necessidades especiais inseridas em sua sala de aula com o próprio corpo e o movimentar-se</i>	54
4.2 Situando concepções: imagem / esquema / consciência corporal entre as profissionais que tem crianças com necessidades especiais inseridas em sua sala de aula.....	60
4.2.1 <i>O Trabalho da noção de corpo com as crianças entre as profissionais que tem crianças com necessidades especiais inseridas em sua sala de aula</i>	67
4.3 O trato com as limitações corporais das crianças das profissionais que tem crianças com necessidades especiais inseridas em sua sala de aula	74
Considerações Finais	80
Referências	84
Anexo A – Aprovação CEP – UNIMEP.....	92
Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	93

Apêndice B – Roteiro de entrevista.....	96
Apêndice C – Entrevistas	97

INTRODUÇÃO

A expansão da educação infantil no Brasil foi bem intensa nas últimas décadas e ocorreu atrelada à aceleração no processo de urbanização, ao ingresso da mulher (mãe) no mercado de trabalho e consequente reestruturação das famílias (BRASIL, 1998), apresentando-se como demanda social.

A partir da lei de diretrizes e bases da educação LDB **9.394/96** (BRASIL, 1996), alguns dispositivos têm sido difundidos pelo Ministério da Educação, no sentido de fornecer elementos para uma educação infantil de qualidade. O art. 29º “preconiza o desenvolvimento integral de crianças de zero a seis anos de idade, nos aspectos, físico, psicológico, intelectual e social”. Esta lei foi alterada recentemente pela LDB **12.796/13** (BRASIL, 2013), fixando a obrigatoriedade do ensino infantil.

Assim, verificamos que a criança tem ido cada vez mais cedo para escola. Ficamos inquietos com relação ao papel das instituições de educação infantil e como deve ser desenvolvida, já que tem oscilado entre o cuidar e o educar, privilegiando o cuidar (BRASIL, 1998). Partindo do princípio que a educação se dá no e pelo corpo das crianças é iminente estudos para verificar como está posta a questão do corpo e como as profissionais que atuam na educação infantil lidam com corpo, em virtude da carência de pesquisas dessa natureza.

Para tanto, neste estudo temos como objetivo verificar os discursos sobre a visão de corpo e a abordagem da educação corporal das profissionais que atuam na sala de aula na educação infantil municipal numa cidade do interior de São Paulo.

Além disso, buscamos analisar publicações oficiais sobre as políticas públicas e diretrizes da EI no Brasil para verificar o que é dito sobre o corpo e como se norteia a Educação corporal; Identificar a concepção de educação do corpo e movimento na educação infantil em produção acadêmica da área e como o discurso corporal das profissionais é constituído e se estabelece na educação do corpo das crianças e na maneira de lidar com as crianças que apresentam limitações corporais.

Assim, no capítulo 1 abordamos o estado da arte, estruturado em dois eixos; no primeiro analisamos publicações oficiais sobre as políticas públicas e diretrizes para educação infantil no Brasil, tendo em vista que estes documentos são disponibilizados pelo Ministério da Educação – MEC, como subsídios para gestores e professores da educação infantil, ou seja, são elencados como norteadores neste nível de ensino e representam o discurso oficial. No segundo eixo, situamos

concepções acerca do tema e a forma como tem se desenvolvido o trabalho pedagógico na educação do/no corpo das crianças, a partir de produção acadêmica na área. O segundo capítulo traz o método de Análise do Discurso da vertente francesa, utilizado na interpretação dos dados e leitura da realidade conforme proposto por Eni Orlandi (2012); no terceiro, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa. No quarto capítulo apresentamos os resultados discutindo como os discursos das professoras são significados e se estabelecem na educação corporal. Por fim, tecemos as considerações finais, bem como encaminhamentos na tentativa de contribuir para melhoria da qualidade da Educação Infantil.

1 ESTADO DA ARTE

1.1 DOCUMENTOS OFICIAIS QUE REGEM A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

Antes de discutirmos as publicações que norteiam a educação infantil no Brasil faremos um esboço dos princípios legais que regem este nível de ensino, a partir da LDB/96 e Planos Nacionais de Educação. Após a análise dos documentos, procederemos com as alterações e proposições fixadas pela lei 12.796/13 publicada recentemente.

Conforme as Diretrizes Curriculares para Educação Infantil publicadas na lei 9.394/96. Em seu Art. 2º, a educação é dever da família e do Estado, cabendo o pleno desenvolvimento do aluno, preparando-o para exercício da cidadania e trabalho. O Art. 22º define a necessidade de "(...) fornece-lhes meios para progredir no trabalho (...)". No que concerne à educação infantil, será oferecida pelos municípios para crianças de 0 a 6 anos de idade.

Na LDB/96 observamos uma negligência à forma de condução da educação infantil no Brasil, tanto pela baixa exigência na formação dos profissionais responsáveis pelo ensino (ponto alterado pela lei 12.796/13 estabelecendo a necessidade de nível superior para atuar na área), como ausência de pontos mais específicos de como esta deve ser abordada.

Conforme Orlandi (2012), a linguagem não é transparente, então é fundamental examinarmos como ela se constitui, pois pode fornecer elementos importantes na compreensão do discurso e dar indícios de como a educação corporal tem ocorrido. Neste sentido, não encontramos menção ao desenvolvimento da educação corporal na LDB/96, mas, a referência realizada a "progressão para o trabalho", mostra sinais de uma compreensão voltada para a capacidade laboral do corpo. Como apontado por Foucault (1987), o controle social se opera antes de tudo no corpo. Mas, apesar da maneira simplória como a educação infantil é tratada neste documento é nele que pela primeira vez no Brasil é considerada a etapa inicial da educação básica.

No **Plano Nacional de Educação 2001 – 2011** verificamos a importância da educação desde o nascimento, com destaque a faixa etária de 4 a 6 anos de idade. Ainda que de forma velada, preconiza uma valorização da aprendizagem cognitiva, considerada no âmbito interacionista. De acordo com Orlandi (2012), não existe ideologia sem sujeito, muito menos sujeito sem ideologia, que é materializada por

meio do discurso. Então, encontramos nos discursos oficiais a ideologia capitalista de valorização intelectual em detrimento de outras habilidades corporais, no sentido de alienação corporal e manutenção da ordem social.

Mesmo com perspectiva restrita, a abordagem da educação infantil no PNE estabelece como meta “Ampliar a oferta de educação infantil de forma a atender, em cinco anos, a 30% da população de até 3 anos de idade e 60% da população de 4 e 6 anos (ou 4 e 5 anos) e, até o final da década, alcançar a meta de 50% das crianças de 0 a 3 anos e 80% das de 4 e 5 anos” (BRASIL, 2001). Este fato atende a pressão realizada por mecanismos internacionais como o Fundo Monetário Internacional – FMI, Organização Mundial do Comércio – OMC, entres outros, para qualificação de mão de obra, assim como identificamos na LDB 9394/96.

No **Plano Nacional de Educação - PNE 2011 - 2020** a educação infantil é a primeira Meta dentre as vinte fixadas. “Universalizar, até 2016, o atendimento escolar da população de 4 e 5 anos, e ampliar, até 2020, a oferta de educação infantil de forma a atender a 50% da população de até 3 anos” (BRASIL, 2010).

Apesar do debate sobre o corpo e a educação corporal não estar presente no PNE 2011 – 2020, este abarca questões que se refletem diretamente no corpo das crianças pequenas e podem possibilitar uma verdadeira equalização social, dentre elas chamamos atenção para: a ampliação do investimento público; formação específica de nível superior na área que atua e reestruturação do plano de carreira do magistério público.

É imprescindível reestruturar as condições do trabalho docente, pois desmotivam a procura e dificultam a formação docente (SAVIANI, 2009). Assim o Plano Nacional de Educação representa um avanço quanto à qualidade na educação infantil, conseqüentemente, a educação do corpo, ainda que o recurso disponibilizado seja insuficiente.

1.1.1 REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA EDUCAÇÃO INFANTIL - RCNEI (1998).

- Creches e pré-escolas no Brasil: situando concepções

Como encontramos nos RCNEI “Polêmicas sobre o cuidar e educar, sobre o papel do afeto na relação pedagógica e sobre o educar para o conhecimento ou sobre educar para o desenvolvimento” (BRASIL, 1998c, p.19), estas marcam o debate em

torno da educação infantil. De maneira geral, a educação corporal nas instituições infantis ocorre de maneira funcional, ligada aos hábitos de saúde, higiene e segurança.

No RCNEI identificamos a criança enquanto sujeito social e histórico, que estabelece seu conhecimento a partir de interações sociais e, por meio das brincadeiras, expressam sua realidade e seus anseios. “Nas brincadeiras, as crianças transformam os conhecimentos que já possuíam anteriormente em conceitos gerais com os quais brinca” (BRASIL, 1998c, p. 27). Mesmo assim, a criança não tem tido espaço para brincar (KISHIMOTO, 2001). Além disso, a brincadeira está essencialmente ligada à aprendizagem no âmbito cognitivo e não como veículo primordial, pelo qual a criança constrói sentidos e reconhece o próprio corpo.

- Formação Pessoal e Social

Notamos o ensino infantil como espaço de inserção em relações éticas e morais, por meio de processos de socialização. As crianças ao se reconhecerem, percebem os outros e suas diferenças. Essa percepção é fundamental na construção da autonomia e consciência corporal – maneira pelo qual me apresento no mundo. “Conceber uma educação em direção a autonomia significa considerar as crianças como seres com vontade própria, capazes e competentes para construir conhecimentos, e dentro de suas possibilidades, interferir no meio em que vivem” (BRASIL, 1998b, p.14).

No tópico que trata da apropriação da imagem corporal, constatamos um discurso vago. “A aquisição da consciência dos limites do próprio corpo é um aspecto importante do processo de diferenciação do eu e do outro e da construção da identidade” (BRASIL, 1998b, p. 25). A concepção apresentada está mais ligada as limitações corporais do que as possibilidades de ação corporal individual e coletiva.

A construção da identidade e autonomia perpassa pela construção da consciência corporal, que abrange a imagem corporal, mas não se restringe a ela e se dá pelo movimento, que praticamente não é discutido. Contudo, identificamos grande avanço contra o ambiente de imobilidade, obediência e silêncio, estabelecido na educação infantil. “Essa expectativa é incompatível com um projeto educativo que valoriza a criança independente, que toma iniciativas e que coordena sua ação com a de outros”. (BRASIL, 1998b, p. 39).

- Conhecimento de Mundo: o movimento na educação infantil

Percebemos o movimento como linguagem que permite a criança atuar sobre o meio físico e sobre o ambiente, desenvolvido conforme necessidades, interesses e possibilidades humanas em diferentes culturas. A instituição de educação infantil deve incorporar significados atribuídos ao movimento pela família e sociedade, de forma que possibilite a ampliação da cultura corporal (BRASIL, 1998a). Contudo, Kishimoto (2001, p. 242) afirma que

há professores que, ao relacionar o movimento à bagunça, adotam atitudes como obrigar crianças a cantarem sentadas na cadeira. Em músicas que falam do corpo e pedem movimentação que exigem a imobilidade e o silêncio, apontando o controle do corpo.

Sem interagir com o meio é mais difícil desenvolver habilidades para uma relação independente. Entretanto, vemos o movimento discutido de maneira enfática, como instrumento para desenvolver e ampliar habilidades motoras, desconsiderando-o inerente à criança e seu fazer criativo. Além disso encontramos o corpo apenas como parte da criança e não como sujeito que é a própria expressão individual e coletiva, que abarca anseios e significados, construídos historicamente em seus corpos. Nos RCNEI “(...) é perceptível uma visão de fragmentação do conhecimento e conseqüentemente do corpo, apesar do discurso da totalidade do ser humano”. Bem como, a brincadeira e o movimento foram reduzidos a conteúdos e itens de avaliação (OLIVEIRA, 2008).

1.1.2 INTEGRAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL (2002)

A discussão do documento Integração das Instituições de Educação Infantil aos Sistemas de Ensino é fundamental por trazer exemplos de propostas que no discurso oficial devem ser seguidas.

“A situação da educação infantil no município era precária, tanto em relação a rede física, quanto em relação aos recursos humanos, constituindo-se em verdadeiros ‘depósitos de crianças’ onde a preocupação era a alimentação e segurança física” (BRASIL, 2002, p. 44). Mais uma vez identificamos a educação corporal de maneira funcional. Ademais chamamos atenção para a expressão “depósitos de crianças”, que na verdade é o que as instituições de ensino infantil tem sido realmente. A crianças

vão cada vez mais cedo para escolas que não dispõem das condições necessárias para atendê-las.

Os avanços nos municípios apresentados são notórios, observamos a diversidade de vivências propiciadas às crianças por meio; da dança, leitura, artes plásticas, jogos, atividades de “faz-de-conta”. “(...) existem livros de história, jogos pedagógicos, brinquedos para as atividades relacionadas ao “faz de conta”, materiais para o desenvolvimento de atividades físicas, entre outros” (BRASIL, 2002, p. 47).

Porém, a educação corporal está intimamente ligada aos cuidados com saúde, alimentação, higiene e segurança. O Espaço e rotina são organizados de maneira assistencialista (VAZ E TAVARES, 2010). Excetuando-se a proposta apresentada em Manaus que propõe uma abordagem ecológica, valorizando a cultura local e adequando o cuidar e educar ao projeto pedagógico do município, por meio de projetos como; “Nossas raízes caboclas” e “Sou criança”. (BRASIL, 2002, p. 55).

Conforme Vaz e Tavares (2010), a partir do corpo expressamos nossos anseios. O movimento é fundamental e faz parte do ser humano possibilitando a aquisição de experiências e interação. Nesse sentido, a utilização da fantasia e brincadeira é preponderante para ampliação da linguagem corporal, todavia, mesmo as brincadeiras tradicionais sendo preconizadas e incentivadas nos documentos legais, não tem sido encontradas significativamente nas escolas infantis (KISHIMOTO, 2001).

1.1.3 POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL (2006)

O documento Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à Educação traz diretrizes e estratégias para implementação de políticas públicas. Nele, identificamos alguns questionamentos relevantes que deveriam subsidiar o debate.

(...) Como garantir um currículo que respeite as diferenças – socioeconômicas, de gênero, de faixa etária, étnicas, culturais e das crianças com necessidades educacionais especiais – e que, concomitantemente, respeite direitos inerentes a todas as crianças brasileiras de 0 a 6 anos, contribuindo para a superação das desigualdades? (BRASIL, 2006, p. 12)

Conforme Orlandi (2012) o sujeito é determinado ideologicamente no processo histórico em que se produz e o corpo é constituído pela subjetivação. Assim, os aspectos mencionados influenciam diretamente na educação corporal das crianças,

já que levanta como proposta uma educação que respeite as características das crianças no seu contexto. Porém, verificamos que o documento se enquadra ora como veículo de divulgação, ora como proposição de políticas públicas e não dá conta de responder os próprios questionamentos e apontar direções de ordem prática e metodológica.

As diretrizes tratam de questões estruturais, apenas uma delas aborda a brincadeira, ao tempo que nenhuma faz referência ao movimento. Parece que se trata de uma escola sem crianças. Ressaltamos a compreensão apresentada no documento anterior de “depósitos de crianças” e como a educação corporal tem sido negligenciada. Através da brincadeira as crianças significam a própria realidade (KISHIMOTO, 2001).

Mas, nas metas estabelecidas percebemos a valorização do “ambiente interno e externo para o desenvolvimento das atividades, conforme as diretrizes curriculares e a metodologia da Educação Infantil, incluindo o repouso, a expressão livre, o **movimento e o brinquedo**” (BRASIL, 2006, p.22). Neste momento, temos indicativos de uma preocupação com o corpo da criança, ela aprende pelo movimento (VAZ E TAVARES, 2010) e a brincadeira é o seu principal recurso.

Entretanto, “o brincar parece não ter espaço na rotina das escolas infantis paulistanas, exceto em ocasiões especiais (...)” (KISHIMOTO, 2001, p. 242). “Nesse sentido, não basta apenas abordar o movimento na educação infantil, mas pensar concretamente em uma prática pedagógica que o estimule de forma criativa e não reprodutiva” (OLIVEIRA, 2008, p.9).

1.1.4 PARÂMETROS BÁSICOS DE INFRAESTRUTURA (2006)

Os Parâmetros Básicos de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil ampliam a discussão sobre o espaço para a educação infantil. As condições dos espaços tem sido limitadoras no que tange a ampliação do repertório da cultura corporal das crianças. O espaço deve promover a descoberta e facilitar a interação da criança com meio (BRASIL, 2006).

A criança precisa de espaço para desenvolver sua criatividade e reconhecer possibilidades e limites do próprio corpo. Conforme Falco e Kok (2009, p.5) “tudo que a criança faz e aprende acontece em um ambiente, em um espaço cujas características afetam tal conduta ou aprendizagem”.

A forma como o espaço está organizado reflete o ambiente e concepção educacional, as pessoas influenciam o espaço, e o espaço influencia as pessoas (AYOUB, 2001). “É ainda a relação espaço-objeto-usuário que estimula e orienta a criança, facilitando a exploração” (KISHIMOTO, 2001, p. 243). Por isso é importante que seja estimulante e possibilite a exploração.

“O próprio reconhecimento da criança de seu corpo (suas proporções, possibilidades e movimento) poderá ser refinado pela relação com o mundo exterior” (BRASIL, 2006, p.26-27). Mas, segundo Falco e Kok (2009) a mal organização dos espaços e as poucas possibilidades de interação das crianças sempre chamaram atenção.

1.1.5 PARÂMETROS NACIONAIS DE QUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL (2006) E INDICADORES DA QUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL (2009)

Na discussão estabelecida nos Parâmetros de Nacionais de Qualidade observamos a criança considerada como “completa” desde nascimento, em virtude de sua constituição física, capacidade de pensar, etc. e, em “crescimento”, por conta das alterações fisiológicas ao longo do tempo.

A abordagem é restrita ao corpo biológico, com grande influência da psicologia, “(...) a interação social torna-se o espaço de constituição e desenvolvimento da consciência do ser humano desde que nasce”, bem como, nas instituições, a crianças devem “ser atendidas em suas necessidades físicas e psicológicas” (BRASIL, 2006c, p. 17-18).

Entretanto, Kishimoto (2001) elucida como outras habilidades corporais são negligenciadas em função da instrução das crianças para aquisição de conhecimentos intelectuais, assim como pretendido pela ideologia dominante para manutenção dos interesses das classes mais abastadas. Como dito por Oliveira (2008, p.3) “a criança tem muitas linguagens, mas a escola e a cultura teimam em lhe separar a cabeça do corpo”.

No que concerne aos Indicadores da Qualidade na Educação Infantil é abordado como “sinais que revelam aspectos de determinada realidade e que podem qualificar algo” (BRASIL, 2009, p.15). Contudo, não achamos no documento uma investigação dos atores acerca dos aspectos que envolvem a educação infantil e como tem sido desenvolvida a educação corporal das crianças.

Notamos até o momento que os documentos oficiais não se preocupam em discutir a questão do corpo e de maneira velada tem instituído práticas educativas que em nada contribuem para transformação social. Segundo Gonçalves, (1994) o corpo das crianças nas escolas se apresentam rígidos e sem autonomia. Como descrito em Oliveira (2008, p. 10) “A contenção do movimento, da expressividade, são práticas ainda comuns no cotidiano das instituições”. A escola tem privilegiado operações abstratas, relegando as demais atividades corporais a momentos de recreação.

1.1.6 CRITÉRIOS PARA ATENDIMENTO EM CRECHES (2009)

Observamos no documento aspectos sobre a organização e funcionamento das creches com relação a prática pedagógica e critérios para definição de diretrizes e normas políticas. “As rotinas da creche são flexíveis e reservam períodos longos para as brincadeiras livres das crianças” (CAMPOS, 2009, p.14). Prevê a interação e participação ativa da família e compreensão da criança como sujeito. “Nossas crianças têm direito de correr, pular e saltar em espaços amplos, na creche ou nas suas proximidades” (CAMPOS, 2009, p.23). Evidenciamos a concepção de aprendizagem pelo movimento corporal e sua relação com o ambiente.

Neste sentido é importante o espaço para interação e brincadeira. Encontramos no decorrer do discurso uma educação corporal a partir do movimento que caminha para um processo de emancipação corporal. Todavia como explicitado por Kishimoto (2001) mesmo que o discurso oficial contemple o espaço para o brincar na educação infantil, na verdade não tem sido encontrado na rotina das crianças, parece a brincadeira foi usurpada do cotidiano.

1.1.7 POLÍTICA DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL: RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO (2009)

O documento baseia-se em três pressupostos; primeiro o desenvolvimento integral da criança, segundo, a favor dos pobres e terceiro, como suporte para vida (BRASIL, 2009). Mas, apesar do primeiro pressuposto ser o desenvolvimento integral da criança o documento não menciona o corpo da criança, parece que as crianças não tem corpo “Percebemos que o corpo e o movimento ainda são questões difíceis de lidar no contexto da educação Infantil” (OLIVEIRA, 2008, p.7).

No Brasil, a educação infantil está mais próxima do primário do que do pré-primário (BRASIL, 2009, p.53). Conforme GONÇALVES, (1994 p.36) “Na escola,

constatamos, assim, as características do processo civilizatório de formalizar as ações humanas, dissociando-as da participação corporal”.

Por isso reforçamos a necessidade de uma educação infantil de qualidade, como direito social para minimizar os efeitos da desigualdade social, que só é possível a partir de uma educação corporal efetiva que contemple as diferentes habilidades corporais e possibilite a compreensão do processo de significação corporal.

Porém, as reformas no campo educacional tem sido utilizadas como instrumento para facilitar a entrada de capital internacional. A educação colocada como mercadoria, tem sua estrutura cada vez mais próxima à empresa, visa apenas o lucro e a competitividade, atendendo aos interesses neoliberais. A escola posta como mecanismo de controle social (MAUÉS, 2003).

Apesar do documento propor uma avaliação da qualidade da educação infantil no Brasil não identificamos como a prática pedagógica tem ocorrido, nem como as proposições dos documentos oficiais se materializam no corpo das crianças.

1.1.8 DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA EDUCAÇÃO INFANTIL 2010

Conforme o Parecer CNE/CEB Nº: 20/2009 “As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, de caráter mandatório, orientam a formulação de políticas, incluindo a de formação de professores e demais profissionais da Educação” (BRASIL, 2009, p. 3).

No que tange a educação corporal é imprescindível levar em consideração “a integralidade e indivisibilidade das dimensões expressivo-motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural das crianças”. (BRASIL, 2009, p. 6). Bem como os atos de tomar banho, alimentar-se, entres outros, permitem as crianças o relacionamento com o próprio corpo e as atividades motoras possibilitam “ampliar a sensibilidade da criança à música, à dança, à linguagem teatral, abrem ricas possibilidades de vivências e desenvolvimento para as crianças” (BRASIL, 2009, p.16).

Após sua homologação a Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009 “Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil”, oferecida por creches e pré-escolas para educar e cuidar de crianças de zero a cinco anos de idade, diferentemente da idade de corte que preconiza a LDB 9394/96 de seis anos de idade. Entendemos a criança como,

sujeito histórico de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p.12)

Assim, a ampliação da cultura corporal de movimento, de maneira contextualizada e adequada a realidade das crianças, é preponderante para equalização social por possibilitar o reconhecimento dos sujeitos e seu processo de significação, dada a sua materialidade o corpo significa em seu próprio ambiente (ORLANDI, 2012).

Dessa forma, a educação infantil visa o acesso de diferentes linguagens e o direito, “à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, a convivência e interação com outras crianças” (BRASIL, 2010, p. 18). Todavia achamos que deveria ser acrescentado o direito ao **movimento** livre e espontâneo considerando-o como “uma das múltiplas e importantes linguagens expressivas, a criança tem o direito de não ser privada do mesmo na educação infantil ou ser exposta a práticas espontaneístas” (OLIVEIRA, 2008, p.9).

Conforme Kishimoto (2001) a escola tem sobreposto a expressão gráfica à outras linguagens, como a simbólica e o movimento. Tem-se privilegiado “(...) operações cognitivas abstratas, desvinculando-as de experiências sensoriais concretas (...)” (GONÇALVES, 1994, p. 36).

Mostramos assim como a escola infantil prioriza conteúdos escolares e marginalizam a expressão das crianças. “A despeito dos avanços teóricos, das mudanças nas políticas públicas e nas propostas curriculares, predominaram práticas instrucionais voltadas ao ensino, mesmo em relação às crianças bem pequenas” (KRAMER, NUNES & CORSINO, 2011 p.78).

1.1.9 CONSTRUÇÃO DE UMA SISTEMÁTICA DE AVALIAÇÃO (2012)

Neste documento identificamos a avaliação da Educação Básica com foco no desempenho cognitivo dos alunos, através de exames; Prova Brasil, ENEM e Provinha Brasil, (BRASIL, 2012). Chamamos atenção mais uma vez para o lugar privilegiado das habilidades cognitivas relacionadas aos conteúdos das disciplinas, em relação à outras habilidades corporais.

Identificamos a proposição de diretrizes que possibilitem um panorama da realidade educacional, através das políticas e programas implementados, bem como padrões de referência para avaliação da qualidade. Todavia,

a perspectiva de assumir padrões de referência para avaliação não pode significar, no entanto, uma simplificação da realidade, reduzindo-a a unidades simples e quantificações, e nem mesmo a circunscrição da atividade avaliativa a uma dimensão técnica (BRASIL, 2012, p.25).

Recomendamos então a continuidade de estudos e propostas para avaliação da e na educação infantil incluindo a criança e seu corpo, enquanto sujeito de e sujeito a (ORLANDI, 2012) no contexto sócio histórico. Conforme Oliveira (2008) os estudos que envolvem a educação corporal e movimento na educação infantil precisam ser mais contundentes.

1.1.10 LEI DE DIRETRIZES E BASES 12.796/13

Altera a Lei nº 9.394/96 e fixa em seu art. 4º a obrigatoriedade da educação básica gratuita dos 04 aos 17 anos de idade. Sobre a Educação Infantil elucidamos o artigo 29º “tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.” A lei não discute questões específicas da educação corporal, muito menos fala do corpo, mas a obrigatoriedade escolar dos 4 aos 17 anos (BRASIL, 2013) nos obriga a repensar a escola e o ensino infantil, pois, “(...) pela materialidade das ações desenvolvidas, se reconfigura, aproximando a pré-escola do ensino fundamental e distanciando a creche do que se tem defendido como direito das crianças” (KRAMER, NUNES & CORSINO, 2011 p.73).

A não abordagem do corpo na lei nos leva a crer que mais uma vez a Educação Infantil está adequada aos interesses da ideologia neoliberal e não com equalização social veiculada no discurso oficial. Segundo Foucault (1987) o corpo tem sido manipulado ao longo do tempo como instrumento de crescimento econômico e posto a serviço do estado.

Outro ponto alterado na Lei 9394/96 é a formação docente, nesse caso, preconiza a exigência de formação mínima de nível superior. A formação docente é apontada ponto chave para melhoria na qualidade da educação infantil (KRAMER,

NUNES & CORSINO, 2011; GATTI, 2010; SAVIANI, 2009; MAUÉS, 2003; AYOUB, 2001).

Evidenciamos em Maués (2003, p. 97) ao abordar as reformas internacionais na educação, “a desregulamentação das estruturas de ensino, o aligeiramento dos programas de ensino, a relação muito estreita entre o mundo empresarial e o mundo educacional”, entre outros. Tais pontos são utilizadas nos discursos oficiais como justificativa para adaptar a escola a era do conhecimento e resposta ao fracasso escolar.

Para Gatti (2010) a formação de professores no Brasil, tem ocorrido de maneira fragmentada nos mais diversos cursos de licenciatura. Tal fato reflete diretamente na qualidade da formação profissional. A formação identificada a partir dos currículos é insuficiente para a atuação pedagógica.

Conforme Saviani (2009) tem sido marcada por um processo de descontinuidade e a questão pedagógica até hoje não é abordada de maneira satisfatória. Isso em virtude dos dois modelos de formação docente utilizados, o primeiro dos conteúdos e o segundo pedagógico-didático. Os cursos de pedagogia historicamente abarcam os processos didáticos enquanto as demais licenciaturas conteúdos específicos das disciplinas.

Nessa direção alguns estudos com fundamentação na pedagogia defendem a atuação da professora “generalista” no desenvolvimento das atividades pedagógicas. Enquanto outros estudos propõe um modelo de ensino baseado em disciplinas, nesse caso, junto com o professor “generalista” o professor “especialista” em diferentes áreas, como a Educação Física, para atuar em aulas específicas (AYOUB, 2001).

Pensar a criança como sujeito pressupõe “pensar num currículo que contemple diferentes linguagens em suas múltiplas formas de expressão, as quais se manifestam por meio da oralidade, gestualidade, leitura, escrita, musicalidade...” (AYOUB, 2001, p. 54). Nesse caso a linguagem corporal constitui numa rica possibilidade de expressão. Assim a presença de professores especialistas podem configurar-se ótima possibilidade para o trabalho em parceira.

(...) poderíamos pensar não mais em professoras(es) “generalistas” e “especialistas”, mas em professoras(es) de educação infantil que, juntas(os), com as suas diversas especificidades de formação e atuação, irão compartilhar seus diferentes saberes docentes para a construção de projetos educativos com as crianças (AYOUB, 2001, p. 56).

Como a educação se **no e pelo** corpo acreditamos que a expressão corporal é uma das principais linguagens a serem desenvolvidas na Educação Infantil. Numa perspectiva de educação **para** o corpo que possibilite uma melhoria da capacidade de ação das crianças. Nesse sentido a inserção da Educação Física na Educação Infantil pode ser o espaço para a criança brincar e apreender a linguagem corporal, já que a especialidade da área se enquadra justamente no âmbito da cultura corporal.

Mesmo com a deficiência na formação para atuar na Educação Infantil, algumas experiências na área mostram que “(...) a presença do(a) profissional da educação física na educação infantil pode colaborar muito positivamente na educação das crianças (...)” (AYOUB, 2001, p.59).

No que concerne as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica publicadas em 2013, apesar de contemplar a Educação Infantil e trazer em seu bojo um capítulo destinado a revisão da Diretrizes Nacionais para a Educação Infantil, não encontramos aspectos que não os já bordados, tendo em vista que os tópicos elencados são; o relatório do Parecer CNE/CEB Nº: 20/2009 e a Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, já contempladas na Diretrizes Curriculares publicadas em 2010 e discutidas anteriormente.

Para compreendermos melhor a realidade deste nível de ensino, optamos por ampliar o debate buscando a concepção de educação do corpo e movimento na educação infantil em produção acadêmica da área, que abordaremos a seguir.

1.2 CORPO, CRIANÇA E CONHECIMENTO – POSSIBILIDADES DE ENCONTRO

1.2.1 ESTUDOS SOBRE O CORPO NO BRASIL

Consideramos a Educação Física, enquanto área do conhecimento como jovem, em virtude da sua proximidade com as ciências naturais, humanas e sociais, das divergências acerca da definição do objeto de estudo, do reconhecimento como ciência ou prática social, bem como do papel que deve ter na universidade, por isso encontra dificuldade para se firmar como tal (MANOEL; CARVALHO, 2011).

Para Manoel e Carvalho (2009, p.391) a Educação Física “(...) é negligenciada como prática social e campo de conhecimento que instiga o diálogo entre saberes e práticas diversas, sejam eles da educação, das ciências da saúde, das ciências biológicas ou das ciências sociais e humanas”.

Na discussão acerca da pós graduação no Brasil e a tendência para a biodinâmica estabelecemos o evidente debate epistemológico que permeia a área da Educação Física brasileira e as características de sua produção acadêmica. Alguns autores acreditam que, esta deve ser vista apenas como a arte de ensinar, outros, compartilham da ideia difundida por Henry (1964) de que ela deve ser disciplina acadêmica que investiga o movimento humano, e outros, como Mauro Betti (1996) a veem apenas como campo de intervenção pedagógica.

Valter Bracht (2003) destacou o fascínio que a visão científica da Educação Física exercia sobre a comunidade como responsável pelo distanciamento do campo em relação à intervenção pedagógica. Bracht argumentou que, ao assumir a retórica da ciência, a Educação Física converteu-se a um modo hegemônico de fazer ciência (estritamente falando, o da ciência natural), distanciando-se da pesquisa e da prática pedagógica (MANOEL; CARVALHO, 2011, p.392).

Como descrito, o campo das ciências da natureza sempre conduziram a produção de conhecimento no âmbito da Educação Física. Para Da Silva, Velozo e Rodrigues Junior (2008) historicamente utilizamos de seus aportes metodológicos, fato que revela uma compreensão de ser humano limitada.

Em relação à produção científica, observamos nos indexadores arrolados pela CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior o que tem sido produzido no Brasil nos últimos cinco anos no âmbito da educação do corpo, embora o tema Educação Infantil tenha mais de 1000 publicações, poucas são as que tratam do assunto, como ilustramos na Tabela 1.

Tabela 1 – Corpo e Educação Infantil

TERMOS UTILIZADOS	PUBLICAÇÕES EM PERIÓDICOS NA CAPES
A – Consciência Corporal	336
B – Imagem Corporal	741
C – Esquema Corporal	833
D – Educação Infantil	1901
A + B	115
A + C	54
A + D	28
B + C	45
B + D	51
C + D	21
A + B + C	20
A + B + D	15
A + C + D	07
B + C + D	07
A + B + C + D	05
COLEÇÕES VERIFICADAS	
OneFile (GALE); SciVerse ScienceDirect (Elsevier); Directory of Open Access Journals (DOAJ); Project MUSE; SciELO Brazil (Scientific Electronic Library Online); Social Sciences Citation Index (Web of Science); Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal; Oxford Journals (Oxford University Press); Wiley (CrossRef); Dialnet; MLA International Bibliography; Arts & Sciences (JSTOR).	

Identificamos que alguns destes estudos discutem a ditadura da imagem corporal (ZORTEA, et. al., 2008) a hospitalização e o adoecimento em crianças, (MELO, 1994; MOREIRA, 2010) e diferenças de gênero (SILVA; LUZ, 2010; GARAIGORDOBIL; AMIGO, 2010).

Há também a presença de outros estudos que avaliam a visão de corpo atribuída, entre eles o de Buss-Simão (2009), que busca identificar a produção acadêmica produzida no que diz respeito ao corpo, criança e educação. Segundo Buss-Simão (2009, p.13) “Estudos e pesquisas no Brasil alertam que a dimensão

corporal, historicamente tem seu aporte teórico vinculado ao campo das ciências naturais e biológicas”.

Assim como o estudo realizado por Borges (2010), para compreender de que maneira acontece a construção da imagem corporal na pré-escola e suas contribuições para aprendizagem. No texto identificamos a imagem corporal como sendo a forma que o corpo se apresenta para nós. O desenvolvimento da imagem ocorre de zero a seis anos de idade e como processo dinâmico sofre modificações durante a vida conforme a sociedade e cultura vivida.

Para Tavares (2003) a imagem corporal compreende aspectos do consciente e inconsciente, está relacionada a identidade pessoal e à experiências existenciais. “Engloba todas as formas pelas quais uma pessoa experencia e conceitua seu próprio corpo (...) influenciada por fatores sensoriais, processo de desenvolvimento e aspectos psicodinâmicos” (p. 15). Por isso ela é dinâmica assim como as relações com o mundo, sendo estruturada a partir de determinado grupo social.

Conforme Turtelli, Tavares e Duarte (2002) na pesquisa realizada para investigar como a relação imagem corporal e movimento vem sendo abordada, identificamos que a maioria dos estudos tem ocorrido em diferentes contextos, terapêuticos, trabalhos corporais, abordagem pedagógica e outros. Tavares (2003) aborda que a ação corporal é fundamental na construção da identidade pessoal, alerta que se desenvolve de maneira condicionada, “domada”, possibilita uma estruturação social e novas possibilidades de relações, entretanto,

A homogeneização da ação corporal implica, noutras ocasiões – e mesmo concomitantemente a expansão de nossa atuação social -, a perpetuação da mesmice, inibindo a manifestação do movimento individualizado, genuíno e espontâneo, elemento essencial de transformação e desenvolvimento (TAVARES, 2003, p. 17).

Dessa forma, o desenvolvimento da imagem corporal está associado ao próprio desenvolvimento da identidade corporal que “está intimamente ligado ao processo de vivenciar sensações dimensionadas à singularidade de nossas pulsões e de nossa existência desde a mais tenra idade” (TAVARES, 2003, p.81). Essas vivências devem propiciar além da descoberta, a possibilidades de intervenção pelo próprio corpo estimulando o fazer criativo das crianças.

Assim compreendemos que a imagem corporal se dá a partir da forma como nos vemos e acreditamos que os outros nos veem, modificada constantemente conforme as experiências as quais somos submetidos. Porém, verificamos nos

trabalhos analisados que há uma tendência em definir a imagem corporal conforme a área de estudo, gerando divergências conceituais. Diante disso, “acreditamos que seria enriquecedor para todas as áreas se houvesse uma sistematização dos conceitos relacionados à imagem corporal” (TURTELLI; TAVARES; DUARTE, 2002, p.163).

Em pesquisa bibliográfica, sobre as contribuições do psicólogo Seymour Fisher para o estudo em imagem corporal, Ribeiro e Tavares (2011, p.92) traz a consciência corporal como componente desta. “A consciência corporal está envolvida em vários fenômenos como a culpa, a emoção, a memória, entre outros. A proeminência perceptiva do próprio corpo apareceu como um poderoso fator psicológico”.

De acordo com Ribeiro e Tavares (2011) algumas pessoas são mais focalizadas nas sensações corporais, enquanto outras parecem não se importar com o que ocorre no próprio corpo. Acrescentam ainda que “o corpo representa o único lugar seguro que o indivíduo possui, o corpo é o invólucro do eu e é a base segura para as operações de interação entre os mundos interno e externo” (p. 92).

Silva *et. al.* (2012), apresentam uma ideia dicotômica de corpo-mente, ao propor um programa psicomotor para melhoria na condição de vida de um indivíduo com poliomielite. A intervenção propiciou ao indivíduo explorar a si e o meio com mais afinco e como resultado desse ocorreu “a melhora da autoimagem, confirmando a íntima ligação da mente com o corpo, como um todo indissociável” (p. 344).

Nessa Linha, Mastroianni (2007) aborda a consciência corporal na escola com uma abordagem psicomotora, entende que se dá a partir da estruturação do esquema corporal. Utiliza dois grupos para o estudo, um submetido a atividades corporais e outro, nomeado de grupo controle para avaliar o desenvolvimento da consciência corporal com Teste de Figura Humana. Assim como os estudos apresentados anteriormente Mastroianni (2007) também o faz de maneira reducionista, numa perspectiva de causa e efeito. Nesse caso a atividade motora propiciando um maior desenvolvimento da consciência corporal, quando na verdade deve ser entendida como inerente ao homem.

Em Bonomo e Rossetti (2010) ao avaliar o desenvolvimento percepto-motor e cognitivo de crianças com síndrome de Down, relacionando a atividade motora e estruturação intelectual, comprovamos a construção da percepção corporal atrelada a mobilidade da criança e o movimento como veículo para conhecimento de si e efetivar suas ações sobre o meio. O estudo é realizado baseado no construtivismo de

Piaget avaliando a qualidade do movimento realizado com relação ao padrão esperado para idade. Da mesma forma que Mastroianni (2007) desconsiderando outras variáveis do cotidiano infantil na construção desta consciência, como os outros espaços que a criança se relaciona.

Percebemos assim que alguns estudos envolvendo o corpo no Brasil tem sido realizados numa perspectiva reducionista, que analisa aspectos físicos, psicológicos, biológicos e sociais separadamente. Há uma preocupação constante em que as crianças sejam capazes de identificar a atividade que estão realizando, suas limitações/possibilidades, todavia apenas numa perspectiva centrada no próprio corpo e desconsiderando sua relação com o mundo.

Para Souza (2005) controlamos e observamos o corpo a partir do campo em que ele se encontra. Assim formamos os saberes, clínicos, pedagógicos, entre outros, que permitem uma nova forma de controle corporal das pessoas. Da mesma forma o pensamento científico sobrepõe um visão mecanicista no conhecimento dos seres humanos.

(...) reduzindo o corpo aos seus menores constituintes e à categoria biológica: o "organismo". Tal maneira de pensar, conhecer, nomear e explicar o corpo humano, engendrada na discursividade científica, vem produzindo formas fragmentadas de pensar em relação à sua constituição, ao seu funcionamento e aos processos que nele ocorrem (...) (SOUZA, 2005, p. 173).

De acordo Moreira (1995) o ser humano não é reconhecido em sua totalidade, não é entendido enquanto habitante de um corpo que se relaciona, que cria, que se expressa, que sofre repressões, que vibra, que se movimenta. "Buscamos a totalidade porque aprendemos a ver somente os fragmentos e se dizemos isto é porque nossos sentidos reclamam uma unicidade perdida nos atos ditos didáticos" (p. 51). Inibir o ser humano de conhecer suas possibilidades e expressão é coibir o seu desenvolvimento integral, é reprimi-lo de descobrir a si mesmo para aprender a respeitar, valorizar e reconhecer o próprio corpo.

Conforme Gonçalves (1994) compreendemos que a unidade humana, vivenciada na percepção e na motricidade, permite que o corpo seja veículo do ser no mundo, lugar onde a transcendência do sujeito articula-se com o meio, utilizando-se do movimento na busca de possibilidades capaz de torná-lo um novo ser, pois o "ser no mundo com o corpo significa estar aberto ao mundo e ao mesmo tempo, perceber

o corpo na sua intimidade do Eu: sua beleza, sua plasticidade, seu movimento, prazer, dor, cansaço e contemplação” (p.103).

Nesta direção, para Cavalari (2005) ao tratar da consciência corporal na escola buscamos o desenvolvimento humano, com intuito de despertar o desejo do ser de se reconhecer através das potencialidades do corpo. Assim a consciência corporal é o mecanismo para atingir essa consciência e a possibilidade que o aluno como ser humano manifeste sua individualidade. O desenvolvimento do consciente associado a compreensão do inconsciente.

Consciência corporal é conhecimento de si próprio; da estrutura corporal e seu funcionamento, limites e possibilidades do corpo estimulando o desenvolvimento de percepções das sensações, no sentido do prazer e frustração de viver o todo que é corpo na aceção da corporeidade (CAVALARI, 2005).

Conforme exposto por Rocha (2009) ao realizar uma revisão bibliográfica sobre a consciência corporal, esquema corporal e imagem do corporal, é fundamental entendermos o que está sendo realizado em pensamento, movimento e sentimento, desenvolvendo a consciência do corpo e do ambiente. Assim como Cavalari (2005), toma como ponto de partida a corporeidade “o corpo é ao mesmo tempo sentimento, movimento e pensamento” (ROCHA, 2009, p.29). As interações que ocorrem entre os corpos a partir das demandas sociais é o que constitui o que chamamos de consciência corporal (ROCHA, 2009).

Para Melo (1994), consciência corporal é a interação, entre a imagem e esquema corporal, a partir da sua relação com a sociedade. Como a mesma é contínua e representativa, sofre adaptações e transformações, intrínsecas e extrínsecas, de acordo com o momento vivido.

Neste sentido, estudos que abordam o corpo na perspectiva da consciência corporal avançam para além da compreensão de esquema corporal fundamentado na neurologia e imagem corporal na psicanálise. Concebemos então o corpo na história e suas relações sociais (BUSS-SIMÃO, 2009).

Todavia a partir da produção acadêmica é iminente a continuidade de estudos que levem “a uma compreensão mais ampliada das crianças e de sua dimensão corporal, uma vez que o corpo é certamente destinatário privilegiado de parte substantiva das práticas educacionais” (BUSS-SIMÃO, 2009, p.129). É sobre o corpo que são atribuídos os castigos. Muitas vezes, negado o direito à correr, pular e outros

comportamentos que constituem as múltiplas linguagens da criança (BUSS-SIMÃO, 2009).

Apesar de partilharmos a compreensão apresentada por Melo (1994), neste trabalho partimos do pressuposto que somos mais que um corpo no mundo. Considerando-o enquanto produto e matéria, os corpos refletem aquilo que a sociedade nos corpos inscreve. “O corpo evidencia as marca da territorialidade, dos limites, das contradições e ambiguidades que são fruto do embate de significados inerentes a capacidade de um modo geral” (FERREIRA, 2002, p. 99).

Como demonstramos ao longo do debate os discursos sobre o corpo variam conforme o lugar de onde se fala. Dessa forma a educação corporal no Ensino Infantil extrapola o discurso difundido oficialmente e esses discursos são ressignificados pelas professoras.

Além disso, como notamos em Orlandi (2012) não há discurso sem sujeito, muito menos, sujeito sem ideologia. Assim o sujeito é a todo momento interpelado por esta ideologia. Dessa forma diante da sua materialidade, esse corpo-sujeito não fala, ele é significado, constrói sentidos, atravessado por uma discursividade construída historicamente (FERREIRA, 2005). É nesse viés que pretendemos conduzir o debate.

1.2.2 ASPECTOS HISTÓRICOS E CULTURAIS RELACIONADOS AO CORPO E INFÂNCIA

Segundo Ariés (1981) em sua abordagem sobre a história social da criança e da família, a importância dada a criança varia conforme o momento histórico e a classe social que ocupa. Ao abordar o tratamento dado a infância na Idade Média, ilustramos que as crianças eram tidas como adultos que estabeleciam os mesmos tipos de relações, em jogos, brincadeiras, etc., tratadas sem o menor pudor. Da infância se tornava homem sem passar pelas fases da juventude “a transmissão dos valores e dos conhecimentos, e de modo mais geral, a socialização da criança, não eram portanto nem asseguradas nem controladas pela família” (p. 4).

Nesse sentido, identificamos a importância dos adultos não abordem assuntos sexuais na presença de crianças, “esse sentimento era totalmente estranho à antiga sociedade”. (p. 112). Verificamos que “no mundo das fórmulas românticas, e até o fim do século XIII, não existem crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim, homens de tamanho reduzido” (p. 42).

Cada sociedade em determinada época busca compreender o papel da criança. A sociedade Medieval nunca deu muita importância a criança, pois com as condições insalubres da época e os altos índices de mortalidade, indicavam que a qualquer momento poderiam não estar mais em seu meio.

A visão acerca da criança é construída historicamente. Identificamos que as reformas advindas do cristianismo, ligados as leis e o estado, com apoio da família foram determinantes na construção de um “sentimento de infância”. A criança deixa de ser misturada aos adultos e se tem início ao processo de escolarização como mecanismo para educação (ARIÉS, 1981).

Automaticamente com o passar do tempo há um estreitamento da relação da criança com a família, a infância ganha outro significado e torna-se objeto de preocupação. Ressaltamos ainda que “o sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças. Corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem” (ARIÉS, 1981, p. 145).

Ressaltamos então a criança considerada apenas biologicamente, o enfoque social se dá a partir da modernidade com a preocupação da família em educar os filhos e o surgimento da escola.

(...) a escola e o colégio que, na Idade Média, eram reservados a um pequeno número de clérigos e misturavam as diferentes idades dentro de um espírito de liberdade de costumes, se tornaram no início dos tempos modernos um meio de isolar cada vez mais as crianças durante um período de formação tanto moral como intelectual, de adestrá-las, graças a uma disciplina mais autoritária, e, desse modo, separá-las da sociedade dos adultos (ÁRIES, 1981, p. 154).

Além das contribuições para compreensão da concepção acerca da criança e da família (ARIÉS, 1981) encontramos uma abordagem sobre a história dos jogos e das brincadeiras. Ao referenciar Luis XIII encontramos o contato desde a infância com atividades como a dança, teatro, música, etc., bem como brinquedos mais rústicos, cata-vento, cavalo de pau e pião. Vemos a importância dessas atividades para a formação de Luis XIII. Acrescentamos que embora viva entre adultos, ainda vivia como criança.

Nesta perspectiva os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, concebem as práticas de movimento como mecanismo de expressão nas relações individuais e coletivas. “Em paralelo com a construção de uma melhor coordenação corporal ocorre

uma construção de natureza mais sutil, de caráter mais subjetivo, que diz respeito ao estilo pessoal de se movimentar dentro das práticas corporais cultivadas socialmente” (PCN, 1997, p.30).

Ou seja, a criança aprende com o movimento, no jogo de interações, brincando. Assim precisamos repensar a necessidade humana de realizar movimentos livres e espontâneos. Todavia, Andrade (2004, p.107) ressalta que “tradicionalmente nossos corpos são contidos, controlados, disfarçados, escamoteados (...)”. Estes processos iniciados desde o nascimento, impregnam valores a partir de construções sociais que acompanham o indivíduo até o fim da vida.

De acordo Bruhns (2001, p.45-46) “é viva na lembrança infantil do que se sobrepunha ao meu corpo: cobri-lo, fechá-lo, limpá-lo. As roupas que o cobriam, os gestos contidos para fechá-lo, o cuidado diante do mundo externo pra mantê-lo limpo, o banho pra purificá-lo cotidianamente”.

Conforme Medina (1991, p.23) “desde a gestação somos modelados pelos valores vigentes, pela cultura, pela situação de classe social a qual pertencemos, e assim, dentro dessas circunstâncias, nascemos, crescemos, vivemos, sobrevivemos, adoecemos e morremos”.

Por isso, merece destaque o tratado de Erasmo de Rotterdam, *De civilitate morum puerilium* (da civilidade em crianças) no séc. XVI, conforme Elias (1994), a obra é dedicada ao comportamento das pessoas em sociedade, mais especificamente, ao filho de um príncipe, cuidando da postura, gestos, vestuários etc. O seu sucesso e rápida disseminação como manual educativo atendia uma necessidade social da época. “... quanto mais estudamos o pequeno tratado, mais se torna claro o quadro de uma sociedade com modos e comportamento em alguns aspectos semelhantes aos nossos” (ELIAS, 1994, p.70).

Algumas transcrições do tratado de Erasmo, também trazidas por este mesmo autor, demonstram o escamoteamento e a desvalorização das atividades corpóreas, “nobreza mais autêntica é possuída por aqueles que podem gravar em seus escudos o que conseguiram pelo cultivo das artes e das ciências”, relatamos ainda, “(...) um nobre, ou qualquer outro homem de honra, não deve correr na rua ou apressar-se demais, uma vez que isto é próprio de lacaio e não de cavaleiro” (ELIAS, 1994, p. 86, 88).

Através do tratado de Erasmo ilustramos bem a negação a liberdade humana, em nome da civilidade no século XVI e como já dito, não difere de alguns dos nossos

comportamentos. A razão apresentada perpetua o racionalismo, estabelece o intelecto como dimensão primeira e desconsidera a afetividade, a cultura e a corporeidade como dimensões indissociáveis da vida humana.

Esse posicionamento se faz bem presente na atualidade. As experiências dos alunos propiciadas na escola estão comprometidas com a aprendizagem relacionada aos conteúdos das disciplinas em detrimento das práticas corporais. Segundo Gonçalves, (1994, p.36), constatamos na escola sinais do

Processo civilizatório de formalizar as ações humanas, dissociando-as da participação corporal, de privilegiar as operações cognitivas abstratas, desvinculando-as de experiências sensoriais concretas, e de esquecer o sentido existencial do presente em função de um futuro abstrato.

Esta realidade acompanha o indivíduo desde o seio familiar, quando os pais, exigem dos filhos comportamentos que implicam na desvalorização do lúdico “detração da fantasia” (ADORNO, 1995). Apesar de refletir diretamente na construção da consciência corporal, o ambiente escolar tem perpetuado fatores que limitam o desenvolvimento do movimento corporal, atuando no controle de gestos e movimentos. As relações de poder as quais os sujeitos são submetidos marcam o corpo e como as práticas discursivas também atuam neste sentido, acabam por governar a vida dos indivíduos (FOUCAULT, 1987).

Nesta linha, Foucault (1987) ressalta que o controle social antes de atuar pela ideologia começa no corpo e a partir dele. Assinala ainda que foi no corpo que a sociedade capitalista investiu.

O corpo então, se constitui peça de uma máquina multissegmentar, instrumento para crescimento econômico e alienação política (FOUCAULT, 1987). As relações estabelecidas pelo neoliberalismo, privilegiam a busca incessante de poder aquisitivo atrelado ao aprimoramento tecnológico, carros, controles remotos, entre outros. Observamos, também, destruição de ambientes naturais, tempo escasso, agravamento de doenças etc. Para Capra (1982, p.228);

Nossa obsessão pelo crescimento econômico e pelo sistema de valores que lhe é subjacente criou um meio ambiente físico e mental no qual a vida se tornou extremamente insalubre. Talvez o aspecto mais trágico desse dilema social seja o fato de que os perigos à saúde criados pelo sistema econômico são causados não só pelo processo de produção, mas pelo consumo de muitos dos artigos que são

produzidos e promovidos por campanhas maciças de publicidade para alimentar a expansão econômica.

Toda essa tecnologia tem exigido cada vez mais as capacidades mentais da criança e promovido o distanciamento das atividades motoras. Conforme dados do Portal da Saúde do Governo Federal (2012) o nível de atividade física da população adulta não passa de 15%.

De acordo com Russel em *Elogio ao Lazer* (1932) as danças campestres estão desaparecendo, o prazer da população urbana tem sido passível, restrito a filmes, ver futebol, rádio, etc. Apesar deste estudo não estabelecer o debate no âmbito do Lazer, observamos como o corpo e a dimensão lúdica e prazerosa do ser humano tem sido negligenciada em função do trabalho para atender interesses econômicos. Chamamos a atenção para a lógica dos últimos anos onde "(...) o único conhecimento digno de adquirir é aquele aplicável a algum aspecto da vida econômica da comunidade" (RUSSEL, 1932, p.28).

Além disso, o corpo está imerso no arcabouço político e científico que o conduz conforme padrões de beleza, saúde, etc., pautados no consumo. Assim são empregadas diversas estratégias para sujeitar as pessoas, "(...) cobrindo a superfície que se estende do orgânico ao biológico, do corpo à população, encarregando-se da vida" (SOUZA, 2005, p. 179).

Atualmente os discursos sobre o corpo atuam numa perspectiva de mercado que vende e consome. Através dos modismos e culto ao belo, contribuímos para uma alienação corporal e criação de vários estereótipos, qual o do corpo ideal, ou seja, mudaram-se os métodos, mas o enclausuramento permanece, recaindo ainda com mais força no corpo das crianças.

Entre os mecanismos de poder encontramos "(...) os meios de comunicação de massa - rádio, televisão, revistas, jornais ..." (SOUZA, 2005, p. 180). Assim as práticas difundidas, instituem significados que se transformam em elementos fundamentais na rede que controla a vida das pessoas. Nessa discussão Colvara (2007, p.9) questiona o papel da televisão:

O que as crianças assistem? Uma vez que, de acordo com o IBOPE, os programas de maior audiência, 14 entre as crianças de 04 a 11 anos não são dirigidos ao público infantil. Lideram o ranking as novelas (das 19 horas e das 20 horas), o jornalismo noturno, e programas humorísticos.

Em relação a concepção material do corpo, associada a uma sociedade globalizada, composta por “ganhadores” e “perdedores”, com ideal hegemônico de enquadrar-se na primeira categoria, para Hercules e Silva (2005) a imposição disseminada nos mecanismos de comunicação de massa são determinantes no desenvolvimento corpóreo.

Segundo, Matos (1993) sempre que determinada forma encontra êxito de consumo a indústria mantém o mesmo padrão, exemplificamos ainda “o mesmo procedimento de indiferenciação entre objetos e indivíduos na troca no mercado está presente na televisão”. Essa concepção recai ainda com mais força no corpo da crianças transformando-as em “adultos em miniatura”, conforme Ariés (1981, p.184-185),

(...) o sentimento da infância encontrou sua expressão mais moderna nesses mesmos meios de burgueses esclarecidos, admiradores de Greuze e leitores do Emile ou de Paméla. Mas os antigos gêneros de vida sobreviveram quase até nossos dias nas classes populares, submetidas por menos tempo à ação da escola. Teríamos até mesmo razão em perguntar se nesse ponto não houve uma regressão durante a primeira metade do século XIX, sob a influência da demanda de mão-de-obra infantil na indústria têxtil. O trabalho das crianças conservou uma característica da sociedade medieval: a precocidade da passagem para a idade adulta (ARIÉS, 1981, p. 184).

Além disso, vemos o resgate de hábitos e comportamentos sociais semelhantes aos encontrados na Idade Média: as crianças se comportam e vestem como adultos (ARIÉS, 1981). A infância tem sido ressignificada a partir da sociedade do consumo que trata as crianças como consumidores em potencial e encontra na indústria cultural seu principal difusor.

Nesse sentido quando discutimos como as diferenças são significadas e representadas na escola revelamos o quadro de deformidades que extrapolam o cotidiano escolar. “As diferenças, ao serem observadas, serviram de parâmetros estabelecidos de desigualdades de oportunidades nas aulas, preconceitos e sectarismos, pautados por certos estereótipos” (OLIVEIRA; DAÓLIO, p. 155, 2010).

Para Oliveira e Daólio (2010) a padronização de determinadas formas de jogar ou qualquer outra atividade desvaloriza e inferioriza algumas ações corporais contribuindo para o surgimento de preconceitos e estereótipos. As diferenças refletem além das características dos sujeitos toda sua subjetividade, condição vivida e visão de mundo.

Dessa forma, a partir do esboço apresentado pretendemos abordar os discursos sobre a visão de corpo e a maneira como a educação corporal tem sido desenvolvida na Educação Infantil, levando em consideração as características do processo civilizatório de submissão corporal para controle social e manutenção da ordem vigente.

2 O MÉTODO DE ANÁLISE DO DISCURSO

A Análise do Discurso não diz respeito às características de determinada língua; trata do discurso em movimento, busca o sentido produzido, conforme condições históricas e pondera que ao dizer o ser humano se significa. Assim considera as condições do processo de construção da linguagem, leva em conta o que foi dito em relação ao lugar de produção desse discurso. Reitera que não há sujeito sem discurso e nem discurso sem sujeito, como também não há sujeito sem ideologia. Por isso o sujeito é interpelado a todo momento pela mesma (ORLANDI, 2012).

Segundo Orlandi (2012, p.17) “... partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a língua-discurso-ideologia.”

A Análise do Discurso surge a partir da necessidade de superar a análise de conteúdo que busca entender o que foi dito, como se este apresentasse apenas um significado. Todavia a linguagem não é transparente, por isso é necessário buscar como o discurso se constitui (ORLANDI, 2002, 2012).

A análise do discurso se estrutura no espaço da Linguística, Psicanálise e o Marxismo. “(..) irrompe suas fronteiras e produz um novo recorte de disciplinas, constituindo um novo objeto que vai afetar essas formas de conhecimento em seu conjunto: este novo objeto é o discurso” (ORLANDI, 2012, p. 20). Para os linguistas o simbólico é inconsciente e deriva da linguagem. Mas, para a Psicanálise, o simbólico é que se constitui da condição da linguagem e, portanto, do inconsciente. O referencial da teoria psicanalítica viabiliza compatibilizar a estrutura e o acontecimento, sendo que a estrutura se dá com o real. É importante construir uma elaboração da estrutura cuja lógica coloque em jogo a dimensão do real, do inconsciente (LEITE, 1993).

O inconsciente é uma dimensão do real, o que implica dizer que é diferente de obscuro ou oculto. É um saber que não se sabe, um saber sem sujeito. Fica a cargo da Análise do Discurso a função de reconhecer os sujeitos, já que sujeito e sentido são correlatos, na medida em que se produzem como efeito (LEITE, 1993).

A esse respeito Orlandi (2012) diz que nem o sujeito e nem a linguagem são os mesmos após as contribuições da linguística e psicanálise, nem a Língua é a mesma a partir do materialismo.

Há que se deixar claro que não se trata também apenas da relação de troca de informações, mensagem, emissor-receptor, de forma separada. O processo de significação é simultâneo. A linguagem ao mesmo tempo que comunica, também não comunica. “O discurso tem sua regularidade, tem seu funcionamento que é possível apreender se não opomos o social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo ao objetivo, o processo ao produto”, (ORLANDI, 2012, p.22).

Conforme Orlandi (2012) todo o sujeito tem a falsa ilusão de ser o sentido daquilo que diz e acredita ter o seu domínio. Coloca-se na origem e acredita ser o regulador do dito e não dito. Também chamado de esquecimento ideológico (Este seria o esquecimento número 1). O segundo esquecimento ocorre de maneira que o sujeito privilegia determinados dizeres, em detrimento de outros, acreditando estar no controle do que é dito, chamado de esquecimento enunciativo, pensamos que o que foi dito só o poderia dessa forma. Para a autora, não é um defeito, é uma necessidade para que a linguagem funcione. O sujeito ao esquecer o que foi dito, se identifica com o que diz e se constitui sujeito. É dessa forma que se significam. “por isso é que dizemos que o esquecimento é estruturante. Ele parte da constituição do sujeito e dos sentidos” (2012, p. 36).

O sujeito e o sentido são determinados pela ideologia no processo histórico em que se produz. O sujeito “é materialmente dividido desde a sua constituição: ele é sujeito de e sujeito à” (ORLANDI, 2012, p.49). Isto ocorre, pois para produzir sentido o discurso é afetado pela língua e pela história e está submetido a elas.

Nessa linha, o corpo é investido de sentido e se constitui pela subjetivação, onde as instituições e práticas são determinadas na mesma forma como se individualiza, enquanto sujeito histórico. “(...) dada a sua materialidade o corpo não fala, ele significa em seu próprio lugar” (ORLANDI, 2002, p. 14).

Conforme Freitas (2005) estudos na área de Educação Física tem utilizado a Análise do Discurso para analisar o sentido dos discursos pesquisados e estabelecer a sua relação com o movimento corporal. Nesta direção Ferreira (2003, p. 26) explica que “(...) embora as linguagens não-verbais sejam mais plurais em seus modos de significar, a linearidade do verbal acaba por submeter esta pluralidade à unidade do sentido”

Assim, para Orlandi (2012, p. 59), a proposta é construir um mecanismo de análise que possibilite estabelecer a relação entre o que o sujeito diz, com o que é

dito em outro lugar “(...) procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz, mas que constitui igualmente o sentido de suas palavras.

Decidir o que faz parte ou não dessa análise é estabelecer *propriedades discursivas*. Como proposto pela autora o *corpus* de análise resulta de uma construção do próprio analista e deve ser montado a partir de critérios fundamentados teoricamente que permitam a sua compreensão, assim a construção do corpo de análise e a análise estão intrinsecamente ligadas, por isso a necessidade de intervenção da teoria para conduzi-la.

A análise não é objetiva, mas ela deve ser o menos subjetiva possível, explicando como ocorre a produção de sentidos. E mesmo que já tenha sido concluída, “o que podemos avaliar é a capacidade analítica do pesquisador, pela habilidade com que ele pratica a teoria, portanto, sua capacidade de escrita” (ORLANDI, 2012, p. 64). O corpus de análise permanece para outras abordagens, já que o discurso é objeto de um *processo discursivo* maior.

Ainda para autora com as categorias de análise buscamos construir um objeto discursivo, analisando o que foi dito nos discursos afetados por formações discursivas, para compreender como esse objeto simbólico produz sentidos, retomando conceitos e noções, já que a análise do discurso pressupõe diálogo constante entre a teoria e o objeto de análise. As etapas de análise estão dispostas da seguinte forma:

1ª etapa – superfície linguística – texto (discurso)

2ª etapa – objeto discursivo – formação discursiva

3ª etapa – processo discursivo – formação ideológica

Assim as entrevistas realizadas com as professoras da Educação Infantil foram transformadas em textos. E as categorias de análise montadas a partir de recortes nesses discursos. Como esses recortes fazem parte da unidade de análise, remetemos a um discurso, conforme a visão de corpo presente na literatura, que ganha sentido, pois advém da formação ideológica dominante, buscando descrever como os sentidos produzidos se constituem na sua relação com a memória e a ideologia e como influenciam na maneira de lidar com o corpo.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 CLASSIFICAÇÃO E PARTICIPANTES DO ESTUDO

Trata-se de um estudo de caso, pois enfoca discursos de profissionais de uma determinada cidade do interior de São Paulo, com abordagem qualitativa, pois enfoca fundamentos epistemológicos, visa descrever e decodificar uma realidade (SEVERINO, 2007). Este Município foi escolhido por representar grande importância econômica regional e está localizado a 164 km da capital paulista, com população estimada em quase 386 mil pessoas, possui Índice de Desenvolvimento Humano – IDH próximo de 0,8. A economia é baseada na prestação de serviços, indústria e produção agrícola, com Produto Interno Bruto – PIB entre os primeiros 20 do estado (IBGE, 2013).

Além disso, este município é destaque na área educacional. O número de instituições destinados a pré-escola supera a média do estado de São Paulo e apresenta taxa de escolarização no Nível Superior mais alta que a média nacional conforme Pesquisa Nacional de Amostra por domicílio – PNAD (2011; IBGE, 2013). Fato que nos leva a crer que as ações adotadas no município (principalmente no âmbito educacional) tendem a ser parâmetros de referência nas regiões circunvizinhas.

Contribuíram com este estudo 26 profissionais que atuavam diretamente em sala de aula e que voluntariamente se inscreveram para participar de um programa de formação continuada promovido por uma Universidade daquela cidade em parceria com a Prefeitura local. Estes, foram convidados a participar deste estudo, realizando entrevistas.

Inicialmente os profissionais preencheram um questionário para adesão ao programa de capacitação, no qual referiram: sexo, formação acadêmica, tempo de serviço, na instituição e na função em que se encontrava, presença ou não em sua classe de crianças com necessidades especiais e tipo de necessidade especial que a(s) criança(s) possuía(m).

Todos os participantes são mulheres em sua maioria graduadas em pedagogia, com idade média aproximada de 35 anos, onde a menor idade encontrada é 24 anos e a maior 51 anos. O tempo de atuação na educação infantil variou de um a 21 anos, com tempo médio aproximado de sete anos atuando na área. Dessas profissionais,

10 apresentaram pós-graduação na área de educação (psicopedagogia, gestão escolar, ética e moral, alfabetização e educação especial). Além disso o grupo compreende profissionais das cinco regiões do município onde ocorreu o estudo.

3.2 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Este estudo está inserido em projeto temático aprovado pelo comitê de ética de uma universidade na cidade com parecer 13/12, todos os participantes deram seu consentimento para o estudo e autorizaram a utilização dos dados para fins didáticos e de pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice A). O estudo foi autorizado pela secretaria municipal de educação da referida cidade.

3.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas de acordo com as técnicas propostas por Ludke e André (1986), com questões que versam sobre, compreensão de corpo e de movimento, relação com o próprio corpo e o movimentar-se, entendimento de imagem, esquema e consciência corporal, noção de corpo trabalhada com as crianças e trabalho executado com as limitações corporais das crianças (Apêndice B). O instrumento foi testado com quatro profissionais que não fazem parte deste estudo, mas que já realizaram pesquisas com uso de questionários com profissionais deste nível de ensino, para os ajustes necessários com relação aos procedimentos na condução da entrevista e aplicabilidade das questões levantadas.

As entrevistas aconteceram ou no próprio local do referido programa antes ou depois das aulas, ou na escola onde o profissional atuava, em horário contrário ao das aulas e foram gravadas em aplicativo gratuito para gravação de voz disponibilizado no *play store* do telefone celular da Sansug Galaxy S Duos. No momento que antecedia a entrevista, foi entregue ao profissional um roteiro semiestruturado com as questões chaves da entrevista (Apêndice B), para que este tomasse conhecimento dos aspectos que seriam abordados e para facilitar a interação entre o pesquisador e o profissional. Somente após a autorização, o gravador foi ligado.

As entrevistas foram gravadas em formato de áudio 3GA, estes foram convertidos para o formato, MP3 no site da media.io, sem causar nenhum prejuízo ao áudio original, para possibilitar a execução no *software* de transcrição. O *software* utilizado foi o *Transcriber 1.5.1*. As gravações foram arquivadas no banco de imagens para análise do desenvolvimento infantil, em arquivos digitais do tipo MP3, dentro do Núcleo de Pesquisa responsável pelo estudo.

Foi realizada a transcrição literal das entrevistas e depois a transcrição acadêmica, para adequação gramatical, assegurando a originalidade da ideia apresentada. Após leitura das entrevistas foram levantadas categorias de análise, conforme proposto por Orlandi (2012) para desvelar o significado do que foi transcrito observando as condições sócio históricas de produção. Os dados foram apresentados em quadros conforme as categorias encontradas. As entrevistas podem ser consultadas no Apêndice C.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Todas as profissionais que se inscreveram para o programa de capacitação docente eram regentes de sala de aula, atuando diretamente com as crianças. A formação acadêmica e o tempo de atuação na área estão identificados na Tabela 2.

Tabela 2 – Caracterização dos Sujeitos

SUJEITOS	Formação Acadêmica	Atuação Profissional
1	Pedagogia	5 anos
2	Pedagogia	6 anos
3	Pedagogia	4 anos e 9 meses
4	Pedagogia	3 anos
5	Pedagogia	1 ano e 5 meses
6	Pedagogia	3 anos e 8 meses
7	Pedagogia	1 ano e 7 meses
8	Pedagogia	14 anos
9	Pedagogia	2 anos e 3 meses
10	Lic. em Ciências	4 anos
11	Pedagogia	20 anos
12	Pedagogia	5 anos
13	Pedagogia	6 anos
14	Pedagogia	6 anos
15	Pedagogia	6 anos
16	Pedagogia	15 anos
17	Pedagogia	17 anos
18	Pedagogia	13 anos
19	Biologia	3 anos e 9 meses
20	Pedagogia	7 anos
21	Magistério	3 anos
22	Pedagogia	21 anos
23	Pedagogia	1 ano
24	Pedagogia	10 anos
25	Pedagogia	3 anos
26	Pedagogia	3 anos e 8 meses

Apesar da discussão estabelecida sobre a formação docente no estado da arte é necessário ampliá-la. A qualidade na formação das pessoas responsáveis por conduzir a educação escolar é preponderante na qualidade do ensino, (KRAMER, NUNES; CORSINO, 2011; SAVIANI, 2009; MAUÉS, 2003; AYOUB, 2001).

De acordo com Kramer, Nunes e Corsino (2011), a Educação Infantil é fruto de um processo histórico social. Adquire significado a partir do lugar que ocupa socialmente. Na Idade Média, conforme Ariés (1981) aos adultos que cuidavam das crianças não era necessário nenhuma preparação, já que vivenciavam o mesmo universo. Todavia, isso muda com processo de escolarização, sendo necessário a criação de espaços institucionalizados para desenvolver o ensino, bem como surge a necessidade de capacitar pessoas para educar as crianças.

Como já dito anteriormente, conforme a legislação brasileira, o profissional responsável por atuar no ensino infantil deve ter formação de nível superior em cursos de licenciatura. Entretanto a qualidade dos cursos de formação tem sido colocada em “xeque”, mesmo porque como identificamos em Máues (2003) o estado tem facilitado a abertura de cursos sem se preocupar com a forma como a formação tem ocorrido.

Como podemos observar na Tabela 2, exceto pelo sujeito 21 todas as profissionais que participaram do estudo possuem Nível Superior Completo. Com exceção dos sujeitos 5, 7, 9 e 23 que atuam há mais de 3 anos na Educação Infantil. Com a predominância de formação em cursos de pedagogia, área acadêmica que tem sido responsável por formar docentes para Educação Infantil.

Entretanto, Gatti (2010) em seu estudo sobre a formação de professores para os anos iniciais, ao realizar um mapeamento dos cursos de pedagogia no país chama atenção para o fato do baixo percentual de disciplinas das propostas curriculares que atendem a conteúdos específicos a serem ensinados. “Disciplinas relativas à “Educação Infantil” representam apenas 5,3% do conjunto” (GATTI, 2010, p. 1370). Bem como “Poucos cursos propõem disciplinas que permitam algum aprofundamento em relação à educação infantil” (GATTI, 2010, p. 1372).

Todavia tal realidade não se restringe a pedagogia, ao analisar as áreas de língua portuguesa, matemática e ciências biológicas, as características evidenciadas no estudo indicam nos licenciados uma “frágil preparação para o exercício do magistério na educação básica” (GATTI, 2010, p. 1374). Tais apontamentos corroboram com o posicionamento apresentado por Saviani (2009) ao questionar a qualidade da formação. Ayoub, (2003) ao falar da importância do professor de

Educação Física, no ensino Infantil, também reconhece as falhas durante a formação desse profissional, para atuar na área. Por isso a necessidade de reformulação das questões que envolvem a formação docente e a importância da inserção de especialistas em movimento para atuar na educação infantil.

4.1 COMPREENSÃO DE CORPO E MOVIMENTO DAS PROFISSIONAIS QUE TEM CRIANÇAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS INSERIDAS EM SUA SALA DE AULA.

Considerando-se o conjunto das respostas à questão “*Qual sua compreensão de corpo e de movimento?*” observamos concepções variadas acerca da relação corpo e movimento, bem como diferentes papéis atribuídos aos mesmos. É marcante o entendimento do corpo como máquina (utilitário), o corpo dicotômico e consequente valorização cognitiva, onde o corpo é visto como objeto e a visão reducionista que o fragmenta em partes tendo o movimento como seu instrumento. O corpo é visto como à serviço do capital (quadro 1a e 1b), predomina a visão de corpo dicotomizado (Quadro 2) e o corpo é visto como objeto (Quadro 3).

Quadro 1a - O corpo à serviço do capital

SUJEITO	DISCURSO
1	<i>Cada vez o nosso corpo <u>serve</u> pra alguma coisa ao meu ver. (...) E o movimento totalmente relacionado a descoberta, a <u>aprendizagem</u>, (...) a explorar a própria consciência de corpo mesmo que as crianças tem que ter, que a gente tem que <u>embutir</u> neles.</i>
2	<i>Eu era muito <u>sedentária</u> (...) Agora faz um tempo que estou fazendo <u>exercício</u>, vejo como que isso <u>faz bem</u>, né? (...) agora estou mais <u>disposta</u>.</i>
3	<i>(...) entendo que o <u>movimento</u> é muito importante para o <u>corpo</u>, para <u>saúde física</u>. (...) Tem que está <u>disposta</u> (...), apesar de não fazer, sei que que preciso, porque como com crianças elas tem muita <u>energia para gastar</u>.</i>
7	<i>Compreendo que o corpo é uma <u>máquina</u>, que precisa estar <u>funcionando</u> tudo direitinho, para que a gente consiga <u>fazer</u> todas as nossas <u>atividades</u>.</i>

Quadro 1b - O corpo à serviço do capital

SUJEITO	DISCURSO
9	O <i>nosso corpo</i> é <u>formado</u> pelos membros. E movimento, quando estamos movimentando o corpo, em atividade física, com as <u>tarefas da casa</u> , estamos em movimento.
12	Corpo é todas as <u>partes</u> que, podem dar <u>sentido de movimento</u> . Nosso corpo e formado pelos <u>membros</u> , <u>tronco</u> . Todas as partes do corpo tem o seu movimento. É isso que eu procuro <u>explorar</u> dentro do meu trabalho.
13	Corpo na educação infantil é fornecer as <u>bases das aprendizagens</u> , né? (...) consciência corporal, movimento, ritmo, força, equilíbrio, na verdade toda questão da motricidade (...) <u>imprescindível</u> para futuras aprendizagens (...) <u>conceitos abstratos</u>
21	O corpo eu entendo que seria a <u>estrutura</u> de uma pessoa, nossa <u>estrutura, física</u> , e o movimento é o que você pode fazer com essa <u>estrutura</u> (...).
22	Então, eu compreendo corpo como assim, o <u>nosso corpo</u> , a <u>testa</u> a <u>orelha</u> , a <u>boca</u> o <u>nariz</u> né? e o movimento eu já entendo assim, correndo, pulando, saltando esse é o <u>movimento</u> que <u>o corpo faz</u> .
24	(...) eu acredito que nós devemos <u>cuidar</u> bem da nossa <u>parte física</u> , a questão de movimento por exemplo a parte de fazer atividade física onde a gente pode <u>evitar problemas</u> maiores de <u>saúde</u> .
25	(...) acho que <u>tudo</u> que a gente <u>desenvolve</u> em <u>nosso dia a dia</u> envolve <u>nosso corpo</u> e o <u>nosso movimento</u> .

O corpo sempre foi alvo de repressão e aprisionamento, mas foi no período clássico industrial que ele passou a ser vislumbrado como máquina, então, o objetivo é mais que somente reprimir e aprisionar, mas sim controlar gestos, movimentos e outros (FOUCAULT, 1987).

Como apresentado no Quadro 1a e 1b, os sujeitos 1, 2, 3, 7, 9, 12, 13, 21, 22, 24 e 25 tem em seus discursos evidências de uma concepção de corpo-máquina, dispostos de diferentes maneiras. Bem como identificamos uma associação entre a atividade física e saúde e uma visão de corpo baseada em seus aspectos físicos e biológicos.

O sujeito 1, 13 e 25 apresentam uma visão de corpo utilitária. Nessa perspectiva serve como mecanismo para aprendizagem onde as crianças devem desenvolver ao máximo o potencial cognitivo e atender os interesses do mercado. Ademais uma “educação bancária”, a crianças como receptores de informação. Assim deve-se embutir, apenas conhecimentos que sigam na direção de manutenção da ordem.

A analogia estabelecida pelo sujeito 7 entre corpo e máquina exalta a capacidade produtiva do ser humano, que deve ser “explorada” sem esquecer de fazer as devidas revisões, manutenções e ingestão dos combustíveis adequados, como condição básica para que continue funcionando. Como apontado por Souza (2005) o corpo tem sido reduzido a meros componentes biológicos. A lógica do corpo para o trabalho tem sido sustentada e difundida. Nos séculos XV e XVI a moral capitalista, paródia da moral cristã reduz ao máximo as alegrias do homem em função do trabalho (LAFARGUE, 1999). O trabalho era considerado atividade nobre, que concederia a “salvação” aqueles que progredissem pelos frutos do trabalho (LIBERAL, 2005).

Nas falas dos sujeitos 2 e 3, vemos como esse corpo tem sido negligenciado em função das atividades laborais. “É preciso estar sempre disposta para dar conta de lidar com as crianças”. Nesse meandro o exercício físico é fundamental por auxiliar na manutenção da saúde e capacidade produtiva do corpo.

Conforme Alves e Carvalho (2010) a associação entre atividade física e saúde é posta quase como verdade absoluta. Está presente todo o bombardeio de informações veiculado pela área de saúde e veículos de informação da associação entre exercício e saúde. Assim como evidenciamos na fala do sujeito 24, o movimento na perspectiva de se evitar problemas de saúde. Para Mendes (2009) o ideal de saúde é propagado pelo consumo de uma série de produtos como um chamariz, guiados por um modelo de conduta baseada em preceitos médicos. Este entendimento também pode ser visto no sujeito 4 e 6 no Quadro 2.

Não que isso seja negativo, porém esses cuidados com corpo através do movimento ocorrem de maneira meramente funcional, para o trabalho. Quanto melhor a condição de saúde, maior a produtividade. Esta compreensão atua no sentido de manutenção da ordem social vigente.

Os sujeitos 9, 13, 21 e 22 no quadro 1b e o sujeito 16 no quadro 2 compreendem o corpo como máquina multisegmentar fragmentado em partes que servem para realizar determinados movimentos, pernas para caminhar, no caso do sujeito 21 evidenciado como uma estrutura que pode ser manipulada conforme seus interesses.

Atende mais uma vez a lógica industrial, atua na docilização dos corpos (FOUCAULT, 1987). Da mesma forma são atribuídos os papéis sociais.

Destacamos também a dupla jornada de trabalho encarada pela maioria das mulheres trabalhadoras, como verificamos no estudo de caso de Oliveira *et. al.* (2012). Até mesmo quando as mulheres contratam (nível econômico mais elevado) outras pessoas para realizarem as atividades de casa, não se afastam dos afazeres domésticos, fato que influencia sobremaneira o caráter utilitarista imposto ao corpo feminino reprimido ao longo da história.

Encontramos nos discursos a influência do cartesianismo, que com Descartes (ALÓS, 2011) propõe o método de estudo do corpo de forma separada, o corpo é tido como suplemento da mente. Entretanto, é importante deixar claro que método cartesiano propunha uma nova visão do homem contrária aos interesses da igreja, que estabelecia o convívio corpo e alma numa relação de interdependência. O método foi fundamental no desenvolvimento da sociedade ocidental, mas como implicação, até hoje são realizadas pesquisas para avaliar aspectos psicológicos e fisiológicos de forma separada (MONTEIRO, 2009). Uma das críticas ao modelo é a crença que a partir do estudo das partes é possível conhecer o todo (PORTO; SIMÕES; MOREIRA; 2004).

A fala dos sujeitos 4, 10, 11, 14 e 23 apresentada no Quadro 2 bem como, na fala do sujeito 3, 21 e 24 no Quadro 1a e 1b há evidências da relação do corpo apenas na sua parte física. Mostramos como essa dicotomia é forte; além disto percebemos também que o entendimento do movimento ocorre como apêndice na possibilidade de ação corporal. Não leva em consideração o movimento enquanto ação intencional pela qual o sujeito se significa e é significado.

Quadro 2 - O corpo dicotômico

SUJEITO	DISCURSO
4	<i>A medida que nos <u>movimentamos</u>, o corpo fica mais <u>saudável</u>, se <u>desenvolve</u> mais, faz muito bem para o <u>corpo e a alma</u>. A gente tem a sensação de <u>liberdade</u>.</i>
6	<i><u>Corpo e movimento</u> é vida, <u>somos corpo e movimento</u> o dia inteiro. (...) Temos que <u>valorizar</u> o corpo e o movimento, porque também influencia na <u>nossa saúde</u> né? *</i>
10	<i>Nós <u>somos um corpo</u>, tudo envolve o corpo, tem o <u>lado espiritual</u> e tem o <u>lado físico</u> com movimento.</i>
11	<i>Corpo é <u>aquilo</u> que faz a interação na sociedade, né? (...) <u>utilizamos</u> para expressar <u>emocionalmente</u> e <u>fisicamente</u>. E o movimento é <u>aquilo</u> que <u>transmite</u> essa expressão.</i>
14	<i>Eu entendo assim por corpo, é, um <u>instrumento</u> de se <u>comunicar</u> com o mundo (...)O corpo também vai implicar, na minha concepção uma <u>conexão</u> com a <u>mente</u>(...).</i>
16	<i>Bom, o corpo eu tenho em mente, quer dizer o que eu tenho como <u>vida</u> né? Que é minha <u>sustentação</u> e ele é composto por <u>todas as partes</u> (...)*</i>
20	<i>Bom, o corpo eu acho que ele é o que, ele é o <u>receptor</u> de tudo que acontece ao redor, e é ele que percebe também <u>percebe o mundo</u>, (...) O movimento, eu acho que é o corpo que através do movimento ele <u>diz</u> o que você está <u>sentindo</u> no momento né? *</i>
23	<i>Movimento é toda a <u>expressão</u> do corpo é <u>expressão física</u>, <u>emocional</u>, tudo aquilo que você está sentido né? isso através do corpo, a relação do corpo ao movimentar-se é <u>expressão</u> mesmo.</i>
26	<i><u>Tudo</u> que nós <u>fazemos</u> eu acho que, desde que você acorda, tudo, até pra dormir, você movimenta o corpo pra <u>tudo</u> na sua <u>vida</u>, <u>usa</u> o corpo e se movimenta em <u>todos</u> os <u>sentidos</u> da sua vida (...)*.</i>

*Apesar de não apresentar uma compreensão dicotômica, os textos estão dispostos nesse quadro por facilitar a compreensão da materialidade do corpo em oposição ao apresentado pelo sujeito 10.

A necessidade de se formar pessoas com alto poder intelectual fez com que a escola desconsiderasse as atividades corporais, em detrimento de capacidades cognitivas, “superiores” (MONTEIRO, 2009). O sujeito 4 estabelece de forma clara a dicotomia corpo e alma, numa tentativa de estabelecer uma relação física e

psicológica, falando também sobre as possibilidades de ação e liberdade a partir do movimento.

Na mesma linha, os sujeitos 11 e 23 falam da dimensão física e das emoções. Os discursos desvelam que o movimento é entendido como instrumento para expressão, dando uma ideia de exterioridade ao corpo. Concepção esta, reforçada pelo sujeito 14, ao mostra-lo como “instrumento de se comunicar com o mundo” e “conexão com a mente”.

Notamos uma duplicidade de discurso ou uma confusão de compreensão sobre o corpo na fala do sujeito 10, que ao tentar trazer uma abordagem mais ampla sobre o corpo, em um primeiro momento apresenta a materialidade do corpo, na frase “somos um corpo” (CAVALARI, 2005; ROCHA, 2009; MOREIRA, 1995) ideia que tem sido divulgada a partir dos estudos sobre o corpo de Merleau-Ponty no campo da Fenomenologia. No entanto, ao dizer “, *tem o lado espiritual e tem o lado físico com movimento*” o sujeito faz referência ao espírito separado do movimento.

Podemos entender que este sujeito tem influência de diferentes discursos sobre o corpo. Diferentemente do que ocorre com o sujeito 6, 16, 20 e 26 que elucida a relação corpo e movimento como essencial para vida e traz a materialidade do corpo ligada ao movimento como condição de existência. Isso pode ser observado na fala do sujeito 6 “somos corpo e movimento” e do sujeito 20 “percebe o mundo”, sendo outra influência do discurso sobre corporeidade vinculado no Brasil a partir dos estudos de no âmbito da Educação Física e contribuições Moreira (1995, 1990) fato que chama atenção, devido ao fato das profissionais não pertencerem a área da Educação Física. Ou seja, encontramos nos discursos a ideia de corpo como mecanismo de comunicação com o mundo, como forma de expressão – que se mistura com a visão dicotômica de corpo.

Quadro 3 - O corpo objeto

SUJEITO	DISCURSO
5	<i>Cada um tem o seu <u>limite</u>, e sabe lidar melhor com <u>isso</u>, tem mais ou menos facilidade de lidar com <u>isso</u>, né? com o corpo, o movimento, <u>essas coisas de se movimentar</u>.</i>
8	<i>O corpo é que nos <u>leva e traz</u>, permite se <u>locomover</u>, e movimento é o principal, é o que nos permite realizar todas as ações, movimento nos, sei lá (permite) <u>permite fazer de tudo</u>.</i>
15	<i>(...) a gente <u>precisa</u> do corpo pra se <u>movimentar</u>, é o corpo que nos <u>leva</u> pra onde agente que ir né? e vice e versa. (...) a relação corpo e movimento é uma relação <u>saudável</u>.</i>
17	<i>Acho que é o <u>básico</u> mesmo, é o <u>movimentar-se</u> né? (...) É isso é você se movimentar, <u>qualquer jeito</u> que você se movimenta, sem ser assim específico, é se <u>movimentar</u>.</i>
18	<i>O corpo pra mim é o que nós <u>usamos</u> pra se <u>comunicar</u> com o <u>mundo</u>, com tudo, o corpo é o que <u>leva</u>, o corpo é que nós <u>usamos</u> pra se movimentar (...).</i>
19	<i>A compreensão de corpo que eu <u>tenho</u> é que o corpo é o <u>universo</u>, dentro desse universo estão né? os <u>nossos órgãos</u> (...)</i>

Nos discursos dos sujeitos 5, 8, 15, 17, 18 e 19 apresentados no Quadro 3, há também a presença da visão de produtividade (PORTO; SIMÕES; MOREIRA; 2004) atrelada ao lucro (MEDINA, 1991). Estes estão separados por abordar explicitamente uma coisificação do corpo, “isso”, “coisa”, “leva”, “traz”, “básico”, “usamos”, “tenho”. Denota uma compreensão de corpo objeto, exterioridade ao corpo, além de ressaltar as limitações presentes nesse corpo.

Neste sentido, pode ser, que o discurso do sujeito 11 e 14, que expusemos parcialmente no Quadro 2, se enquadre na mesma categoria de corpo objeto. Aquilo que o capitalismo entende apenas como instrumento para atender determinados interesses. Conforme Medina (1991) são as relações de trabalho a partir do capitalismo que estabelece a divisão e classe e acentua toda a injustiça, pobreza e miséria, é nessa relação trabalho e capital que se constrói o corpo dos brasileiros.

4.1.1 RELAÇÃO DAS PROFISSIONAIS QUE TEM CRIANÇAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS INSERIDAS EM SUA SALA DE AULA COM O PRÓPRIO CORPO E O MOVIMENTAR-SE

A discussão abordada neste momento traz à tona como a compreensão de corpo e movimento influencia no relacionamento do “sujeito”, no mundo e a forma como o discurso capitalista, pautado no consumo torna o sujeito à mercê do objeto (ROSA, 2010), movido pelos interesses econômicos, controla essas relações, no sentido de manter a ordem social vigente.

O sujeito está submetido a lógica de mercado (BRAUNSTEIN, 2010) e encontra nos corpos a força produtiva, para o desenvolvimento industrial (MENDES, 2009). Como encontramos em Foucault (1987) o controle da sociedade se opera antes de tudo no corpo. Este, enquanto alvo de poder e repressão, é controlado, treinado, disciplinado, para economizar forças para o trabalho. O corpo dessa forma integra a linha de produção (PORTO; SIMÕES; MOREIRA, 2004).

Em diferentes falas, notamos que o discurso fortalece a ideia de corpo como máquina produtiva e enfraquece a ideia de corpo social, como pode ser observado no Quadro 4a e 4b. O corpo é ligado a padrões de estética (Quadro 5) e visto em suas funções (Quadro 6a e 6b).

Quadro 4a - Fortalecimento da “máquina produtiva” – Enfraquecimento do corpo social

SUJEITO	DISCURSO
1	<i>(...) <u>cuidar</u> mais do meu corpo pra que tenha mais <u>durabilidade</u>, <u>flexibilidade</u>, <u>qualidade</u> e tudo mais.</i>
6	<i>A minha relação é muito boa. Faço dança, então é uma <u>paixão</u>, <u>movimentar</u>, <u>dançar</u>, sinto que preciso disso pra <u>viver</u> mesmo**.</i>
7	<i>Acho importante né? se movimentar e <u>cuidar</u> do nosso corpo. <u>Tenho dificuldades com isso</u>, mas, (pausa) sei que a relação com o meu corpo deve ser sempre de <u>cuidados</u>.</i>
8	<i>(...) meu corpo tem sido para o <u>trabalho</u>, eu <u>usando</u> ele (...) um período aqui, um período em outro lugar, e a noite, outras <u>atividades de trabalho</u>, <u>não de lazer</u>, nem de <u>cuidados</u>.</i>
9	<i>(...) <u>precisamos</u> de movimento senão a ficamos <u>atrofiados</u>, o corpo é igual uma <u>máquina</u>, se você parar <u>enferruja</u> tudo (...) tem que está em movimento, tem que está pensando, não só a parte <u>física</u>, mas a <u>mental</u> também.</i>
10	<i>Creio que seja boa, <u>apesar</u> de não <u>cuidar</u> muito bem dele, <u>sem fazer atividades físicas</u> fora do ambiente de <u>trabalho</u>, <u>os cuidados de casa</u>, etc., (...) E adoro me <u>movimentar</u>, adoro <u>dançar</u> e adoro está com as crianças.</i>
12	<i>(...) Sempre gostei muito de <u>dançar</u>, fazer qualquer tipo de <u>atividade física</u>. Então eu acredito que a relação com meu corpo é muito boa, porque, <u>utilizo</u> para várias coisas. <u>Danço</u> até hoje, então para mim o movimento corporal é minha <u>satisfação</u>. **</i>
14	<i>Então, o meu corpo é, eu vejo assim que ele é <u>fruto</u> de um <u>processo</u> né? <u>histórico</u>, cultural, eu estou nesse meio (...), eu tenho alguns valores que eu privo nessa questão do meu corpo; em questão da <u>saúde</u>, da alimentação, do físico e também de como eu estou <u>cuidando</u> dele (...) E também acho que no corpo envolve não só essa <u>parte física</u>, mas a <u>parte mental</u> também (...).</i>

Quadro 4b - Fortalecimento da “máquina produtiva” – Enfraquecimento do corpo social

SUJEITO	DISCURSO
18	<i>Essencial, eu <u>gosto</u> do corpo que eu tenho, o movimento, o trabalho, eu <u>uso</u> ele pra trabalhar, eu tenho que me movimentar, <u>uso</u> pra tudo, <u>gosto</u> de fazer <u>atividades</u>, e o corpo tem que <u>está bom</u> pra fazer atividades senão, não aguenta.</i>
19	<i>Ah, eu estou me relacionando muito, <u>muito mal</u> com o meu corpo, que eu <u>não</u> estou <u>cuidando</u> do meu corpo. A relação que tem que ter com o corpo é que tem que <u>cuidar bem</u> dele e eu assim, <u>não</u> faço nenhuma <u>atividade física</u> atualmente (...).</i>
21	<i>(...) eu acho muito importante para o <u>bem estar</u> do corpo você está em movimento de alguma maneira seja no seu dia a dia, é nas atividades corriqueiras, de rotina ou você está realmente querendo se movimentar por causa da <u>saúde</u> (...). **</i>
22	<i>Eu sou uma pessoa muito <u>atleta</u>, então assim a minha relação com o corpo é <u>muito boa</u> porque eu sempre <u>caminho</u>, eu faço aula de <u>ginástica</u>, eu <u>nado</u>, eu <u>pelado</u> então eu sou bem com meu corpo, bem movimentando. **</i>
26	<i>(...) uma relação <u>boa</u> porque eu <u>faço exercícios</u>, (...) eu me movimento pra <u>tudo</u>, eu uso todas as partes do meu corpo pra fazer tudo, <u>dançar</u>, <u>trabalhar</u>, eu <u>utilizo</u> meu corpo pra fazer tudo.</i>

** Como pode ser notado o discurso do sujeito 6, 12, 21 e 22, destoa da compreensão apresentada pelos demais. Todavia é importante que esteja nesta categoria por representar um contraponto a realidade apresentada.

No Quadro 4a e 4b é possível verificar como a lógica capitalista está embutida nos corpos das profissionais e como se perpetua neles e a partir deles. A “máquina humana” a serviço da “máquina produtiva”, encontra, no exercício físico – atividade física, espaço primordial no cuidado com o corpo, como dito pelos sujeitos 1, 7, 8, 9,10, 14, 18, 19 e 26. Quase sempre realizado de maneira sistematizada e com o controle de muitas variáveis tais como, tempo, espaço, ação, dentre outras, similar ao ambiente das fábricas, numa perspectiva de cuidado e saúde. Há que se chamar atenção para a fala do sujeito 14, que elucida o corpo como fruto de um processo de histórico e cultural.

Essa busca da saúde, vem atrelada a uma ideia de Estado, composta de técnicas que visam conduzir comportamento humano, estabelecendo um controle biopolítico (MENDES, 2009). De maneira geral, o exercício físico e a atividade física podem atuar no processo de alienação corporal. As relações de trabalho estabelecidas pelos sujeitos influenciam sobremaneira na construção da sua consciência corporal e estas também atuam no sentido de suprimir dos corpos outras possibilidades, como a sua dimensão lúdica e criativa.

Observamos que o corpo é descrito como máquina, “se parar enferruja tudo” (sujeito 9), “tem que estar bom pra fazer atividades senão, não aguenta” (sujeito 18), concepção esta, fortalecida pelo modelo biomédico, de caráter instrumental, na perspectiva de causa-efeito, o ser humano entendido apenas em seus aspectos biológicos (DE MARCO, 2006). Na busca pelo ideal de saúde, através do médico se opera o controle das relações do sujeito na sociedade (MENDES, 2009). Desconsidera-se a realidade dialógica que é o corpo e isto se reflete diretamente no posicionamento frente a sociedade. O sujeito 7, por exemplo, explica essa dificuldade em (re) conhecer, a própria natureza dialética, (sujeito e objeto se inter-relacionam, se significam e não pode ser compreendido isoladamente) (SKALINSKI; PRAXEDES, 2003) que permeia o corpo, (isso). Essa é mais uma característica de uma sociedade tecida pelo lucro que parte do escamoteamento dos corpos. Ao tempo que fortalece a “máquina produtiva”, enfraquece o corpo social e político, capaz de intervir socialmente e modificar a realidade.

Todavia como apresentado no discurso dos sujeitos 6 e 12 há também outra perspectiva que contrapõem a realidade de negação e desconsideração da capacidade lúdica e prazerosa vivenciada no/pelo corpo. A dança e o movimento é apresentado como essencial para a vida. A dança também aparece nas falas dos sujeitos 10 e 26, contudo de maneira menos enfática. No sujeito 21 aborda a importância do movimento para o bem estar de maneira geral e o sujeito 22 relata a prática de várias atividades físicas e se dá bem movimentando, o que foge a tônica do capitalismo.

Desde a Grécia Antiga existia forte relação entre o físico e o rendimento (PETROSKI, 2011). Existia uma preocupação em observar e descrever particularidades físicas como meta a ser alcançada, como no caso dos sujeitos 2 e 15 (Quadro 5). Nesse meandro o exercício físico representa o instrumento adequado para atender essa busca.

Quadro 5- O corpo “sujeito” aos padrões de estética

SUJEITO	DISCURSO
2	<i>Agora estou correndo atrás dos <u>prejuízos</u>, né? começando a me sentir bem, fazendo <u>exercício</u>, (...) a ver <u>resultado</u> também</i>
3	<i>Me dou bem, (...) já me <u>frustrei</u> um pouco, porque eu era muito <u>magrela</u>, (risos) agora já gosto mais.</i>
11	<i>Me dou super bem com o meu corpo, <u>apesar</u> ser tão <u>pequenininho</u>, (risos) <u>gosto</u> muito dele <u>como ele é</u>.</i>
15	<i>Eu fui <u>esportista</u>, não parece, mas eu fui esportista, eu corria, eu caminhava, eu jogava vôlei, Então de repente eu não pude mais fazer academia porque eu tive desgaste na cartilagem da rótula, por fazer exercício errado. (...) mas eu <u>não ando feliz</u> com o meu corpo, porque eu <u>engordei</u>, então né? não foi só pela falta de <u>exercício físico</u> (...) mas o meu problema são os docinhos, o sorvete, (...).</i>
17	<i>Ah eu <u>gosto</u> do meu corpo, eu <u>gosto</u> de me movimentar, eu sou uma pessoa <u>agitada</u>, sabe? ***</i>

*** Apesar de não apresentar a influência de um padrão de estética evidencia compreensão diferenciada das demais.

Atrelado a concepção utilitária do corpo, acompanham o imaginário feminino estereótipos ligados ao padrão de estética e beleza difundida pela sociedade do consumo, veiculados pelos meios de comunicações e práticas sociais que privilegiam a busca do corpo ideal, como na fala do sujeito 3 (Quadro 5).

A influência no corpo feminino dos padrões de beleza gera uma frustração por estar fora dele. Podemos observar no discurso do sujeito 15 que relata “não ando feliz com o meu corpo, porque eu engordei”. O padrão atual de magreza é tido como referência, sendo acentuado pela mídia (MENDES, 2009). Os padrões impostos por certas imagens, faz com que fiquemos revoltados com nós mesmos. A distância entre nós e os padrões faz com que percebamos a violência com que tais padrões são idealizados, e é nesse caminho que se situam as distorções da imagem corporal (ALVES; CARVALHO, 2010). O discurso corporal é construído sócio culturalmente a partir de um jogo de tensões.

As dimensões corporais também tem sido utilizadas como medida para estabelecer proporção do corpo desde a antiguidade. Ao longo do tempo diversas

classificações foram estabelecidas para distinguir o ser humano, como os tipos constitucionais, (brevilíneo, normolíneo e longilíneo). Algumas delas se fazem atuais, (endomorfo, mesomorfo, ectomorfo) influenciam sobremaneira no comportamento humano (PETROSKI, 2011). Esse padrão está presente na fala do sujeito 11, contudo numa condição de superação e aceitação corporal, já que o sujeito afirma gostar do corpo mesmo que ele seja “pequeno.” Destacamos o dito pelo sujeito 17 que diz gostar do seu corpo e do movimento e parece não sofrer toda pressão dos padrões de estética.

Os sujeitos ao estabelecer sua relação com o próprio corpo buscam dar-lhe uma função, como o quadro 06a e 6b apresenta.

Quadro 6a - Funcionalidade do corpo e do movimento

SUJEITO	DISCURSO
4	<i>Procuro <u>movimentar</u> muito né? o dia que levanto e não faço nada eu sinto <u>cansaço</u> e percebo que não <u>aprendi</u> nada. (...) percebo que o meu corpo <u>necessita</u> a cada dia de mais movimento.</i>
5	<i>(...) ando de <u>bicicleta</u> com o meu filho (...) <u>corro</u> aqui com as crianças, mas assim, de <u>atividade física diária</u>, <u>não tenho</u> (...). Numa subida já tem a <u>canseira</u>, então, é a falta de mexer mais com o corpo mesmo tenho consciência disso, que <u>preciso</u> fazer isso.</i>
13	<i>O que vou responder para você? é tranquila, não sei, cuido da minha <u>saúde</u> que <u>reflete</u> no meu corpo, faço <u>exercícios físicos regularmente</u> três vezes por semana, acho que meu corpo tá <u>saudável</u>.</i>
16	<i>Olhe, eu tenho <u>cuidado</u> com meu corpo, assim porque eu <u>preservo</u> muito a minha <u>integridade</u> né? em termos de <u>saúde</u>, porque, eu fui atleta né? e eu sofri consequências de mau preparo na parte em que eu vivenciei na minha juventude (...) meu corpo é tudo pra mim, (risos) meu corpo <u>carrega</u> minha <u>alma</u> né?</i>
20	<i>O movimento, eu acho que é o corpo que <u>através</u> do <u>movimento</u> ele diz o que você está <u>sentindo</u> no momento né?</i>

Quadro 6b - Funcionalidade do corpo e do movimento

SUJEITO	DISCURSO
23	<i>A minha relação, é a <u>expressão</u>, o que eu entendo é a <u>expressão</u>.</i>
24	<i>Olha, eu tenho assim um contato com algumas atividade físicas desde pequena, hoje assim, vamos dizer, eu estou <u>muito relaxada</u>, tenho alguns <u>problemas</u> devido a ter <u>relaxado</u> (...).</i>
25	<i>(...) é todas as <u>tarefas</u> que eu <u>executo</u>, até dormindo né? eu falei é, durante o dia a dia, acho que até dormindo está relacionado com o movimentar-se (...).</i>

Nos discursos é possível identificar a importância dada ao movimento para o corpo. Contudo, de maneiras diferentes. Nos sujeitos 4, 13, 16 e 24 percebe-se a presença do discurso da área de saúde (ALVES; CARVALHO, 2010; MENDES, 2009) movimento para melhoria das condições de vida e a influência da corrente psicológica, movimento para melhoria de aspectos cognitivos (CASTRO, 2008). No caso do sujeito 16 observamos ainda a dicotomia corpo-alma, “meu corpo carrega minha alma”.

No sujeito 5, vemos o aspecto lúdico e a possibilidade de estabelecer relações sociais a partir da atividade física, neste caso no âmbito familiar. Mas, também com a presença da concepção atividade física e saúde ainda que não tem realizado atividade física diariamente, mostra o caráter funcionalista do corpo e do movimento, mais uma vez, como instrumentos, quer seja para melhorar a saúde ou aprendizagem.

No caso dos sujeitos 20 e 23 apresentam a funcionalidade do corpo como instrumento de expressão. Já o sujeito 25 demonstra uma visão utilitarista do corpo e do movimento “é todas as tarefas que eu executo, até dormindo né?”.

4.2 SITUANDO CONCEPÇÕES: IMAGEM / ESQUEMA / CONSCIÊNCIA CORPORAL ENTRE AS PROFISSIONAIS QUE TEM CRIANÇAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS INSERIDAS EM SUA SALA DE AULA

Analisar a concepção das profissionais acerca da imagem-esquema-consciência corporal possibilita desvelar um pouco a maneira como é desenvolvida a educação corporal das crianças pequenas e como esta tem contribuído no processo de significação do corpo na sociedade. O debate é necessário, pois a educação se dá no corpo e a partir dele.

As profissionais referem-se a estes termos de forma reducionista (Quadro 7a, 7b, 7c e 7d) ou não sabem o significado deles, explicitando ou não isto. (Quadro 8).

O entendimento dos termos é imprescindível no âmbito escolar, por estar estritamente ligado a compreensão de corpo e refletir diferentes concepções de como a noção corporal deve ser desenvolvida como verificamos nos estudos (RIBEIRO; TAVARES, 2011; BORGES, 2010; ROCHA, 2009; CAVALRARI, 2005; TURTELLI; TAVARES; DUARTE, 2002; MELO, 1994).

Quadro 7a - Abordagem Reducionista

SUJEITO	DISCURSO
1	<i>Imagem é o que você <u>vê</u> né? do seu corpo, a sua imagem, nossa! Difícil! (...) o esquema do corpo, <u>membros</u>, <u>tronco</u>, <u>cabeça</u>, <u>braços</u>, <u>pernas</u>, como eles se movimentam. Consciência corporal é aquilo que você consegue <u>realizar</u> com seu corpo, até quando você consegue ir, seu <u>limite</u>, é você ter consciência.</i>
3	<i>(...) É a <u>imagem do meu corpo</u>. (...) <u>Não sei explicar agora</u>. Não vou saber te falar, <u>tenho medo</u> de falar alguma <u>besteira</u>. (...) Esquema corporal, <u>cabeça</u>, <u>tronco</u>, <u>membros</u>, <u>trabalho</u> assim, não sei se seria isso.</i>
4	<i><u>Imagem é o que nós vemos</u> né? Por isso na escola usamos muito o <u>espelho</u> e fotos (...) O esquema, seria <u>ossos</u>, <u>braços</u>, não sei. Consciência corporal? É tudo que a gente <u>sabe sobre o corpo</u>?</i>
5	<i>Imagem? (pausa) seria como cada um <u>vê</u> o outro? como <u>vê</u>, (pausa) será que é como <u>vê o outro</u>? (...) É o <u>nosso corpo</u>, <u>nosso membros</u>, <u>nosso corpo</u>. (...) É o que nós <u>fazemos</u> com ele.</i>
6	<i>Imagem é alguma coisa que <u>retrata algo</u>, esquema corporal acho que é a <u>composição do nosso corpo</u> e consciência corporal é você ter a <u>noção</u>, o <u>sentido</u> daquilo que <u>acontece</u> com seu corpo.</i>
8	<i>A imagem é o que <u>passamos</u>, que <u>transmitimos</u>. O esquema, <u>como ele é</u>? E, consciência são os <u>cuidados</u> que devemos ter na <u>utilização</u> do corpo.</i>

Quadro 7b - Abordagem Reducionista

SUJEITO	DISCURSO
9	<i>Imagem é aquilo que nós <u>vemos</u>, aquilo que representa. Agora o esquema, <u>não sei</u> (burburinhos) dizer bem, será que é uma programação? (...) Consciência corporal, acho que devemos <u>ter consciência</u> de como <u>agir</u> com o nosso corpo</i>
10	<i>Imagem corporal é o que nós <u>vemos</u>, (...). Esquema corporal, <u>braços</u>, <u>pernas</u>, acho que é isso, (...) e a consciência não posso explicar, tenho <u>consciência</u> de que estou levantando os braços, não sei explicar direito, a consciência do meu <u>corpo</u> com relação ao <u>espaço</u>.</i>
11	<i>Imagem é aquilo que é <u>refletido</u>. (...) consciência corporal é a <u>consciência</u> de tudo que eu posso me <u>usando</u>, <u>fisicamente</u>, <u>mentalmente</u>, emocionalmente. Esquema, seria o que posso <u>esboçar</u> através do meu corpo (...).</i>
12	<i>Nossa! imagem é aquilo que <u>reflete</u>, né? acho que a imagem em relação a consciência corporal é você <u>refletir no seu corpo</u> aquilo que você pode ver, não sei, acho que seria isso? (...) o esquema corporal é, tudo aquilo que eu <u>posso fazer</u>, ou melhor, <u>movimentar</u>, ou <u>esquematar em meu corpo</u>, e a imagem é aquilo que você <u>visualiza</u>.</i>
13	<i>Imagem corporal; trabalhar com <u>espelhos</u>. Esquema corporal; brincadeiras que trabalhem as <u>partes do corpo</u>. Consciência corporal; trabalhar o <u>movimento</u>, ritmo, equilíbrio (...).</i>
14	<i>A <u>consciência corporal</u> eu imagino que seja é a questão da <u>saúde</u> né? Dos <u>cuidados</u> que nós temos que <u>ter</u> com o nosso corpo (...) A <u>imagem</u> (...) é tudo que eu quero <u>transmitir</u> para as pessoas eu vou <u>transmitir através</u> do meu corpo, (...) O <u>esquema</u> eu nunca ouvi falar, <u>não sei</u> o que seria esse esquema corporal.</i>
15	<i>A <u>consciência corporal</u> (...) <u>saber</u> o que é <u>bom</u> pro seu corpo (...) De noções de corpo assim? <u>Partes do corpo</u>, essas coisas assim, sim.</i>

Quadro 7c - Abordagem Reducionista

SUJEITO	DISCURSO
16	<i>(...) a consciência corporal é eu <u>ter consciência</u> do meu corpo, do espaço que ele ocupa, dos meus movimentos, dos <u>cuidados</u>. Agora o <u>esquema</u>, seria o que? Ah, a <u>formulação de atividades</u>, alguma coisa assim em relação ao meu corpo? (...) Agora a imagem é o que? É o que <u>eu olho no espelho</u> que minha mente reflete e o que eu gostaria por ter (...).</i>
17	<i>É a imagem do corpo assim, a <u>aparência</u>, é isso, esquema, esquema corporal, tipo assim as <u>partes</u> do corpo e consciência é você <u>ter consciência</u> do seu corpo, como funciona, né?</i>
18	<i>A imagem é o que eu <u>reflito no espelho</u>, é o que eu sou, o <u>esquema</u> é o corpo, a <u>consciência corporal</u> é você está feliz com o que tem, tem <u>noção</u> do que <u>você tem</u>.</i>
19	<i><u>Imagem</u>, acho que é a imagem que eu <u>passo</u> para as pessoas de mim, (...) <u>ter consciência</u> do corpo da gente, como a gente se locomove, como se movimenta e o <u>cuidado</u> que tem que ter com o corpo (...) <u>não sei</u> falar pra você.</i>
20	<i>A <u>imagem</u> é a gente <u>se achar bem</u> né? (...) o <u>esquema corporal</u> eu acho que tem está tudo ligado acho que uma coisa com a outra na verdade (...) eu acho assim que quando eu me <u>sinto bem</u> com o meu corpo eu estou no <u>peso ideal</u> e todas as coisas, eu estou bem entendeu?</i>
21	<i>É um <u>conjunto de coisas</u>, por exemplo se está em harmonia, a <u>estrutura</u> do seu corpo, é se ele se <u>desenvolveu</u> de maneira correta, (...) e a <u>consciência</u> que você <u>tem</u> dos seus <u>limites</u>.</i>
22	<i><u>Imagem</u>, é a sua imagem o seu <u>Visio tipo</u>, você é a sua imagem <u>refletida no espelho</u>. (...) esquema corporal é você <u>movimentar</u> a perna, <u>ter duas pernas</u>, <u>dois braços</u>, fazer os movimentos, (...) <u>consciência corporal</u> é você ter essa <u>consciência</u> de trabalhar com o corpo (...).</i>
23	<i>Imagem é tudo que <u>reflete</u> no meu corpo, tudo aquilo que eu reflito. O esquema, talvez o esquema corporal, é a <u>massa do meu corpo</u> e a consciência é toda a <u>expressão</u> que eu <u>entendo</u> que eu estou <u>passando</u> através dos movimentos.</i>

Quadro 7d - Abordagem Reducionista

SUJEITO	DISCURSO
24	<i>Ah, imagem é o que a gente está <u>vendo</u> do outro, se está <u>bem</u> ou se está <u>bonito</u>, se está <u>feio</u>, vamos dizer assim. O esquema e essa consciência corporal, a consciência é essa questão de <u>saber se a gente está bem ou não</u>, (...) então é ligado a imagem, e a consciência é justamente essa palavra que está no meio, esse esquema, tem que unir as duas coisas pra saber se está bem ou não.</i>
25	<i>Imagem, pode ser quando eu, <u>vejo</u> meu <u>reflexo</u> no <u>espelho</u>, uma sombra, consciência corporal você <u>ter noção</u> de movimentos que você está <u>executando</u>, noção de espaço e esquema talvez uma <u>sequência</u>.</i>
26	<i>Imagem corporal <u>é você</u>, a <u>pessoa</u> que eu entendo por imagem corporal é uma pessoa, um ser humano, (...) O esquema são todas as <u>partes</u> do seu corpo <u>divididas</u> né? <u>cabeça</u>, <u>trancos</u> e <u>membros</u>, esses são os esquemas corporais. E a consciência corporal <u>tudo</u> que eu <u>posso fazer</u> com o meu corpo, é isso.</i>

Como descrito acima, no que diz respeito a compreensão de imagem corporal, quase que em uníssono se dá numa perspectiva estritamente literal. De acordo o sujeitos 1, 4, 5, 9, 10, 12, 16, 24, 25 e 26 estabelece-se como aquilo que vemos, seja no próprio corpo ou corpo do outro. Os sujeitos 3, 6, 11, 18, 22 e 23 seguem a mesma tônica. E os sujeitos 8, 15, 20 e 21 fugiram um pouco da compreensão apresentada pelos demais e não responderam. Os sujeitos 14, 17 e 19 atribuíram ao que transmitem as pessoas pelo corpo, aparência O sujeito 13 mencionou como trabalha a noção de imagem corporal.

A discussão é restrita, assim como apresentado nos documentos legais (BRASIL, 1998, 2002, 2006, 2010, 2012). Na fala dos sujeitos não está presente como esta se constitui e sua importância. Como diz o sujeito 4 e 13, por isso na escola trabalha-se muito com o espelho (BRASIL, 1998) assim como sugerido nos documentos que subsidiam a Educação Infantil. É lógico que é importante, a utilização do espelho, contudo é um instrumento limitado. Vale ressaltar que os sujeitos 16, 22 e 25, também falam sobre o espelho e sua imagem refletida. Além disso o sujeito 24

menciona os termos feio e bonito numa alusão aos padrões de estética, que são determinantes na construção da imagem corporal.

Mas não se trata apenas de um aspecto ligado aos padrões, as possibilidades de interação, mas também de aspectos fundamentais relacionados a saúde, distorção da imagem, bulimia, anorexia, entre outros distúrbios, como também de toda uma representação social que se dá a partir dessa imagem (ALVES; CARVALHO, 2010; BORGES, 2010).

Para Borges (2010) a imagem é forma como o corpo se apresenta para nós, assim com Ribeiro e Tavares (2011), mas acrescenta que se trata de um fenômeno complexo, está ligado a experiências subjetivas ao longo do seu desenvolvimento. Destaca ainda as contribuições de Seymour Fisher, para o estudo em imagem corporal e aponta para a sua dificuldade, devido ao seu caráter multifacetado.

Barros (2005) ressalta a importância de Schilder nos estudos de neurologia e psiquiatria. Também encontramos a abordagem do termo esquema corporal na neurologia e imagem corporal na psicologia. Em virtude disso ocorre a comum confusão que se estabelece acerca do termo alguns autores. Ou seja, como abordado pelos autores citados, a imagem corporal é um fenômeno bem complexo, não é simplesmente aquilo o que nós vemos, está ligado a forma como este corpo se apresenta. É modificada continuamente, sofrendo influências inconscientes a partir das relações sociais. Além disso, verificamos a necessidade de ampliação dos estudos na definição conceitual (TURTELLI; TAVARES; DUARTE, 2002).

No que tange ao esquema corporal, ocorre da mesma forma, exceto pelos sujeitos 14 e 19 que disseram não saber do que se trata o esquema corporal. Os sujeitos 20 e 23 tentaram estabelecer uma relação entre os termos, mas foram evasivos. O sujeito 11 abordou o que se pode esboçar com o corpo, 12 o que pode esquematizar no corpo, o sujeito 16 apresentou formulação de atividades em relação ao corpo; o 9 questionou se seria uma programação e o 25 referiu-se a uma sequência (alusão a máquina). Os demais discursos expostos tratam apenas da composição corporal, estrutura, cabeça, tronco e membros, compatível com o que se aprende anos depois no Ensino Fundamental nas aulas de ciências.

No entanto, a compreensão e reconhecimento das partes do corpo é tratada por Bonomo e Rossetti (2010) como a percepção corporal. Conforme Mastroianni (2007) é um componente indispensável na aprendizagem das crianças; serve como

suporte para estruturação da imagem corporal e para Silva *et. al.* (2012) é um componente do desenvolvimento motor.

Encontramos na discussão dos autores uma perspectiva que vai além do simples reconhecimento das partes do corpo, como elucidamos no exposto pelas profissionais.

Todavia, desde a antiguidade o corpo tem sido fragmentado em partes na tentativa de compreender o funcionamento e o comportamento de cada uma (PETROSKI, 2011). Assim a falsa ilusão de que se conhece o corpo e poder controlá-lo, tem ocorrido (MENDES, 2009).

A compreensão é compatível com o corpo-máquina, objeto, fragmentado, com funções determinadas física e socialmente. O controle social se dá a partir desse corpo posto a serviço da capacidade de produção. Neste sentido o corpo é limitado e age conforme condições pré-estabelecidas.

No que concerne à consciência corporal, pode-se ver entendimentos diferentes; nos sujeitos 1, 5, 8, 9, 11, 14, 21 e 22 referências aos “limites” do corpo, como “usá-lo” e os “cuidados” com ele se constituiu na consciência corporal. Para os sujeitos 4, 6, 15, 17, 18,19, 23 e 25 e 26 este conceito está ligado ao que se sabe, do corpo, como ele funciona. Por outro lado, caminham na mesma direção, a consciência corporal ligada aos conhecimento do corpo numa alusão ao aspectos cognitivos onde a “consciência” é uma capacidade psíquica, apontado de forma clara pelo sujeito 10; os sujeitos 12, 13, 20 e 24 apresentaram respostas evasivas e o sujeito 16 apresentou uma compreensão mais ampliada “consciência do meu corpo, do espaço que ele ocupa, dos meus movimentos, dos cuidados”.

Neste momento abre-se um parêntese a um aspecto que merece destaque é na fala do sujeito 3, apesar do ambiente para realização da entrevista ter ocorrido de forma descontraída e tranquilo, o sujeito refere medo de expor suas ideias. O sujeito se coloca na condição de avaliado. Isto pode estar relacionado ao processo avaliativo vivenciado durante a vida escolar, onde os conhecimentos são mensurados para classificar e quantificar, ao invés de qualificar, ou ao medo de que o desconhecimento do assunto possa implicar em alguma sanção ou constrangimento, mesmo tendo sido garantido o sigilo e a confidencialidade dos dados. No entanto, os sujeitos 2 e 7 (Quadro 8) não tem medo de expressar desconhecimento sobre o assunto.

Quadro 8 - Desconhecimentos dos termos

SUJEITO	DISCURSO
2	<i><u>Não sei</u>, essa eu não sei responder pra você.</i>
7	<i>Consciência corporal é, (pausa) moço do céu! ai eu <u>não sei</u>.</i>

Conforme identificamos na literatura não existe consenso acerca da concepção dos termos (TURTELLI, TAVARES e DUARTE, 2002, p.163) gerando grandes divergências conceituais. É iminente estudos que levem a uma compreensão mais ampliada do corpo das crianças, (BUSS-SIMÃO, 2009). Tal situação reflete diretamente na atuação profissional e traz à tona a fragilidade em se assumir determinadas concepções em detrimento de outras.

Devido a isso, partimos da compreensão apresentada por Melo (1994) ao considerar a consciência corporal como a interação da imagem e do esquema corporal, a partir da sua relação com a sociedade, continuamente modificada a partir de suas experiências.

Entretanto, acreditamos que somos mais que um corpo no mundo, enquanto produto e matéria, interpelados a todo momento por concepções ideológicas.

4.2.1 O TRABALHO DA NOÇÃO DE CORPO COM AS CRIANÇAS ENTRE AS PROFISSIONAIS QUE TEM CRIANÇAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS INSERIDAS EM SUA SALA DE AULA

Uma visão fragmentada de corpo tem se difundido nas universidades e escolas, não apenas no campo das ciências biológicas, como também demais disciplinas. “(...) inscrevendo o corpo como "pura" descrição anatômica, fisiológica, morfológica, metabólica” (SOUZA, 2005, p. 173). Sem qualquer relação com os fatos do cotidiano, através dos conteúdos e metodologias estabelecidas no âmbito escolar têm calado os sujeitos no que diz respeito a suas vivências corporais. “Além disso, tais sistemas de significação constituem determinados modos de entender e de agir no corpo que pouco ou nenhum sentido adquirem quando fora deles (SOUZA, 2005, p. 173)”.

A forma como o trabalho da noção de corpo é desenvolvido, bem como os mecanismos e atividades utilizadas para efetivá-lo “gritam” o discurso veiculado de forma dissimulada. Nele estão explicitados discursos sobre função do corpo frente suas possibilidades de ação, que podem ser prejudicadas dependendo da tarefa a ser

realizada e das condições da criança, como pode ser visto no discurso do sujeito 1, no Quadro 9a.

Quadro 9a- As marcas do capital no corpo das crianças

SUJEITO	DISCURSO
1	<i>Primeiro com essa coisa de <u>esquema</u> mesmo (...) estávamos vendo uma figura de um <u>cadeirante</u> e eles falaram assim, mas porque ela fica na cadeira? Falei, porque as pernas dela <u>não funcionam</u> como a nossa, então <u>no lugar das pernas ela tem essa cadeira</u>. (...) de repente você vê um cadeirante, que a perna dele <u>não funciona</u> (...) você elabora um <u>esquema corporal</u> onde o corpo é composto de <u>tais partes</u>, de repente você vê um cadeirante né? que a perna dele <u>não funciona</u>.</i>
2	<i>A minha sala é muito <u>agitada</u>, então procuro dar muitas <u>brincadeiras dirigidas</u> para eles se <u>acalmarem</u>.</i>
3	<i>(...) com o corpo delas, música, <u>quebra cabeça</u> do que é do <u>esquema corporal</u>. (...) Como eles tão muito <u>agitados</u>, eu faço atividades com eles de <u>massagem</u>. (...) Agora a gente já faz a <u>ginástica</u>.</i>
9	<i>(...) faço <u>quebra cabeça</u> concreto, posso pegar uma boneca, desmonto uma boneca, ensino as <u>partes</u> do corpo, os membros do corpo, (...) é corpo, braços, tronco e as pernas.</i>
11	<i>(...) mostro o que eles têm, a consciência do corpo deles, com <u>todas as partes</u>, da cabeça até a ponta do dedão do pé.</i>
16	<i>(...) reconhecimento através dessa imagem que é a <u>reflexão sobre o espelho</u>. (...) <u>esquema corporal</u>, <u>cabeça</u>, <u>tronco</u> e <u>membros</u>, inferiores e superiores. (...) faço <u>brincadeiras</u> com música, (...) atividades de correr, <u>polichinelo</u>, então, faço <u>abdominal</u>, muito dentro do esquema pra cinco anos.</i>
18	<i>Com as crianças eu ensino o que é <u>mão</u>, o que é <u>pé</u>, que eles tem a noção do corpo mas eles não sabem nomear. Nomeio as <u>partes</u> do corpo.</i>
19	<i>(...) ensino a noção de corpo, que eles tem que conhecer o corpo os <u>pés</u>, as <u>mãos</u> né? trabalho assim com <u>desenho</u>, faz o esquema do corpo, mostra as <u>partes</u> pra eles, manda eles montarem (...).</i>

Quadro 9b- As marcas do capital no corpo das crianças

SUJEITO	DISCURSO
23	<i>(...) faço um monte de atividades, desde, por exemplo, amanhã olhar no <u>espelho</u> através deles eles se reconhecem, (...). É também movimentos de correr lá fora com eles, trabalho muito <u>música</u>, <u>cabeça</u>, <u>ombro</u>, <u>joelho</u> e <u>pé</u>, as <u>partes</u> do próprio corpo pra eles se reconhecerem (...).</i>
24	<i>(...) conhecimento do corpo, as <u>partes</u> do corpo, através de <u>música</u>, gestos, pra eles conhecerem as partes do <u>corpo</u> deles.</i>
25	<i>Ah trabalho assim, na <u>área externa</u> sempre que a gente vai ao parque é com <u>percurso</u>, faço bastante com eles, então eles gostam bastante, e também pelo <u>espelho</u>.</i>

A partir do que se apresenta no discurso do sujeito 1, verificamos que o trabalho da noção de corpo atende a manutenção da visão utilitarista do corpo, e explicações de onde este não funciona. O discurso apesar de cuidadoso, buscando expressar a ideia de explicar as crianças porquê uma diferença ocorre, situa-se numa sociedade que tende a excluir os não eficientes, como neste exemplo onde o sujeito ao explicitar que a perna não funciona propõe substituí-la por uma forma de reposição desta deficiência (a cadeira de rodas), não aponta maneiras de tratar da “*perna que não funciona*”, e isto dificulta a compreensão para as crianças com e sem esta deficiência de diferentes maneiras de estar no mundo e lidar com o corpo, e assim, mesmo que involuntariamente reforça o discurso que reduz chances de interação entre as diferenças na sociedade. Neste caso a cadeiras de rodas é tratada como instrumento que evidencia a limitação, ao contrário da possibilidade de resignificação que ela representa (FERREIRA, 2005).

Notamos também que sob a justificativa de que os pequeninos são agitados os sujeitos 2 e 3, propõem um trabalho para controlar essa agitação. Na verdade isso atende a “domesticação” das crianças e a escola tem atuado muito bem neste sentido. As crianças apresentam-se rígidas e uniformes, privilegia-se experiências abstratas em detrimento de operações concretas, no sentido de moldar as ações humanas (GONÇALVES, 1994).

O trabalho da noção de corpo tem sido desenvolvido de maneira reducionista e fragmentado, os sujeitos 1, 3, 9, 11, 16, 18, 19, 23 e 24 evidenciam a utilização do corpo, esquema corporal em partes, para chegar ao todo; o que se vê também no

sujeito 26 no quadro 11b. A forma como isto ocorre é compatível com o entendimento apresentado no tópico anterior. Assim como a utilização do espelho evidenciado nos discursos dos sujeitos 16, 23 e 25.

Outro fato que chama a atenção é a fala do sujeito 16 ao citar atividades de “polichinelo, então, faço abdominal, muito dentro do esquema pra cinco anos”, mais uma vez a escola reproduzindo relações no sentido de controlar e padronizar os movimentos das crianças. Neste caso a reprodução e controle se dá desde a atividade de polichinelo difundido pelos ideais militares, como o abdominal utilizado nas academias para se enquadrar nos padrões de estética, ambos numa perspectiva de “corpo ideal”. A escola torna-se uma máquina de ensinar, vigiar e hierarquizar. Utiliza como mecanismo de controle a execução de gestos e movimentos, membros e articulações, como verdadeiras marionetes (FOUCAULT, 1987).

Quadro 10 – Exterioridade ao corpo

SUJEITO	DISCURSO
4	<i>(...) dentro do projeto <u>meu corpo</u>, <u>minha casa</u>, eu trabalho identidade e procuro fazer a criança <u>conhecer</u> melhor seu corpo, não só o seu como o outro.</i>
8	<i>Que <u>temos um corpo</u>, temos que cuidar dele, um respeitando o outro.</i>
14	<i>(...) nós trabalhamos o projeto que é da prefeitura municipal que é <u>meu corpo</u>, <u>minha casa</u>, (...) as <u>partes</u> corporais, depois o corpo como um <u>todo</u> (...) Porém nós temos pouco conhecimento na nossa formação desde a graduação que não foi trabalhado a questão do corpo da criança, a não ser aqueles esquemas básicos, <u>Piaget</u>, do <u>Vygotsky</u> (...).</i>
20	<i>Existe um projeto que é o <u>meu corpo</u> <u>minha casa</u>, dentro de toda rede municipal, então o que que a gente faz, (...) Vamos fazer um <u>quebra cabeça</u> do corpo humano, vamos fazer <u>brincadeiras</u> né? com relação que envolva o corpo (...).</i>
21	<i>Então, acho que a gente tem que <u>respeitar</u> a faixa etária das crianças, de acordo com a <u>faixa etária</u> acho que você vai trabalhando é, o <u>movimento</u> (...).</i>

O relato dos sujeitos 4, 8, 14 e 20 traz consigo a ideia do “corpo que habito”, mostrando uma exterioridade ao corpo e embora apresente a ideia de cuidado com o

outro está em conformidade com os interesses de mercado e coisificação do corpos, e como tal atende a determinadas necessidades sobre o corpo, em detrimento de outras.

Nesse caso, não fica evidente como o conhecimento acerca da imagem-esquema-consciência corporal influencia no desenvolvimento da prática pedagógica. Contudo, fica explícito que a compreensão de corpo e movimento, utilitário e instrumental, tem se materializado no corpo das crianças. Além disso, evidenciamos no discurso do sujeito 14 que a discussão sobre o corpo durante a formação docente foi restrita aos “esquemas básicos, Piaget, do Vygotsky”, elucidando mais uma vez o enfoque cognitivo da psicologia assim como presente na literatura (TABACOW, 2006; LIMA, 1990) e documentos legais (BRASIL, 2006, 1998). Já o sujeito 21 não diz como tem sido desenvolvida a noção de corpo, apenas diz que é realizado de acordo com a faixa etária, reflete a pouca importância dada ao corpo da criança na escola.

Em algumas das falas verificamos que há espaço para o corpo brincar, como apontamos no Quadro 11a e 11b, vemos também que há tentativas de incluir as crianças com necessidades especiais e que estas oscilam entre tentativas de modificar a realidade ou contribuir na sua manutenção.

Quadro 11a - O lugar da brincadeira

SUJEITO	DISCURSO
5	<i><u>Respeitando o limite</u> de cada um. (...) Dependendo da atividade física ou <u>brincadeira</u> eles <u>não querem participar</u>, é respeitando.</i>
6	<i>Com bastante <u>brincadeira</u>, gestos, danças, no canto, ouvindo música. (...) para se <u>movimentar</u>, brincar e <u>conhecer</u> o corpo.</i>
7	<i>Trabalho com eles a importância de <u>cuidar</u> do corpo, a <u>higiene</u>, os movimentos que fazem pensando no bem estar deles, no <u>brincar</u>, trabalho isso.</i>
10	<i>Através de músicas, através de <u>brincadeiras</u> (...) Através de <u>conversas</u>, desde o momento que estão <u>escovando</u> os dentes, (...) na hora que estão se trocando, que estamos <u>brincando</u>, em <u>todo momento</u> estamos trabalhando.</i>

Quadro 11b - O lugar da brincadeira

SUJEITO	DISCURSO
12	<i>(...) <u>brincadeiras</u> dirigidas, dentro de musicalização, com <u>noção de desenho</u>, onde eles desenharam o que <u>entendem por si</u> do seu corpo, no parque, <u>ginástica</u>. (...) tudo que podemos falar sobre o corpo vamos utilizando no meio das <u>brincadeiras</u>.</i>
13	<i>(...) <u>desenho do corpo</u>, <u>quebra-cabeça</u> do corpo (...) <u>brincadeiras</u> dirigidas, músicas e cantigas que você trabalha o corpo.</i>
15	<i>É <u>brincadeiras</u> que nem, hoje segunda feira, eu tenho movimento né? direcionado é, então a gente vai fazer <u>brincadeiras</u> com bambolê (...) a gente trabalha noções de <u>matemática</u> com dentro e fora, (...) tenho figuras que a gente faz <u>imitação</u> de pose, (...) é com <u>exploração</u> dos <u>brinquedos</u>, (...) não adianta querer fazer muita coisa sentado com eles, é realmente <u>brincar</u> né?</i>
17	<i>(...) é muito <u>brincar</u>, <u>falar</u>, sabe tipo assim no <u>banho</u>, pra eles terem a noção do corpinho deles, <u>mão</u>, <u>perna</u>, na hora do banho, é muito <u>brincar</u>, muita <u>brincadeira</u>, pra eles se exercitar, subir descer, escorregar, se deslocar no espaço, sabe?</i>
22	<i>(...) rolamento, eu trabalho muito na <u>área externa</u>, eu trabalho com <u>caixa de papelão</u> que eles descem a rampa com caixa de papelão, eles descem o morro, eles trabalham no <u>velotrol</u>.</i>
26	<i>(...) todas as atividades eu faço relacionada com isso <u>é com movimento</u>, a noção, eu trabalho muito as <u>partes</u> do corpo, com <u>músicas</u>, é o <u>lúdico</u> né? são diversas <u>brincadeiras</u> (...).</i>

Por meio da brincadeira a criança significa o próprio corpo e constrói sentidos, a partir da fantasia e das inter-relações estabelecidas entre elas e o ambiente (SMIMIANO, 2012; QUEIROZ; MACIEL; BRANCO, 2006; KISHIMOTO, 2001). Assim é estabelecida como primordial na educação infantil, (BRASIL, 2010, 1998) Todavia, o termo esteve presente apenas na fala dos sujeitos 5, 6, 7, 12, 13, 15, 17, 18, 26 no Quadro 11a e 11b, dos sujeitos 2 e 16 no Quadro 9a e o sujeito 20 no quadro 10, mas com disparidades.

Se retornarmos ao Quadro 9a, é possível observar como o sujeito 2 tem-se se utilizado da brincadeira, enquanto veículo de aprendizagem, para controlar os corpos

da criança, ou seja, apenas mais um instrumento. Assim como o sujeito 7 mostra a oposição entre o educar e o cuidar que centraliza o debate em torno da educação infantil. Neste caso, com prevalência do assistencialismo, (cuidados e higiene) e a brincadeira de maneira funcional. Embora isto seja importante, não pode se restringir a isso mesmo porque a educação infantil deve ser pautada pela indissociabilidade entre o cuidar-educar (BRASIL, 2010, 1998).

O sujeito 5, explicita que respeita os limites das crianças mas não diz maiores detalhes. Além disso, tanto na fala do sujeito 5, quanto o 7, notamos estreita relação entre a compreensão do corpo e movimento e dos aspectos discutidos no tópico anterior, ao contrário do que apresenta o sujeito 6, que considera a brincadeira como possibilidade de (re)conhecer o corpo e vislumbrar a diversidade de atividades nesse processo. Bem como os sujeitos 12, 13, 15 e 26 que mostram uma diversificação das atividades. O caso do sujeito 26 mostra ainda de maneira enfática a importância do movimento no trabalho da noção de corpo. Esta compreensão é ampliada na fala do sujeito 10 e 17, o trabalho da noção corporal inserido nas atividades da rotina, por exemplo o banho. A criança enquanto sujeito.

O sujeito 22 apesar de não mencionar o termo brincadeira, faz menção ao uso da fantasia no trabalho da noção de corpo “com caixa de papelão que eles descem a rampa com caixa de papelão, eles descem o morro”, que é fundamental na construção de sentidos da criança (KISHIMOTO, 2001).

Todavia, é preciso enfatizar também a abordagem mencionada pelo sujeito 15 “a gente trabalha noções de matemática”, como já dito anteriormente a necessidade de se formar pessoas intelectualmente, faz com que as atividades corporais sejam deixadas de lado em detrimento de capacidades cognitivas (MONTEIRO, 2009).

É fundamental que a noção de corpo esteja inserida no dia-a-dia das crianças como descrito pelo sujeito 10. Além disso as atividades devem propiciar a exploração de ambientes, possibilidades de criação e intervenção. Assim como vivências pelo/no corpo das crianças através de brincadeiras. A visão de mundo e a perspectiva ideológica pela qual os sujeitos são interpelados tem sido determinante na maneira de contribuir/reprimir para o desenvolvimento da noção de corpo das crianças.

Nesse ínterim o desconhecimento e confusão estabelecida acerca da compreensão do que representa a imagem-esquema-consciência corporal, contribui, para a “repressão” a qual as crianças tem sido submetidas no âmbito escolar. Como pode ser visto nos sujeitos 2 e 7, que disseram não saber responder o que seria a

compreensão de imagem-esquema-consciência corporal, também não fica claro como trabalham a noção de corpo.

4.3 O TRATO COM AS LIMITAÇÕES CORPORAIS DAS CRIANÇAS DAS PROFISSIONAIS QUE TEM CRIANÇAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS INSERIDAS EM SUA SALA DE AULA

As limitações corporais encontradas nas crianças, relatadas pelas profissionais foram: Deficiência Física, Motora, Visual, Síndrome de Down, Paralisia Cerebral, Autismo. Além disso é possível verificar nos discursos dos sujeitos 19 e 20 a presença de crianças com obesidade. Alguns dos discursos deste tópico não trazem outros aspectos que já não tenham sido contemplados nas questões anteriores, mas é importante evidenciá-los, por ratificar determinadas concepções. Constatamos por exemplo que os sujeitos 1, 5 e 13 revelam visão dicotômica também na maneira como dizem lidar com as limitações corporais que as crianças possuem.

A necessidade de se formar pessoas capacitadas intelectualmente fez da escola o espaço com foco no desenvolvimento cognitivo em detrimento de outras dimensões corporais. O enfoque cognitivo da psicologia é bem presente na literatura educacional (TABACOW, 2006; LIMA, 1990) inclusive nos documentos que regulam a educação infantil no Brasil (BRASIL, 2006, 1998).

Isto pode explicar porque alguns dos sujeitos (sujeitos 1, 2, 3, 5 e 14 Quadro 12) relacionam a ideia de lidar com as limitações corporais das crianças com a participação em brincadeiras as quais afirmam não forçar a criança participar. Entretanto a ideia de não forçar a fazer, de não forçar se a criança não quiser também configura uma forma de limitar a própria aprendizagem das crianças.

Neste sentido a brincadeira é desconsiderada como veículo primordial no processo de formação da criança e pode ser sempre deixada de lado, é a criança que decide o que vai fazer, neste caso, escolhe se vai brincar ou não, ou seja, a brincadeira tem sido desenvolvida sem intencionalidade.

Quadro 12 - Valorização cognitiva e a brincadeira

SUJEITO	DISCURSO
1	<i>Tento <u>não deixar transparecer</u> as <u>limitações</u> de nenhuma criança, no caso, esses dois meninos que eu tenho, eles não tem nenhuma <u>limitação corporal</u>, é um <u>limitação mental</u> né? (...) Eu tive uma aluna <u>cadeirante</u> também, e a gente tentava né? fazer ela participar de tudo, mas infelizmente tinha coisa que não conseguia fazer né? que a <u>limitação</u> de uma cadeirante <u>é muito visível</u> mesmo né?</i>
2	<i>Essa turma é tranquila, mas se uma <u>criança</u> falar hoje eu <u>não quero</u> participar, eu <u>não obrigo</u> ninguém a <u>participar da brincadeira</u>, né?</i>
3	<i><u>Tento inserir</u>, (...) tento <u>fazer junto</u> com elas ou então chamar um amiguinho, (...) mas quando eu percebo que eles tem esse limite eu <u>não forço</u> ele na <u>brincadeira</u>.</i>
5	<i>Quando é uma <u>atividade de pintar</u> e tal, <u>tudo bem</u>, <u>mas</u> quando é uma <u>brincadeira</u> que a criança não quer, <u>tem que respeitar</u>, <u>não tem que forçar a criança a fazer</u>, brincar daquilo que não tem vontade.</i>
13	<i>É que <u>não tenho</u> nenhuma criança com <u>limitação corporal</u>, física. Assim, uma deficiência.</i>
14	<i>(...) nós vamos <u>conversar</u> com ela, <u>não vamos forçar</u> ela participar da atividade e aos poucos até pela <u>interação</u> do grupo, ela acaba <u>participando</u> e <u>desenvolvendo</u> essa <u>limitação</u> que até então tinha (...).</i>

Percebemos na fala do sujeito 1 a dificuldade de lidar com a diferença que uma criança usuária de cadeira de rodas tem, pois este sujeito remete-se somente as dificuldades que a criança tinha para realizar a tarefa dada, concluindo que ela não conseguia isto muitas vezes, mas sem reportar-se ao que foi feito com esta criança, o sujeito explicitou mais as impossibilidades do que as possibilidades desta criança, denotando preconceito, ao invés de mostrar como a presença desta criança lhe motivou a procurar novas atividades para a classe realizar. Verificamos também a dicotomia deste discurso, pois se de um lado é explicitada a incapacidade de uma criança com deficiência física (cadeirante), de outro existe a declaração da tentativa de não deixar transparecer as limitações das crianças, o que pode ser um reflexo do pensamento excludente que norteia a sociedade capitalista, onde este sujeito trabalha. Outras falas mostram tentativas de incluir a criança com alterações corporais

nas atividades, como as falas dos sujeitos 4, 7, 9, 10, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24 e 25 (Quadro 13a e 13b), “ajudando”, “auxílio”, “incentivo” respeitando os limites e especificidades de cada uma das crianças.

Quadro 13a Tentativas de inclusão da criança com necessidades especiais nas atividades

SUJEITO	DISCURSO
4	Procuro <u>planejar atividades</u> que eles <u>consigam realizar</u> , quando vejo que já conseguiram, vou colocando novos desafios.
7	<i>(...) procuro sempre <u>estimular mais</u>, né? ver aonde está a dificuldade, porque, <u>tento ajudar</u>.</i>
9	<i>Bastante <u>cuidado</u>, porque são crianças ainda, e não dá para passar mais do que <u>quinze minutos</u>, por que eles não ficam</i>
10	<i>Tento fazer as <u>atividades</u> dentro <u>dos limites deles</u>. (...). A limitação da minha aluna que não anda, tento <u>estimula-la</u> dentro do possível.</i>
15	<i>(...) a minha maior preocupação mesmo é com <u>os menores</u>, com as duas crianças menores que eu tenho na sala, principalmente uma que ela é bem mais molinha, (...) então ela a gente tem que dar bem mais <u>auxílio</u> pra ela (...) Mas é dessa forma é <u>ajudando</u>, eu ajudo bastante aqueles que tem dificuldade e geralmente eu relato né?</i>
17	<i>(...) eu vejo <u>até onde</u> ele <u>pode chegar</u>, as vezes eles nem precisa da minha ajuda, ele <u>dá o jeito dele</u>, ele vira e <u>não precisa</u> da minha <u>ajuda</u>, então eu falo que eu não pesco pra eles, eu ensino eles pescarem.</i>
18	<i>Faço muitas atividades de acordo com a <u>idade</u>, de acordo com o que eles <u>conseguem</u> fazer. Com os <u>limites</u> deles (...).</i>
19	<i>Na realidade eu tenho só um aluno que tem uma certa limitação, acho que porque ele é muito <u>pesado</u>, ele é muito <u>gordinho</u>, então ele tem assim <u>dificuldade</u> pra participar das <u>brincadeiras</u> (...) e pra ele você tem que <u>ajudar</u> um pouquinho ele.</i>
20	<i>Então eu tenho <u>duas crianças</u> que assim elas são um pouco <u>obesas</u> né? (...) eu vou através de <u>incentivar</u> a participar também seja através da limitação dele mais ele vai <u>participar</u> também igual aos outros, é isso?</i>

Quadro 13b Tentativas de inclusão da criança com necessidades especiais nas atividades

SUJEITO	DISCURSO
21	<i>(...) de acordo com a <u>faixa etária</u> e com as limitações de cada um você vai desenvolver alguma atividade que <u>não</u> ultrapasse os <u>limites</u> da criança.</i>
22	<i>Então eu sempre <u>incentivo</u> ela, falo não, você nunca pode falar não consigo, você pode, vai <u>tentando devagar</u>, vamos saltar devagarzinho, vamos primeiro pular, depois você vai ver praticando como é que <u>você consegue</u> saltar os obstáculos, eu sempre falo com eles.</i>
24	<i>A gente tem que <u>respeitar</u> porque cada um tem o seu <u>limite</u>, algumas crianças são mais ágeis (...) mas é que <u>cada uma ao seu tempo</u>.</i>
25	<i>(...)cada uma tem a suas <u>especificidades</u> e eu procuro sempre na medida do possível <u>atender</u> aquela que tem um pouco mais de dificuldade, <u>auxiliar</u>, as vezes elas mesmas não gostam desse auxílio, peço que alguma outra criança auxilie (...).</i>

Apesar da forte influência do discurso capitalista que permeia o discurso sobre o corpo realizados por estes sujeitos, há, neste momento, indícios de uma compreensão embasada nas Teorias críticas da educação, a escola na perspectiva de equalização social, mais justa e democrática. Uma educação para além do capital, entende a criança como sujeito histórico que é capaz de modificar a realidade, (FREIRE, 1997, 1996, 1980).

O trabalho do professor é estabelecido pela tensão entre modificar essa realidade ou contribuir nessa manutenção, mesmo que de forma velada. Diante disso, percebemos no discurso do sujeito 6, no quadro 13a a inserção, especificamente de uma criança com necessidades especiais, nas mesmas atividade realizadas pelas outras crianças. O “dar um jeito”, dá uma conotação de adequação à realidade desta criança, o “superar” aponta para essa transformação social, assim como “um pouquinho mais,” na fala do sujeito 11, o diálogo e “respeito” ao outro presente na fala do sujeito 8, e o “fazendo do seu jeito eles conseguem” no sujeito 12. Assim como o sujeito 23 “eu vou propor outras atividades pra ela tá superando essas limitações dela” e o sujeito 26 “como eu posso modificar essa atividade”.

Quadro 14 - Entre modificar a realidade ou contribuir na sua manutenção

SUJEITO	DISCURSO
6	<i>No parque procuro <u>estimular</u>, subir no escorregador, ir no balanço, no gira gira. (...) mesmo que tenha as limitações, procuro <u>dar um jeito</u> de <u>superar</u> essas limitações.</i>
8	<i>(...) com <u>conversa</u>, com <u>orientação</u>, sempre um <u>respeitando</u> o outro, que anda devagar, que tem dificuldade na fala, <u>explicando</u>, orientando-os.</i>
11	<i>(...) numa atividade de corrida, <u>o que corre mais rápido vai ter que diminuir</u> e o que é um pouco <u>mais lento vai ter que aumentar</u> um pouquinho, pra que todos fiquem mais ou menos no mesmo <u>padrão</u>. Então procuro <u>respeitar</u> a maturidade, da limitação corporal da criança e faço com que o grupo perceba e respeite também, só que sempre <u>estimulando</u> o que tem limitação, para perceber que talvez possa <u>um pouquinho mais</u> né?</i>
12	<i><u>Estímulos</u> para que elas aumentem cada vez mais a <u>coordenação motora</u>, para que eles possam <u>se conhecer</u> e comecem a entender. (...) mostrar que as crianças fazendo <u>do seu jeito</u>, elas conseguem fazer.</i>
16	<i>(...) a primeira coisa que eu tenho pra lidar com criança é <u>reconhecer</u> até onde ela <u>consegue</u>, né? ir, sempre <u>acreditando</u> que ela <u>pode mais</u>, né? dentro do <u>respeito</u> (...) Por exemplo eu consegui conquistar a turminha, pra ficar <u>uniforme</u> esse movimento meu as quintas feiras, quando eu comecei a utilizar, alguns <u>atletas</u> e algumas dançarinas, as esportistas que tem, que elas curtem (...).</i>
23	<i>As limitações, eu tento sempre <u>ajudando</u> eles, <u>auxiliando</u> e quando eles não estão prontos, eu vou procurar exercícios que eu vejo que eu posso trabalhar isso, uma criança ainda não consegue subir no obstáculo, eu vou <u>propor mais atividades</u> que ela consiga, eu <u>não vou forçar</u> ela naquele momento, que eu acho que <u>cada um tem seu tempo</u>, eu vou propor <u>outras atividades</u> pra ela tá <u>superando</u> essas limitações dela.</i>
26	<i>De acordo com a <u>faixa etária</u>, de acordo com as necessidades de cada uma (...) É em relação aos movimentos, o que que eu posso <u>ajustar</u>, o que está certo, o que não é pra aquela faixa etária (...) como eu posso <u>modificar</u> essa atividade.</i>

Todavia, como também exposto no discurso do sujeito 11, vê-se a tentativa de igualar os diferentes, para que fiquem mais ou menos no “padrão” e a tentativa de uniformizar as crianças na fala do sujeito 16, “pra ficar uniforme”. Traz em si como o sujeito é interpelado pela ideologia, neste caso, dominante. A padronização das ações humanas, caminham na contramão, da mudança social e atuam na manutenção do *status quo*, estabelecido pelo capitalismo.

De acordo com Oliveira e Daólio (2010) devemos proporcionar igualdades de acesso sem homogeneizar as ações, estabelecendo as diferenças como ponto de partida para o diálogo, compreensão e aprendizado numa perspectiva que possibilite “o entendimento de que existem diferenças e que elas compõem o quadro da humanidade. O “outro” constitui-se num possível “eu”” (p.163). Elucidamos então a dificuldade de algumas professoras em lidar com as diferenças.

Mas há que ser lembrado as tentativas de adequação as necessidades da criança realizadas pelas professoras, o cuidado para não desrespeitar os limites e a busca de informação para melhorar sua atuação, haja vista a participação dessas profissionais no programa “Jogos e Brincadeiras em Instituições de Ensino Infantil”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos documentos analisados identificamos uma compreensão voltada para a capacidade laboral do corpo, enquanto máquina produtiva que atende aos interesses de mercado. Encontramos nos discursos oficiais a fragmentação do corpo apesar do discurso da totalidade. Em alguns momentos até parece que se fala de uma criança sem corpo. Quando remetemos o discurso oficial a ideologia que está por detrás identificamos nas entrelinhas uma ideologia capitalista de valorização intelectual em detrimento de outras habilidades corporais, no sentido de alienação corporal e manutenção da ordem social vigente.

Em suma, a discussão estabelecida nos documentos não oferece subsídios necessários à uma educação de qualidade, no que tange aos aspectos na abordagem da educação no corpo –tratado apenas como parte da criança – e, do movimento – abordado como instrumento para aquisição de habilidades e não como veículo de apropriação, expressão individual e coletiva inerente a criança.

As indicações previstas em lei não se efetivam no âmbito escolar. Até mesmo as proposições (insuficientes) dos Referenciais Curriculares não são encontradas na prática pedagógica. Não há preocupação em verificar como as indicações se materializam nos corpos das crianças e os processos avaliativos se concentram em resultados.

Além disso não há discussão sobre como a educação historicamente incide no corpo das crianças. Assim é urgente um melhor encaminhamento dos documentos quanto ao trabalho pedagógico da educação corporal enquanto fim.

A partir de estudos já realizados percebemos que apesar de no discurso os documentos legais estabelecerem a importância da brincadeira e o movimento, esse direito tem sido negado a nossas crianças e a escola tem priorizado conhecimentos cognitivos deixando de lado outras habilidades corporais.

Outro ponto fundamental, é a qualidade da formação docente. Os cursos de formação de professores no Brasil não atendem as necessidades do segmento infantil, tanto nos cursos de pedagogia, quanto demais licenciaturas, com grande responsabilidade do poder público que não oferece condições mínimas para sua oferta com qualidade. Como a Educação Infantil é construída histórica e socialmente partindo do lugar que ocupa na sociedade não é possível conhecer a realidade apenas a partir de seu aspectos legais.

Entretanto, identificamos que a produção acadêmica na área além de ser escassa, trata o corpo conforme o campo de atuação em que se encontra, aborda-o sob diferentes perspectivas gerando divergências conceituais. Fato este que dificulta o entendimento e dá margem para as mais diversas abordagens, quase sempre de maneira fragmentada. Assim desvincula-se o corpo de suas relações com as condições sociais, históricas e ambientais.

Além disso verificamos como a sociedade além de padronizar e formalizar as ações humanas, privilegia a busca incessante do lucro e incentiva o consumo desregrado. Encontramos na indústria cultural um dos principais agentes de difusão da cultura dominante. Como abordamos no estudo não existe ideologia sem sujeito, nem sujeito sem ideologia. Dessa forma os sujeitos são a todo momento interpelados por essa ideologia, nesse caso as relações estabelecidas no âmbito escolar tem perpetuado os interesses da classe dominante e não tem cumprido seu papel de equalização social.

As professoras que participaram do estudo, mesmo sem perceber, tem sido influenciadas pelo discurso do capital. A compreensão de corpo e movimento está atrelada a funcionalidade do corpo, enquanto máquina produtiva deve estar em perfeitas condições para trabalhar, encontrando no movimento seu principal instrumento. Bem como, no discurso é marcante a presença da dicotomia do corpo assim como preconizado na área médica e difundido pelo capitalismo – corpo e mente, corpo e alma. Ao fragmentá-lo fica mais fácil de subjugar-lo, operando o controle social; identificamos também a influência do discurso da área médica do exercício para melhoria da qualidade de vida.

Neste estudo mostramos como o entendimento de corpo e movimento influencia o relacionamento do sujeito com o mundo e como a sociedade capitalista, baseada no consumo torna o sujeito à mercê do objeto. Ratificamos, como o controle social tem se operado sobre o corpo.

A análise da compreensão dos conceitos de imagem, esquema e consciência corporal nos possibilitou apreender um pouco como tem se desenvolvido a educação corporal e revelou uma compreensão reducionista, assim como observamos nos documentos legais e de diferentes olhares e perspectivas, gerando uma grande confusão, assim como a produção acadêmica da área. Por isso é de suma importância estudos acadêmicos ecológicos para melhor definição dos termos, independentemente da área de atuação.

O trabalho da noção de corpo e as estratégias e atividades para realiza-lo **gritam o discurso veiculado de forma dissimulada**. Nos discursos encontramos como as possibilidades de ação corporal são prejudicadas em função das vivências corporais negligenciadas e da visão fragmentada de corpo, além de tentativas de padronização de gestos e movimento para uniformizar as crianças.

No que diz respeito às necessidades especiais evidenciamos em alguns momentos como a escola tem supervalorizado as limitações das crianças ao invés de suas possibilidades. Além disso não podemos deixar de mencionar a tentativa esconder as limitações corporais, mesmo porque estes corpos na sociedade do capital não estão aptos ao modelo de produção econômica. Não se considerou, portanto, as diferenças como pertencentes a condição de humanidade.

Entretanto, apesar da influência do discurso capitalista que permeia o discurso destas profissionais sobre o corpo, encontramos também uma educação para além do capital, que entende a criança como sujeito histórico capaz de modificar a própria realidade, respeitando as diferenças e trabalhando numa perspectiva de inclusão.

Devemos enfatizar também, as adequações as necessidades das crianças realizadas por estas profissionais, os cuidado para não desrespeitar os limites e a busca pela formação continuada para aquisição de conhecimentos que possibilitem uma educação de qualidade.

Assim é imprescindível reformular as estruturas que envolvem o processo de formação docente (propostas pedagógicas, currículos, formação continuada, condições de trabalho, dentre outras), deve ocorrer levando-se em consideração o papel social da escola, como veículo para transformação social. Tal qual é fundamental a participação de profissionais que disponham do repertório necessário para atuar na EI.

Por isso a necessidade de POLÍTICAS PÚBLICAS que possibilitem discutir uma educação corporal que considere a integralidade do ser. É indispensável o desenvolvimento de atividades corporais com profissionais que atuam com as crianças na escola, não só para falar sobre aspectos relacionados ao corpo, como também para possibilitar a sua descoberta e reconhecimento corporal. Da mesma forma que se aprende pelo corpo, também se ensina por meio dele.

Portanto, é iminente o aprofundamento de estudos *in locu* para verificar como tem se desenvolvido a educação corporal na educação infantil, levando em consideração as crianças, os ambientes e demais sujeitos responsáveis pela

Educação Infantil para que possamos construir propostas pedagógicas que contemplem efetivamente as necessidades das crianças pequenas.

Ressaltamos ainda que não pretendemos aqui, responsabilizar (culpar) os docentes – mas também não eximi-los – pela baixa qualidade da Educação Infantil, (nossas crianças estão indo cada vez mais cedo para escolas que não tem o mínimo necessário para atender suas necessidades) mas chamar a atenção para denúncia feita pelos autores abordados e por este estudo, que alertam para a necessidade de reestruturação da carreira do magistério, que é no mínimo desmotivadora e ampliação de aporte financeiro para atender as necessidades da área.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Palavras e Sinais: modelos críticos 2/** Theodor W. Adorno; tradução de Maria Helena Ruschel; Petrópolis: RJ: Vozes, 1995.

ALÓS, P. A. Gênero, epistemologia e performatividade: estratégias pedagógicas de subversão. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 19 nº 2, 2011. p. 421-449.

ALVES, F. S.; CARVALHO, Y. M. Práticas corporais e grande saúde: um encontro possível. **Movimento**. v. 16, nº 4, 2010, p. 229-244.

ARIÉS, P. História social da criança e da família. Trad. Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

AYOUB. E. Reflexões sobre a educação física na educação infantil. Revista. Paulista de Educação Física, supl.4, p.53-60, 2001.

ANDRADE, S. S. Mídia, corpo e educação: a ditadura do corpo perfeito. In Meyer, Dagmar E.; Soares, Rosângela de F. R. (org.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 107-119.

BARROS, D. D.: Imagem corporal: a descoberta de si mesmo. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 12, n. 2: p. 547-54, maio-ago. 2005.

BONOMO, L. M. M; ROSSETTI, C. B. Aspectos percepto-motores e cognitivos do desenvolvimento de crianças com Síndrome de Down. **Rev. Bras. Cresc. e Desenv. Hum.** 2010; 20(3) 723-734.

BORGES, A. C. **Construção da imagem corporal na fase pré-escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso. Instituto De Biociências – Universidade Estadual Paulista – Rio Claro. Disponível em <http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/64544>. Acesso novembro 2013.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. – Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

_____. Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013. Altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial da União**. Brasília – DF, abril. 2013. Disponível em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2013/lei-12796-4-abril-2013-775628-publicacaooriginal-139375-pl.html>

_____. Ministério da Educação. **EDUCAÇÃO INFANTIL: Subsídios para construção de uma sistemática de avaliação**. Brasília 2012.

_____. Projeto de Lei nº 8.035-b de 2010a. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. **Câmara dos Deputados**. Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania. Disponível em <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=490116>

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010b.

_____. Parecer CNE/CEB nº 20/2009. **Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Brasília – 2009a.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Política de educação infantil no Brasil: Relatório de avaliação** / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB; Unesco, 2009b.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Indicadores da Qualidade na Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2009c.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à educação**. Brasília: MEC, SEB, 2006a.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros básicos de infra-estrutura para instituições de educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2006b.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil/Ministério da Educação**. Secretaria de Educação Básica – Brasília. DF. v.2; il. 2006c.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil/Ministério da Educação**. Secretaria de Educação Básica – Brasília. DF. v.1; il. 2006d.

_____. Ministério da Educação. **Integração das instituições de educação infantil ao sistema de ensino: um estudo de caso de cinco municípios que assumiram desafios e realizaram conquistas** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília MEC/SEF, 2002.

_____. Lei nº 010172, de 9 de janeiro de 2001. **Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/L10172.pdf>

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Volume 3** — Brasília: MEC/SEF, 1998a.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Volume 2** — Brasília: MEC/SEF, 1998b.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Volume 1** — Brasília: MEC/SEF, 1998c.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei no 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRAUNSTEIN, N. A. O DISCURSO CAPITALISTA: QUINTO DISCURSO? O DISCURSO DOS MERCADOS (PST): SEXTO DISCURSO? **A peste**, São Paulo, v. 2, n. 1, jan./jun. 2010. p. 143-165. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/apeste/article/view/12079>. Acesso 06 de novembro de 2013.

BRUHNS, H. T. O corpo parceiro e o corpo adversário. Campinas: Papirus, 2001. 3 ed.

BUSS-SIMÃO, M. A dimensão corporal: implicações no cotidiano da educação da pequena infância. *Magis, Revista Internacional de Investigación en Educación*, v. 2, n. (3, p, 129-140, 2009.

CAMPOS, M M. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças**. Brasília: MEC, SEB, 2009. 6.ed.

CAPRA, F. **O Ponto de Mutação: A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente**. 25. ed. São Paulo: Cultrix, 1982. 447 p.

CASTRO, M. B. **A INFLUÊNCIA DO CONTEXTO NAS HABILIDADES MOTORAS FUNDAMENTAIS DE PRÉ-ESCOLARES E ESCOLARES**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Porto Alegre. 2008.

CAVALARI, T. A. **Consciência corporal na escola** Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação Física – Campinas – São Paulo. 2005. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000353612> Acesso novembro 2013.

CAVALCANTI, D. R. M. O surgimento do conceito “corpo”: implicações da modernidade e do individualismo. **CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, n. 9, set./2005, p. 53-60.

COLVARA, L. F. A criança em tempos de TV. In **Coletânea de textos do Fórum da Diversidade e Igualdade: cultura, educação e mídia**. UNESP - Universidade Estadual Paulista - Bauru – 2007. Disponível em www4.faac.unesp.br/publicacoes/anais-comunicacao/textos/40.pdf Acesso em 05 de . novembro

DA SILVA, C. L.; VELOZO, E. L.; RODRIGUES JR, J. C. Pesquisa qualitativa em Educação Física: possibilidades de construção de conhecimento a partir do referencial cultural. **Educação em Revista** (Belo Horizonte) nº 48, p. 37-60, 2008.

DE MARCO, M. A. Do Modelo Biomédico ao Modelo Biopsicossocial: um projeto de educação permanente. **REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MÉDICA. Rio de Janeiro.** V. 30, nº 1. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbem/v30n1/v30n1a10.pdf>

ELIAS, N. **O processo civilizador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1994. Tradução, Jungmann, R.– 2v.

FALCO, F.; KOK, M. G. P. **A importância do espaço na educação infantil.** Instituto Superior de Educação Vera Cruz. 2009. Disponível em: http://www.veracruz.edu.br/cevec_informa/06_2009/doc/monografia_fernanda_%2de_%20falco.pdf> Acesso em 16 de dezembro de 2013

FERREIRA, E. L. **Corpo-Movimento-Deficiência:** as formas dos discurso da/ na dança em cadeira de rodas e seus processos de significação Juiz de Fora: MG: CBDCCR, 2005.

_____, E. L. **Corpo-Movimento-Deficiência:** as formas dos discurso da/ na dança em cadeira de rodas e seus processos de significação Campinas. 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. 17.ed.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** Tradução de Kátia de Melo e Silva. São Paulo. Moraes, 1980. 3. ed.

FREITAS, Maria do Carmo Rossler. **As Emoções da Dança Esportiva em Cadeiras de Rodas.** Dissertação de Mestrado. Programa de Educação Física. UNIMEP - Piracicaba, 2005. 157p.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão.** Petrópolis, vozes, 1987.

GARAIGORDOBIL, M.; AMIGO, R. Inteligencia: Diferencias de género y relaciones con factores psicomotrices, conductuales y emocionales en niños de 5 años. **Interdisciplinaria**, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, v. 27, n. 2, 2010 Disponível em http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1668-70272010000200003&lng=es&nrm=iso>. Acesso nov. 2013

GATTI, B. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educação e Sociedade**, Campinas. V.31. n. 113, p. 1355-1379, 2010.

GONÇALVES, M. A. S.– **Sentir, Pensar, Agir:** corporeidade e educação. 4ª edição - Campinas - SP: Papyrus, 1994. (Coleção corpo e motricidade)

HERCULES, E. D & SILVA, M. M. Percepções Sobre o Corpo Feminino: um estudo com as subjetividades das Acadêmicas de um curso de Educação Física. **Pensar a Prática**. v. 8, nº 2, p.197-213. 2005.

IBGE, (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e Estatística). **Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio 2011**. Disponível em <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=353870> Acesso 05 de novembro de 2013.

KISHIMOTO, T. M. Brinquedos e materiais pedagógicos nas escolas infantis. In: Educação e Pesquisa. **Revista da Faculdade de Educação da USP**. São Paulo. v.27, n.2, jul. dez. 2001. p.229-265. Disponível em

KRAMER S.; NUNES, M. F. R; CORSINO, P. Infância e crianças de 6 anos: desafios das transições na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.37, n.1, 220p. 69-85, jan./abr. 2011.

LAFARGUE, P. **O DIREITO A PREGUIÇA E OUTROS TEXTOS. ? Editora Estampa.**

LEITE, N. V. A. **O acontecimento na estrutura. O real da língua na teorização sobre o discurso: a hipótese do inconsciente**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas – faculdade de Educação Física – Campinas – São Paulo, Instituto de Estudos da Linguagem. 1993. Disponível em <http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000055414> acesso novembro de 2013.

LIBERAL, M. Reflexos Sociais do Calvinismo. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ÉTICA E CIDADANIA. Universidade Presbiteriana Mackenzie. **Revista Eletrônica**. 1ª ed., São Paulo - 2005. P. 127-149. Disponível em http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Graduacao/EST/Publicacoes-artigos/liberal_9.pdf. Acesso em 05 de novembro de 2013.

LIMA, E. C. A. S. O CONHECIMENTO PSICOLÓGICO E SUAS RELAÇÕES COM A EDUCAÇÃO. **Em Aberto**, Brasília, ano 9, n. 48, 1990. p. 02-04

LUDKE, M; ANDRÉ, M. E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, Pedagógica e Universitária, 1986. 99p.

MANOEL, E. J.; CARVALHO, Y. M. Pós-graduação na educação física brasileira: a atração (fatal) para a biodinâmica. **Educação e Pesquisa**, v.37, n.2, p. 389-406, mai./ago. 2011.

MASTROIANNI, E. C. Q.; et al. A consciência corporal na educação infantil. In PINHO, S. Z.; SAGLIETTI, J. R. C., (Org.) **Núcleos de Ensino**. São Paulo: Cultura Acadêmica 2007. 12-30.

MATOS, O. C. F. **A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do Iluminismo**. São Paulo: Moderna 1993. (Coleção Logos)

MAUÉS, O. C. Reformas internacionais da educação e formação de professores. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.118, p.89-117, mar. 2003.

MEDINA, J. P. S. **O brasileiro e seu corpo: Educação e política do corpo.** 2ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

MELO, J. P. **Desenvolvimento da Consciência Corporal: uma experiência da Educação Física na idade pré-escolar.** Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação Física – Campinas – São Paulo. 1994.

MENDES, M. I. B. S. Do ideal de robustez ao ideal de magreza: Educação Física, saúde e estética. **Movimento**, v. 15, nº 4, 2009. p. 175-191.

MOREIRA, W. W. **Corpo presente** – Campinas - SP. Papyrus, 1995. (Coleção corpo e motricidade)

_____. **A AÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: UMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA.** Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Campinas, 1990. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000018205&fd=y> Acesso 06 de novembro de 2013.

MONTEIRO, A. A. **Corporeidade e educação física: histórias que não se contam na escola!** Dissertação de Mestrado. Universidade São Judas Tadeu. São Paulo, 2009. Disponível em http://www.usjt.br/biblioteca/mono_disser/mono_diss/118.pdf. Acesso em 04 de novembro.

OLIVEIRA, M. M.; *et al.* ADMINISTRANDO TRABALHO E FAMÍLIA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE MULHERES PROFISSIONAIS COM ALTO NÍVEL DE INSTRUÇÃO. **Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica.** Viçosa. v.23, nº 1, 2012. 170-200. Disponível em <http://www.seer.ufv.br/seer/oikos/index.php/httpwwwseerufvbrseeroikos/article/view/74/110>. Acesso em 05 de novembro de 2013.

OLIVEIRA, N. R. C. O ESPAÇO DO “CORPO” NA EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA. **Conexões**, v. 6, n. 1, 2008, p. 1-13. Disponível em <http://fefnet178.fef.unicamp.br/ojs/index.php/fef/article/viewFile/207/163> Acesso em 16 de dezembro de 2013.

OLIVEIRA, R. C.; DAÓLIO, J. Educação Física, cultura e escola: da diferença como desigualdade à alteridade como possibilidade. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 01, p. 149-167, 2010.

ORLANDI, E. P. Análise do discurso: princípios e procedimentos. Campinas – SP – Pontes 2012. 10ª Edição.

_____, Coreografar: inscrever significamente o corpo no espaço. In, FERREIRA, E. L., FERREIRA, M. B. R. e FORTI, V A. M. **Interfaces da dança para pessoas com deficiência.** Campinas: Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas - CBCDR, 2002.

_____, **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.

PETROSKI, E.L. **Antropometria: Técnicas e Padronizações**. PALLOTTI, 2011.

PORTO, E.; SIMÕES, R.; MOREIRA, W.W. CORPOREIDADE E AÇÃO PROFISSIONAL NA REABILITAÇÃO: (DES)ENCONTROS. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**. Campinas, v. 25, n. 3, 2004. p. 101-116.

QUEIROZ, N. L. N.; MACIEL, D. A.; BRANCO, A.U. BRINCADEIRA E DESENVOLVIMENTO INFANTIL: UM OLHAR SOCIOCULTURAL CONSTRUTIVISTA. **Paidéia**, v. 16, (34), 2006. p. 169-179. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v16n34/v16n34a05.pdf>. Acesso 06 de novembro de 2013.

RIBEIRO, P. R. L.; TAVARES, M.C.F. As contribuições de Seymour Fisher para os estudos em imagem corporal. **Motricidade**, 2011, vol. 7, n. 4, pp. 83-95.

ROCHA, I. P. Consciência Corporal, Esquema Corporal E Imagem Do Corpo. **Corpus et Scientia**, v.l. 5, n. 2, p. 26-36, 2009.

ROSA, M. Jacques Lacan e a clínica do consumo. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, vol.22, n.1, 2010. p.157 – 171. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pc/v22n1/a10v22n1.pdf>. Acesso 06 de novembro de 2013.

RUSSEL, B. **O elogio ao ócio**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

SAVIANI, D. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**. v.14, n 40, p. 143-155, 2009.

SILVA, T. R.; SOARES, F. A.; GOMES, D. P.; PEREIRA, E. T. Efeitos de um programa psicomotor em um indivíduo com poliomielite e sequelas de acidente vascular cerebral. **Motricidade**, vol. 8, n. S2, 2012. p. 339-347.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho científico**. 23.ed São Paulo: Cortez 2007.

SIMIANO, L. P. SOBRE O ESPAÇO DA BRINQUEDOTECA E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS ENTRE CRIANÇAS: QUEM QUER BRINCAR? **IXANPED SUL - Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**. 2012 p. 1-14. Disponível em <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/359/296> . Acesso 06 de novembro de 2013.

SKALINSKI, Lacita Menezes; PRAXEDES, Walter Lúcio de Alencar. A abordagem marxista aplicada aos métodos de investigação em Saúde. **Maringá**, v. 25, no. 2, 2003. p. 305-316 Disponível em <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/viewFile/2185/1364> Acesso em 04 de novembro de 2013.

SOUZA, N. G. S. O corpo: inscrições Do campo biológico e do cotidiano. **Educação e Realidade**. 30(1). 69-186. 2005. Disponível em

<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/23017>. Acesso em 06 de abril 2014.

TAVARES, M. C. G. C. Imagem corporal: conceito e desenvolvimento. 1. ed. Barueri, SP: Manole, 2003.

TABACOW, L. S. **CONTRIBUIÇÕES NA NEUROCIÊNCIA COGNITIVA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES PEDAGOGOS**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências Sociais e Aplicadas. Campinas, 2006

TURTELLI, L. S.; TAVARES, M. C. G. C. F.; DUARTE, E. CAMINHOS DA PESQUISA EM IMAGEM CORPORAL NA SUA RELAÇÃO COM O MOVIMENTO. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**. Campinas, v. 24, n. 1, 2002. p. 151-166.

TRANSCRIBER. Software Livre. Versão 1.5.1. [S.l.: s.n.]. Disponível em <http://www.superdownloads.com.br/download/100/transcriber/> acesso em 20 de setembro de 2013.

VAZ, C. A. F.; TAVARES, H. M. A importância da Linguagem Corporal na Educação Infantil. **Revista da Católica**. v. 2, n. 4, s.p., 2010. Disponível em: <http://www.catolicaonline.com.br/revistadacatolica/artigosn4v2/17pedagogia.pdf> Acesso em 16 de dezembro de 2013.

ZORTEA, L. E.; KREUTZ, C. M.; OLIVEIRA, J; VEIGA, R. L. Imagem corporal em crianças institucionalizadas e em crianças não institucionalizadas. **Revista Aletheia**, Issue 27, 2008. p.111-116 Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S141303942008000100009&script=sciarttx>. Acesso novembro 2013.

ANEXO A – APROVAÇÃO CEP – UNIMEP

 UNIMEP Universidade Metodista de Piracicaba	Comitê de Ética em Pesquisa CEP-UNIMEP
<i>Certificado</i>	
<p>Certificamos que o projeto de pesquisa intitulado "Jogos e brincadeiras em Instituições de Ensino Infantil - em busca de autonomia e criatividade", sob o protocolo nº 13/12, da pesquisadora Profa. Rute Estanislava Toloka esta de acordo com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/MS, de 10/10/1996, tendo sido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa – UNIMEP.</p>	
<p>We certify that the research project with title "Games and plays in day care institutions: looking for autonomy and creativity", protocol nº 13/12, by Researcher Profa. Rute Estanislava Toloka is in agreement with the Resolution 196/96 from Conselho Nacional de Saúde/MS and was approved by the Ethical Committee in Research at the Methodist University of Piracicaba – UNIMEP.</p>	
	Piracicaba, 04 de maio de 2012
Prof. Rodrigo Batagello Coordenador CEP - UNIMEP	

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Pesquisa: “Jogos e Brincadeiras em Instituições de Ensino Infantil”

Informações e justificativa do estudo: As crianças estão indo cada vez mais cedo para as instituições de ensino, perdendo possibilidades de brincar, podendo ter alterações de desenvolvimento em consequência disto, já que pouco tempo é dedicado a brincar e pouco se discute a importância destas atividades para o desenvolvimento infantil nas instituições de ensino.

Objetivos do estudo: O estudo visa conhecer o que pensam os profissionais que atuam em instituições de ensino infantil sobre as necessidades da criança brincar para se desenvolver. Pretende também observar o cotidiano das crianças para verificar quais as possibilidades que o mesmo tem oferecido para que estas possam se desenvolver, verificando o uso de habilidades, relações sociais e tratamento com o corpo, para oferecer subsídios para discussão sobre este assunto.

Procedimentos e duração do estudo: O (a) profissional que atua diretamente com as crianças participará de uma entrevista- questionário, com perguntas sobre nível de escolaridade, outros cursos realizados, faixa etária, experiências profissionais anteriores, tempo de trabalho, conhecimentos sobre desenvolvimento infantil e consciência corporal. Será filmada alguma atividade do dia a dia das crianças, a escolha do profissional, dentro da própria escola. Os pais responderão ao Formulário de Atividades do Cotidiano Infantil e condições de saúde da criança. Será oferecido programas com atividades teórico- práticas sobre jogos e brincadeiras, e algumas atividades serão realizadas dentro da própria instituição, com as crianças. Estas atividades serão filmadas para analisarmos a adequação das mesmas para estimular o desenvolvimento da criança.

Cuidados prévios, riscos e inconveniências: Caso aconteça qualquer acidente, as providências serão tomadas de acordo com os próprios procedimentos já tomados pela escola, que são: garantia dos primeiros socorros em casos mais “leves” de menor gravidade; não sendo possível a solução pela própria escola, em casos de acidentes mais graves e sérios chama-se imediatamente o SAMU (Serviço de Atendimento Municipal de Urgência). Se houver algum dano com nexo causal inerente a este estudo, indenizações serão feitas conforme indica a Resolução 196/96.

Os senhores serão informados dos resultados de todos os processos, etapas de avaliação, bem como dos resultados finais do estudo. Se houver qualquer dúvida em relação aos procedimentos, etapas, resultados, os senhores podem procurar antes, durante e após o programa, pela prof. Dra. Rute Estanislava Tolocka (19) 3124.1515 Ramal 1240 ou 1277.

Liberdade de participação: Os senhores podem desistir de participar desse estudo a qualquer momento, sem quaisquer prejuízos nesta instituição, sendo solicitado apenas que avisem ao pesquisador.

Os senhores não pagarão nenhuma taxa para participar do programa, e também não receberão nenhuma compensação financeira.

Benefícios do estudo; Este estudo será importante para levantar subsídios para o trabalho com crianças em instituições infantis, contribuindo para a formação profissional.

Confidencialidade; Todas as informações que dizem respeito a sua identidade serão mantidas em sigilo e os dados coletados, utilizados somente para fins didáticos e de pesquisa. Solicitamos sua autorização para uso das imagens registradas durante as filmagens para estes fins.

Acredito ter sido suficientemente esclarecido a respeito das informações que foram lidas por mim, descrevendo o estudo que visa analisar o conhecimento que tenho sobre as necessidades da criança brincar para se desenvolver. Os propósitos desse estudo, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes ficaram claros para mim. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia do acesso aos meus dados quando necessário. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e posso retirar meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades, prejuízos ou perdas e se decidir desistir, informarei a professora Dra. Rute Estanislava Tolocka.

_____ Data: ____/____/____

Assinatura do profissional ou do pai-responsável pelo aluno

“Eu _____, responsável pelo aluno _____ da Instituição de Educação Infantil _____ declaro que também tomei conhecimento do estudo e decidi deixá-lo participar, dando meu consentimento livre e esclarecido para efetuação do estudo para fins acadêmicos”. Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do voluntário para a participação neste estudo.

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

1- Qual sua compreensão de corpo e de movimento?

1.1 - Qual a sua relação com o seu corpo e o movimentar-se?

2- O que você entende por imagem/esquema/consciência corporal?

1.2 - Como você trabalha a noção corpo com as crianças?

3-Como você lida com as limitações corporais das crianças?

APÊNDICE C – ENTREVISTAS

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA – SUJEITO 1

Qual a sua compreensão de corpo e de movimento?

*Na verdade eu acho que essa compreensão, vai mudando né? Porque, cada vez o nosso corpo serve pra alguma coisa ao meu ver. Trabalhando com a educação infantil eu vi a importância que o nosso corpo tem. Antes eu dava aula pra ensino médio, ensino fundamental e quando eu vim pro infantil, (pigarro) eu senti muito isso. E o movimento totalmente relacionado a descoberta, a aprendizagem. A relação com meu corpo e o movimentar-se tá relacionado a isso descobrir, a aprender a explorar a própria consciência de corpo mesmo que as crianças tem que ter, que a gente tem que embutir neles né? Esse pensamento tem a ver com isso. **Como é que você se relaciona com seu corpo e como o movimento?** Com o meu corpo? Então, como eu me relaciono com ele, eu procuro cuidar dele, (risos) ultimamente, tive uma mudança de hábitos de vida, para poder cuidar mais do meu corpo pra que tenha mais durabilidade, flexibilidade, qualidade e tudo mais. E qual que era a outra pergunta? **Você pratica alguma coisa, alguma atividade física, um com movimento.** Eu faço academia três, quatro vezes por semana e aqui na escola agente tem um projeto de jogos e brincadeiras que meio que obriga agente a se movimentar todos os dias por pelo menos quinze minutos. Então todo dia (interrupção, uma pessoa entra na sala) todo dia tem um jogo, tem uma brincadeira. Como tenho essas duas crianças especiais, eu exploro muito essa coisa do movimento, porque vejo que eles parecem interagir mais comigo e com os amigos através do movimento. Eu não sei como é a compreensão deles a respeito disso, mas é o que procuro fazer. E eu faço diversas atividades ligadas ao corpo com música, com circuito, desafio de obstáculos e etc. **O que você entende por imagem/esquema/consciência corporal?** Imagem-esquema-consciência. Imagem é o que você vê né? do seu corpo, a sua imagem, nossa! Difícil! né? Esquema, Esquema corporal, por exemplo a gente trabalha aqui na escola né?, como é o esquema do corpo, membros, tronco, cabeça, braços, pernas, como eles se movimentam. Consciência corporal é aquilo que você consegue realizar com seu corpo, até quando você consegue ir, seu limite, é você ter consciência. **Como você trabalha a noção corpo com as crianças?** Primeiro com essa coisa do esquema mesmo, do que nosso corpo é feito né? E é engraçado porque as crianças*

ensinam pra gente né? todo dia, ontem mesmo estávamos vendo uma figura de um cadeirante e eles falaram assim, mas porque ela fica na cadeira? Falei - porque as pernas dela não funcionam como a nossa, então no lugar das pernas ela tem essa cadeira. Eles ficaram intrigados - mas ela não tem perna? - Não ela tem, mas não funciona. É muito difícil né?, porque você elabora um esquema corporal onde o corpo é composto de tais partes, de repente você vê um cadeirante né?, que a perna dele não funciona. Você aprende que tem, mas, não funciona, como assim? Sabe? Meio confuso, mas você entendeu o que eu quis dizer? Agente tenta trabalhar essa noção de corpo, mas é muito complicado mesmo, até porque cada um tem uma noção do seu corpo né?, as vezes você se acha maior do que você é, menor do que você é, mais gordo, mais magro. **Que tipo de atividade você utiliza na rotina para trabalhar essa noção de corpo?** Então, ontem (pigarro) eu fiz bolinha de sabão, a(a entrevista é interrompida novamente) Então ontem eu fiz bolinha de sabão onde eles tem que correr atrás da bolinha e soprar a bola antes dela cair no chão; outro dia eu peguei bambolê pra tentar fazer movimento no braço, na cintura, ou tem uns postinhos lá no parque, tentar acertar, eu pulo corda faço cobrinha, passo por baixo, por cima, faço circuito, passo embaixo da cadeira. Cada dia uma coisa diferente e muito com música também, a música da casa do zé, do toque toque. Eu tento incluir todo dia alguma coisa com o corpo, algum movimento do corpo é um compromisso meu com eles; sair à área externa e não só soltar a criançada lá no parque, entendeu? Fazer uma atividade intencional mesmo e acabar ensinando alguma coisa né? em cima, em baixo, direita, esquerda, abaixa, levanta, esses comandos. **Como você lida com as limitações corporais das crianças?** Eu tento não deixar transparecer as limitações de nenhuma criança, no caso, esses dois meninos que eu tenho, eles não tem nenhuma limitação corporal, é um limitação mental né? nem sei se é o termo correto, nem deve ser né? Mas não permite que consigam realizar certas coisas. Eu tento não deixar transparecer, dou a oportunidade pra todo mundo da mesma forma, de repente um não alcança, mas ele consegue realizar outras coisas. Então, eu parto para outro lado, você pelo menos tentou, ou você não conseguiu dez, mas você fez dois, legal, sabe? Eu tive uma aluna cadeirante também e a gente tentava né? fazer ela participar de tudo, mas infelizmente tinha coisa que a gente não conseguia fazer né? por que a limitação de uma cadeirante é muito visível né?

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA – SUJEITO 2

Qual sua compreensão de corpo e do movimento? *É a minha ou a que eu vejo nas crianças?* **A sua compreensão de corpo e de movimento.** *Acho que é essencial né? Vejo assim porque eu era muito, sedentária né? Agora faz um tempo que estou fazendo exercício, vejo como que isso faz bem né? Vejo por que eu não fazia nada, agora estou mais disposta, mais sabe? Então, é isso que eu acho que o corpo é, e o movimento, principalmente é essencial, pra nós, tanto pra mim, quanto pra crianças, principalmente pra eles né?* **Qual a importância do seu corpo no seu ambiente de trabalho?** *Tem que ter tudo, porque a gente não para um minuto aqui, é movimento toda hora, toda hora não é o professor ficar sentado com a lousa e pronto. Pelo menos na educação infantil não é assim não. É movimentação toda hora, não sei se você percebeu agora na hora do banho ia e voltava o tempo inteiro é movimentação toda hora mesmo.* **E qual a sua relação com o seu corpo e o movimento?** *Em que sentido você fala?* **Como você se sente com seu corpo?** *Agora estou correndo atrás dos prejuízos né? começando a me sentir bem, fazendo exercício, agora estou começando a me sentir bem, a ver resultado também, aos poucos mais está indo né?* **O que você entende por imagem/esquema/consciência corporal?** *Não sei, essa eu não sei responder pra você.* **Imagem Corporal?** *Esquema, não, olha eu não sei, não sei dizer isso.* **Consciência Corporal?** *Não.* **Como você trabalha a noção corpo com as crianças?** *Nós temos aqui na prefeitura as áreas específicas que trabalhamos, e tem a movimento. A minha sala é muito agitada, então procuro dar muitas brincadeiras dirigidas para eles se acalmarem, porque eles não ficam sentados muito tempo para fazer uma atividade. Então é muito corpo mesmo, só tem um problema que eles não aceitam a regras, as vezes eu dou uma brincadeira, eles acabam se batendo. Por exemplo uma brincadeira de pega pega, um pega o outro ai ou outro já pega e bate entendeu? Porque eles não aceitam as regras do jogo. Temos trabalhado desde o começo do ano pra eles aceitarem as regras da escola e dos jogos também né? Mas eles adoram brincadeiras, só que eles tem a mania de ficar brincando de luta sabe? Principalmente os meninos, isso está bem complicado na minha sala.* **TV né? nos desenhos tem muita luta o tempo inteiro.** *Às vezes eu prefiro deixar eles livre para brincar, porque acaba sempre tendo intrigas, briga, quando eu faço algum tipo de atividade, mas eu sempre procuro fazer.* **Como você lida com as limitações corporais das crianças?** *Pode especificar mais fácil essa*

pergunta. Quando ela apresenta dificuldades para de realizar a atividade, alguma criança com necessidade especial. Como é que você lida com essas limitações dos alunos? Então, a aninha não tem nenhum problema quanto a isso, ela é muito segura, quanto a brincar ela não tem nenhuma limitação, ela corre, ela vai no balanço, ela pula, ela sobe e nas brincadeiras ela participa muito bem. E o restante da turma? Essa turma é tranquilo, mas se uma criança falar hoje eu não quero participar, eu não obrigo ninguém a participar da brincadeira né? Mas, essa turma todos gostam de correr, pular, não tem nenhum que não goste. Eles apresentam dificuldades para realizar os movimentos, a tarefas? Não, não muito pelo contrário, graças a Deus não tem nenhuma limitação não.

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA – SUJEITO 3

Qual a sua compreensão de corpo e de movimento? Como assim? Como é que você compreende o corpo e o movimento. *Pausa, os dois juntos? Você fala a importância do movimento do corpo. Junto ou separado, como você entende o corpo e o movimento? Não consigo explicar muito bem sobre isso, mas entendo que o movimento é muito importante para o corpo, para saúde física. Entendo isso, não sei explicar o que seria. Pode falar com as suas palavras mesmo, o que o corpo pra você? É fundamental para nós né?. Não sei explicar muito, estou um pouco nervosa. Pode ficar tranquila é só uma conversa. Acho que é importante o movimento para o corpo, não consigo explicar o que seria. Não precisa explicar, é só falar de maneira simples, como você se relaciona com o seu corpo? Como é o seu relacionamento com você mesma - com o seu corpo? Me dou bem. Gosta dele? Sim, as vezes a gente tem sempre algo não gosta né? Tem que mudar uma coisa ou outra, mas eu me dou bem, já me frustrei um pouco, porque eu era muito magrela, (risos) agora já gosto mais. Qual a importância do seu corpo para o trabalho? Tem que estar sempre bem é? Tem que estar disposta. Tenho que fazer alguma atividade, apesar de não fazer, sei que preciso, porque, como lido crianças, elas tem muita energia pra gastar e as vezes a gente acaba se limitando em algumas coisas e eles já estão além de nós. Eles são muitos agitados e nós não temos mais essa mesma energia deles. Mas, acredito que lido bem, gosto de brincar muito com eles, colocando as crianças na relação. E você com o movimento? Faz alguma atividade? Não, as vezes eu procuro fazer caminhada uma duas vezes na semana, mas as vezes eu consigo eu consigo, as vezes não. Eu tenho dois pais idosos, então eu procuro caminhar com eles, mas, não no mesmo ritmo que talvez eu necessite, caminho no ritmo deles, principalmente da minha mãe que precisa de caminhada porque ela tem problema de coração, mas nenhuma atividade física direcionada pra mim. Nada direcionado pra você. Não, não nenhuma atividade física direcionada pra mim não. O que você entende por imagem/esquema/consciência corporal? Quando trabalho com as crianças eu mostro o corpo. Será que seria com eles? O que você entende por imagem corporal? Não sei explicar assim. No trabalho com as crianças, o que é imagem corporal pra você? Pra trabalhar com eles você fala? O que é imagem corporal? É a imagem do meu corpo. O que é esquema corporal?*

Não sei explicar agora. Não vou saber te falar, tenho medo de falar alguma besteira.

Consciência corporal? *Não. O que seria consciência corporal, em alguma reportagem na TV?* Não. **Em algum curso de formação?** Muito, muito pouco pode até ser que tenha visto, mas eu não sei, nada que abrangesse muito sobre esse assunto. **Como você trabalha a noção corpo com as crianças?** *Trabalho com o corpo delas, com músicas, falando sobre o cuidado do corpo, ter segurança nas brincadeiras. Tem vários joguinhos de quebra-cabeça que é do esquema corporal, cabeça, tronco, membros, trabalho assim, não sei se seria isso. Antes eu perguntei o que era esquema corporal você ficou nervosa.* Hãhã. *Acho que é mais fácil eu explicar como trabalho com eles do que pergunta direta.* **Que tipo de atividade você realiza no dia a dia?** *Como eles tão muito agitados, eu faço atividades com eles de massagem. De início eu que fazia massagem neles, eu ia pegando na mãozinha, no bracinho, na perna. Agora a gente já faz a ginástica. Até eles mesmos pedem - vamos fazer a ginástica hoje. Eles erguem o bracinho, até mesmo para ter uma noção do corpinho deles, como minha turma é o maternal, eles ainda estão aprendendo. Eu já trabalhei no berçário e eles aprendiam ainda mais, por que os meus já sabem o que braço, o que é perna. Mas, é assim, trabalhar com o corpo, com o esquema puro.*

Qual a idade da sua turma? *De dois ano e meio a três.* **Como você lida com as limitações corporais da, das crianças?** *Eu tento, como posso dizer? Tento inserir eles na atividade, mas quando percebo que eles tem mais dificuldade, por exemplo, em uma atividade, um circuito, que exige muito do movimento do corpo inteiro deles, tento fazer junto com elas ou então chamar um amiguinho, pois eu percebo que eles gostam mais. Mas, quando eu percebo que eles tem esse limite eu não forço ele na brincadeira.* **Você auxilia na atividade?** *Auxílio na atividade, tem uma criança que não gosta muito de movimentar, ela não gosta de brincadeiras que exige muito movimento do corpo, então eu tenho sempre que insistir pra ela brincar, mas eu não forço quando percebo que a brincadeira não agrada.*

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA – SUJEITO 4

Qual a sua compreensão de corpo e de movimento? *A medida que nos movimentamos, o corpo fica mais saudável, se desenvolve mais, faz muito bem para o corpo e a alma. A gente tem a sensação de liberdade.* **Qual a sua relação com o seu corpo e o movimentar-se?** *Procuro movimentar muito né? o dia que levanto e não faço nada eu sinto cansaço e percebo que não aprendi nada, que eu não desenvolvi, então vejo isso em mim né? percebo que o meu corpo necessita a cada dia de mais movimento.* **Mais alguma coisa? O que você entende por imagem/esquema e consciência corporal?** *Imagem é o que nós vemos né? Imagem é o que nós vemos. Por isso na escola usamos muito o espelho, fotos né? Então seria a imagem. O esquema, seria ossos, braços, não sei. Consciência corporal? (pausa) não sei, sei lá. É tudo que a gente sabe sobre o corpo? (pausa)* **Como você trabalha a noção de corpo com as crianças?** *Através de imagens, fotos, histórias, música. Tem um projeto de identidade né? que dentro do projeto meu corpo, minha casa, eu trabalho identidade e procuro fazer a criança conhecer melhor seu corpo, não só o seu como o outro.* **Como você lida com as limitações corporais das crianças?** *Procuro planejar atividades que eles consigam realizar, quando vejo que já conseguiram, vou colocando novos desafios pra eles né? Então vejo por ai. Conforme eles vão desenvolvendo, vou colocando mais desafios.*

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA – SUJEITO 5

Qual a sua compreensão de corpo e de movimento? *Cada um tem o seu limite, e sabe lidar melhor com isso, tem mais ou menos facilidade de lidar com isso né? com o corpo, o movimento, essas coisas de se movimentar. **Qual a sua relação com o seu corpo e o movimentar-se?** *Zero, (risos) ou melhor, não é zero, às vezes ando de bicicleta com meu filho, nós que temos crianças em casa também né? ando de bicicleta, corro aqui com as crianças, mas assim atividade física diária, não tenho. Sinto falta disso, porque quando caminho um pouquinho mais rápido, ou quando devo ir à algum lugar, sinto cansa. Numa subida já tem a cansa, então, é a falta de mexer mais com o corpo mesmo tenho consciência disso, que preciso fazer isso. **O que você entende por imagem/ esquema e consciência corporal?** *Imagem? (pausa) seria como cada um vê o outro? como vê, (pausa) será que é como vê o outro? como você entende pela compreensão do outro? do corpo do outro? não sei. Como analisar o outro, acho que é isso, não entendi muito bem, essa questão de imagem.* **O que você não entendeu?** *O que entende por imagem é isso? é o que vejo e como entendo aquilo, como interpretar aquilo que estou vendo, (pausa) é isso.* **E esquema corporal?** *É o nosso corpo, nossos membros, nosso corpo.* **E consciência corporal?** *É o que nós fazemos com ele.* **Como você trabalha a noção de corpo com as crianças?** *Respeitando o limite de cada um. Tem criança que é mais agitada como numa atividade de corrida, ou depende da brincadeira, tem umas que tem mais facilidade, outras não, algumas são bem sossegadas não querem fazer né?. Dependendo da atividade física ou brincadeira eles não querem participar, é respeitando.* **Como você lida com as limitações corporais das crianças?** *Quando é uma atividade de pintar e tal, tudo bem, mas quando é uma brincadeira que a criança não quer, tem que respeitar, não tem que forçar a criança a fazer, brincar daquilo que não tem vontade. Igual a correr, alguns são mais fortinhos não querem correr, uns são mais quietos, outros não querem, ou em casa não faz nada mesmo né? Então, acho que tem de respeitar isso e devagar tentar introduzir para participar da brincadeira, pelo menos um pouco né?***

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA – SUJEITO 6

Qual a sua compreensão de corpo e de movimento? *Corpo e movimento é vida, somos corpo e movimento o dia inteiro, toda hora, até dormindo tem o movimento. Temos que valorizar o corpo e o movimento, porque também influencia na nossa saúde né? É isso.*

Qual a sua relação com o seu corpo e o movimentar-se? *A minha relação é muito boa. Faço dança, então é uma paixão, movimentar, dançar, sinto que preciso disso pra viver mesmo. Então é uma relação boa.*

O que você entende por imagem/ esquema e consciência corporal? *(pausa) Imagem é alguma coisa que retrata algo, esquema corporal acho que é a composição do nosso corpo e consciência corporal é você ter a noção, o sentido daquilo que acontece com seu corpo.*

Como você trabalha a noção de corpo com as crianças? *Com bastante brincadeira, gestos, danças, no canto, ouvindo música. Ontem, eu brinquei com eles de tomar banho, peguei uma bolinha, cada um pegou uma bolinha, então brincamos que era o sabonete, ia falando as partes do corpo e eles iam lavando para saber qual é noção que eles tinham do esquema corporal mesmo, e para se movimentar, brincar e conhecer o corpo, então, procuro trabalhar assim, brincadeiras, gestos e dança.*

Como você lida com as limitações corporais das crianças? *É difícil, mas tento estimular cada vez mais, tenho um aluno com paralisia cerebral, que em relação ao que era no começo do ano, ele está se desenvolvendo muito. No parque procuro estimular, subir no escorregador, ir no balanço, no gira gira. Ele tinha medo, mas agora foi se soltando, então, mesmo que tenha as limitações, procuro dar um jeito de superar essas limitações.*

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA – SUJEITO 7

Qual a sua compreensão de corpo e de movimento? *Compreendo que o corpo é uma máquina, que precisa estar funcionando tudo direitinho, para que a gente consiga fazer todas as nossas atividades.* **Qual a sua relação com o seu corpo e o movimentar-se?** *(pausa) Acho importante né? se movimentar e cuidar do nosso corpo. Tenho dificuldades com isso, mas, (pausa) sei que a relação com o meu corpo deve ser sempre de cuidados.* **O que você entende por imagem/ esquema e consciência corporal?** *(pausa longa) Consciência corporal é, (pausa) moco do céu!, ai, eu não sei.* **Como você trabalha a noção de corpo com as crianças?** *Trabalho com eles a importância de cuidar do corpo, a higiene, os movimentos que fazem pensando no bem estar deles, no brincar, (pausa) trabalho isso.* **Como você lida com as limitações corporais das crianças?** *Quando percebo que alguma criança tem uma limitação maior do que as outras, procuro sempre estimular mais, né? ver aonde está a dificuldade, porque, tento ajudar.*

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA – SUJEITO 8

Qual a sua compreensão de corpo e de movimento? *O corpo é que nos leva e traz, permite se locomover, e movimento é o principal, é o que nos permite realizar todas as ações, movimento nos, sei lá (pausa) permite fazer de tudo. **Qual a sua relação com o seu corpo e o movimentar-se?** *(pausa) Não sei se estou falando fora, mas meu corpo tem sido para o trabalho, eu usando ele, ainda não parei para cuidar, sabe? A questão de uma ginástica, um relaxamento, é trabalho o tempo todo, um período aqui, um período em outro lugar, e a noite, outras atividades de trabalho, não de lazer, nem de cuidados. **O que você entende por imagem/ esquema e consciência corporal?** *(pausa), A imagem é o que passamos, que transmitimos. O esquema, como ele é? E, consciência são os cuidados que devemos ter (pausa), na utilização do corpo. **Como você trabalha a noção de corpo com as crianças?** *(Pausa), Que temos um corpo, temos que cuidar dele, um respeitando o outro, assim, não podemos bater, empurrar, porque pode machucar, temos que exercitar, porque faz o bem, só nós mesmos podemos tocar no nosso corpo, tem esse cuidado aqui também? nem o amigo, nem o outro adulto, nem um estranho pode tocar no corpo, só a própria criança, ou em casa, mãe, pai, com cuidado. **Como você lida com as limitações corporais das crianças?** *(pausa), Com as limitações, (pausa) é com conversa, com orientação, sempre um respeitando o outro, que anda devagar, que tem dificuldade na fala, explicando, orientando-os.*****

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA – SUJEITO 9

Qual a sua compreensão de corpo e de movimento? *O nosso corpo é formado pelos membros. E movimento, quando estamos movimentando o corpo, em atividade física, com as tarefas da casa, estamos em movimento. É, qual a sua relação com o seu corpo e o movimentar-se?* *A relação com o meu corpo? (pausa) Como assim?*

Qual a sua relação com o seu corpo e o movimentar-se? *Acho importante, temos que cuidar do corpo, precisamos de movimento senão a ficamos atrofiados, o corpo é igual uma máquina, se você parar enferruja tudo, então, acho que devemos estar sempre em movimento, tanto que não gosto de dormir muito, porque acho que o corpo tem que está em movimento, não só a parte física, mas a mental também. Então, fico o tempo todo fazendo alguma coisa, porque acho importante, tenho pouco tempo, parece que o tempo passa tão rápido acho que dormir muito, eu acho perda de tempo, o corpo tem que estar sempre trabalhando. O que você entende por imagem, esquema e consciência corporal?* *Imagem? (pausa) a imagem é aquilo que nós vemos, aquilo que representa. Agora o esquema, não sei (burburinhos) dizer bem, o que é um esquema, será que é uma programação? não sei. Qual é o outro?*

Consciência corporal. *Consciência corporal, acho que devemos ter consciência de como agir com o nosso corpo. Como você trabalha a noção de corpo com as crianças?* *Primeiro eu trabalho o concreto, no começo do ano, sempre construo uma maquete ou senão, quebra cabeça do corpo humano. Trabalho bastante sobre o corpo humano, faço quebra cabeça concreto, posso pegar uma boneca, desmonto uma boneca, ensino as partes do corpo, os membros do corpo, mas como é maternal dois, é bem mais enxugado né? Então, é corpo, braços, tronco e as pernas. Como você lida com as limitações corporais das crianças?* *limitações? Bastante cuidado, porque são crianças ainda, e não dá para passar mais do que quinze minutos, por que eles não ficam. Então se eu vou fazer um trabalho com dança, o máximo quinze minutos. Se vai fazer um trabalho no parque, meia hora, então com limite.*

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA – SUJEITO 10

Qual a sua compreensão de corpo e de movimento? *(pausa), Nós somos um corpo, tudo envolve o corpo, tem o lado espiritual e tem o lado físico com movimento. O que é o movimento? o corpo a todo momento está movimentando, mesmo quando estamos dormindo, em qualquer lugar do corpo tem movimento. Então, movimento do coração, o corpo nunca tá parado, sempre tá em movimento, tem os movimentos voluntários e os involuntários.*

Qual a sua relação com o seu corpo e o movimentar-se? *Creio que seja boa, apesar de não cuidar muito bem dele, sem fazer atividades físicas fora do ambiente de trabalho, os cuidados de casa, etc., um momento dedicado a ele para fazer um exercício, caminhar, isso não faço, sou sedentária com relação a isso. Mas, acho que tem de cuidar, tanto, espiritualmente, como fisicamente, apesar de não está fazendo nada. (risos)*

O que você entende. E adoro me movimentar, adoro dançar e adoro está com as crianças, sabe? Brincando gosto o tempo inteiro.

O que você entende por imagem/ esquema e consciência corporal? *Imagem corporal é o que nós vemos, a imagem corporal é o que estou vendo, assim, vejo o corpo, as partes, isso é imagem do corpo. Esquema corporal, braços, pernas, acho que é isso, braço, perna, cabeça e a consciência não posso explicar, tenho consciência de que estou levantando os braços, não sei explicar direito, a consciência do meu corpo com relação ao espaço. (risos)*

Como você trabalha a noção de corpo com as crianças? *Trabalho através de música, brincadeiras, rodas, é isso que você quer saber? É isso? É, como você trabalha a noção de corpo?*

Através de conversas, desde o momento que estão escovando os dentes, nós conversamos sobre os dentes, importância de cuidar deles, do corpo, noção de corpo na hora que estão se trocando, que estamos brincando, em todo momento estamos trabalhando.

Como você lida com as limitações corporais das crianças? *Tento fazer as atividades dentro dos limites deles, eu não posso dar uma atividade, que eles pulem com os dois pés, com um pé só, sendo que ainda não tem idade, não conseguem chegar a isso. Quando você começa dar atividades de acordo com a idade na hora que você começa a ver diferenças, ai sim, vai alterando as atividades. A limitação? (pausa) acho que é mais isso mesmo. A limitação da minha aluna que não anda, tento estimula-la dentro do possível. Não sou boa nisso, (risos), percebi que não sei explicar nada.*

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA – SUJEITO 11

Qual sua compreensão de corpo e de movimento? (risos) *Corpo é aquilo que faz a interação na sociedade né? No coletivo e no individual. O corpo é aquilo que utilizamos para expressar emocionalmente e fisicamente. E o movimento é aquilo que transmite essa expressão.* **Qual a sua relação com o seu corpo e o movimentar-se?** (risos) *Me dou super bem com o meu corpo, apesar ser tão pequenininho, (risos) gosto muito dele como ele é. Só que, no movimento eu me sinto bem travada, não sou tão expansiva quanto gostaria. Acho sou muito dura para me movimentar. Mas, como escolhi a profissão de professora tive que desinibir e hoje até que consigo me expressar bastante através do meu corpo.* **O que você entende por imagem/esquema e consciência corporal?** *Imagem é aquilo que é refletido. Esquema? vou pensar um pouquinho e consciência corporal é a consciência de tudo que eu posso me usando, fisicamente, mentalmente, emocionalmente. Esquema, seria o que posso esboçar através do meu corpo, de outras formas, o esquema corporal também pode ser.* **Como você trabalha a noção de corpo com as crianças?** *A minha faixa etária geralmente é do berçário até o maternal, então primeiro eu mostro o que eles têm, a consciência do corpo deles, com todas as partes, da cabeça até a ponta do dedão do pé, e assim, conforme a faixa etária, trabalho também os detalhes, sobrancelhas, cílios, tudo que, não só a cabeça, o corpo e os membros né?, cílios, unhas, dente, língua, o que tem dentro do corpo. Trabalho essa consciência numa linguagem da faixa etária, né?* **Como você lida com as limitações corporais das crianças?** *Sempre observo até onde eles podem ir, e faço com que todos percebam que aquela criança, sem ser de forma depreciativa, mas que percebam por exemplo; eu sou mais rápido, ele não é tão rápido quanto eu, nunca uso uma palavra assim; é lerdo, ele não consegue, por exemplo; numa atividade de corrida, o que corre mais rápido vai ter que diminuir e o que é um pouco mais lento vai ter que aumentar um pouquinho, pra que todos fiquem mais ou menos no mesmo padrão. Então, procuro respeitar a maturidade, da limitação corporal da criança e faço com que o grupo perceba e respeite também, só que sempre estimulando o que tem limitação, para perceber que talvez possa um pouquinho mais né? Mas, nunca forço isso.*

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA – SUJEITO 12

Qual a sua compreensão de corpo e de movimento? (pausa) *Corpo é todas as partes que, podem dar sentido de movimento. Nosso corpo e formado pelos membros, tronco. Todas as partes do corpo tem o seu movimento, é isso que eu procuro explorar dentro do meu trabalho.* **Qual a sua relação com o seu corpo e o movimentar-se?** *Sempre gostei muito de dançar, fazer qualquer tipo de atividade física, então eu acredito que a relação com meu corpo é muito boa, porque, utilizo para várias coisas. Danço até hoje, então para mim o movimento corporal é minha satisfação, porque, o meu prazer é movimenta-lo, porque gosto de dançar, então para mim isso é importante.* **O que você entende por imagem/ esquema e consciência corporal?** (pausa) *Nossa! imagem é aquilo que reflete né? acho que a imagem em relação a consciência corporal é você refletir no seu corpo aquilo que você pode ver, é o refletir né? não sei, acho que seria isso?* (pausa) *acho que sim, não compreendi bem.* **O que você não entendeu?** *Porque assim, o esquema seria o esquema corporal, certo? E o esquema corporal é, tudo aquilo que eu posso fazer, ou melhor, movimentar, ou esquematizar em meu corpo e a imagem, ela é aquilo que você visualiza e pode transmitir para o seu esquema, para o seu movimento.* **Como você trabalha a noção de corpo com as crianças?** *De várias formas através do lúdico, brincadeiras dirigidas, dentro de musicalização, com noção de desenho, onde eles desenharam o que entendem por si do seu corpo, no parque, ginástica. De diversas maneiras, nós conseguimos trabalhar o corpo e o esquema corporal né? Às vezes nós vamos ao parque onde o objetivo da aula é o esquema corporal então eu vou brincar com eles utilizando esse esquema. - como que a gente pode subir naquele lá? a gente pode utilizar as mãos, a gente pode usar os pés, pode usar os braços, tudo que podemos falar sobre o corpo vamos utilizando no meio das brincadeiras. Tudo como compreensão pra eles né?* **Como você lida com as limitações corporais das crianças?** *Esse ano foi a primeira vez que eu peguei um criança que, tem uma certa deficiência motora. Mas, normalmente é, (pausa) várias atividades, circuitos para estimular a coordenação motora da criança. Estímulos para que elas aumentem cada vez mais a coordenação motora, para que eles possam se conhecer e comecem a entender. Mas é a primeira vez que estou lidando com essa limitação corporal mais evidente. O caso do José Aurélio, percebo que mesmo com essas limitações em relação ao andar, ao sentar, e mesmo nas atividades, ele procura fazer o máximo que*

ele consegue igual as crianças. Esse ano consegui muito dele, até o ano passado ele ainda andava de cadeira de roda, esse ano ele já anda com o andador. Então, vou estimulando conforme a rotina dele. Agora estou tentando tirar dele a necessidade de que eu tenha que tira-lo do andador e colocá-lo no banco, então, ele está aprendendo a fazer isso sozinho, a força que ele tem que fazer para sair, como tem que se movimentar pra ele conseguir sair desse andador. Acredito que até o final do ano eu consiga fazer isso. Mas ele é uma criança que não teve um problema querer fazer, se excluir, ou rejeitar alguma atividade por causa dessa limitação. Ele faz do jeito dele, mas faz, e, é isso que procuro, mostrar que as crianças fazendo do seu jeito, elas conseguem fazer.

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA – SUJEITO 13

Qual a sua compreensão de corpo e de movimento? *Relacionado a educação. Corpo na educação infantil é fornecer as bases das aprendizagens né? Bases de futuras aprendizagens que são trabalhadas; consciência corporal, movimento, ritmo, força, equilíbrio, na verdade toda questão da motricidade né? que é imprescindível para futuras aprendizagens, mais na frente aprendizagens abstratas também né? conceitos abstratos, pra mim começa ai a aprendizagem, lá o berçário no caso.*

Qual a sua relação com o seu corpo e o movimentar-se? *(pausa) A relação com o meu corpo? Não sei, não sei responder. (risos)*

A sua relação com o seu corpo e o movimentar-se. *(pausa) O que vou responder para você? é tranquila, não sei, cuido da minha saúde que reflete no meu corpo, faço exercícios físicos regularmente três vezes por semana, eu acho que meu corpo tá saudável, entendi nesse sentido. (risos)*

O que você entende por imagem/ esquema, e consciência corporal? *Então, mais ou menos aquilo que falei na primeira questão. Falando em educação infantil, em aprendizagem, acho que é por ai que a gente tem começar a estimular as crianças né?. Imagem corporal; trabalhar com espelhos. Esquema corporal; brincadeiras que trabalhem as partes do corpo. Consciência corporal; trabalhar o movimento, ritmo, equilíbrio, acho que tem como começar essa estimulação já no berçário com as crianças de 3 meses a 1 ano, depois de 1 a dois, até chegar aqui na creche. Então é extremamente importante você trabalhar a questão da motricidade mesmo né? Começa ai, não adianta chegar você trabalhar conceitos, vamos supor, matemáticos ou escrita se lá atrás você não estimulou a consciência do corpo, esquema do corpo. Isso é extremamente importante, inclusive falando em educação infantil.*

Como você trabalha a noção de corpo com as crianças? *Depende da faixa etária, né? se é lá no berçário você vai trabalhar brincadeiras que envolve o corpo, espelho. Com crianças maiores de 2 a 6 anos, é a mesma coisa né? Só que você consegue exigir um pouquinho mais, o desenho do corpo, quebra-cabeça sobre o corpo, brincadeiras dirigidas, músicas e cantigas que você trabalha o corpo. (pausa) Inúmeras brincadeiras que agora não consigo listar, mas dá para trabalhar bastante brincadeiras com o corpo.*

Como você lida com as limitações corporais das crianças? *Eu respeito-as, ao mesmo tempo que estímulo para que a criança avance um pouquinho mais. Crianças que, assim, não sei se aparentemente é a palavra, mas que tem o desenvolvimento dentro dos parâmetros normais, né? Nem sei se existe um*

parâmetro, sei que aquilo que se espera para idade, mas tem uma dificuldade de equilíbrio, de lateralidade, eu respeito, porém, estímulo. É que não tenho nenhuma criança com limitação corporal, física né? Assim, uma deficiência. Mas acho que se tivesse na minha sala, óbvio respeitaria e estimularia, faria junto, pedia sempre um pouco mais, é mais nesse sentido.

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA – SUJEITO 14

Qual sua compreensão de corpo e de movimento? *Eu entendo assim por corpo, é, um instrumento de se comunicar com o mundo e esse corpo, ele vai se utilizar daquelas sete inteligências de Gardner pra está desenvolvendo as habilidades. Então se eu me reportar a habilidade de movimento eu vou pensar na habilidade física, nos treinos, nas habilidades de coordenação motora fina e coordenação motora grossa. O corpo também vai implicar, na minha concepção uma conexão com a mente, que é seria o consciente o inconsciente, o id, o ego, o superego e a parte emocional e formação da personalidade da pessoa que vai refletir no corpo.*

Como é que você se relaciona com seu corpo e com o movimento? *Então, o meu corpo é, eu vejo assim que ele é fruto de um processo né? histórico, cultural, eu estou nesse meio, mas na minha particularidade eu procuro cuidar dele conforme a minha cultura, a minha identidade, que eu tenho alguns valores que eu privo nessa questão do meu corpo; em questão da saúde, da alimentação, do físico e também de como eu estou cuidando dele. A parte do movimento eu procuro fazer atividades físicas como caminhada, é academia, dança né? E também acho que no corpo envolve não só essa parte física, mas a parte mental também, aquilo que eu leio, aquilo que eu escuto, os lugares que eu participo, então eu acredito que seja essa relação.*

O que que você entende sobre imagem/esquema/consciência corporal? *A consciência corporal eu imagino que seja é a questão da saúde né? Dos cuidados que nós temos que ter com o nosso corpo, com a parte física e alimentar dele, eu imagino que seja isso. A imagem eu também acredito, eu penso que seja assim; é tudo que eu quero transmitir para as pessoas eu vou transmitir através do meu corpo, do meu jeito de se vestir de se portar, é elementos assim né? Assim como eu observo das pessoas também né? sem tirar alguma conclusão prévia, sem ter algum preconceito, que as vezes a gente acaba tendo com relação a imagem que o outro está transmitindo pra nós né? O esquema eu nunca ouvi falar, não sei o que seria esse esquema corporal.*

Como você trabalha essa noção de corpo das crianças? *Me baseando assim nos conhecimentos que eu tenho, nós trabalhamos o projeto que é da prefeitura municipal que é meu corpo, minha casa, nele nós vamos trabalhar a identidade da criança de acordo com a faixa etária que ela está, as partes corporais, depois o corpo como um todo e o que esse corpo pode fazer né? O que o corpo da criança faz. Então é a coordenação motora fina, a coordenação motora grossa, os cuidados, do que ela gosta de fazer, essas*

questões nós trabalhamos com as crianças. Porém nós temos pouco conhecimento na nossa formação desde a graduação que não foi trabalhado a questão do corpo da criança, a não ser aqueles esquemas básicos, Piaget, do Vygotsky das habilidades de cada faixa etária, somente isso. E o respeito né? a individualidade a particularidade da criança, isso também é trabalhado aqui, com eles. Além do projeto em si, tem momentos para atividades corporais durante a rotina? Sim, diariamente, como as crianças elas tem bastante energia e precisam usar dessa energia para se desenvolver, então geralmente nós fazemos uma rotina que seria uma atividade de concentração, uma roda, um diálogo, uma interação com eles que aí invoca mais o falar, o se comunicar, o se expressar. Em seguida uma atividade de concentração, mais com a coordenação motora fina. Por exemplo, a minha classe é o maternal II, então um desenho, alguma coisa que ela fique sentadinha, mas em grupo e depois essa atividade mais corporal, mais livre que é também dirigida mas a criança tem uma liberdade maior de se expressar, seja, uma dança, um teatrinho, alguma coisa com fantoche ou uma brincadeira ali na sala, as vezes um brinquedo livre que ela vai está usando esse corpo. Por que na verdade o que acontece com as crianças do maternal II? Quando elas estão em brincadeira lúdica elas imitam o adulto, então ela está prestando muita atenção em quem ela está representando naquela brincadeira né? Cada um assume um personagem que é o que elas observam em nós, então é interessante essa parte aí do corpo. O que dificulta um pouco pra nós aqui é que nós não temos esse acompanhamento de um profissional da educação física, fazemos atividades na quadra, atividades assim que trocamos entre os professores ou pesquisamos em livros, internet e vamos descobrindo as atividades. **Como você lida com as limitações corporais das crianças?** *É bem possível assim perceber como criança ela é já no início do ano, no primeiro mês de aula, segundo mês, a gente já percebe que tem algumas crianças que são tímidas, mas que tem é assim, vai desenvolver aquela habilidade, outro já tem mesmo essa limitação. Acho que ela pensa não vou conseguir fazer, por exemplo, se você montar um circuito de bambolês, algumas já começam a saltar, mesmo que não seja feita aquela habilidade corretamente, outras se recusam a participar dessa atividade, então, essas que se recusam, nós vamos conversar com ela, não vamos forçar ela participar da atividade e aos poucos até pela interação do grupo, ela acaba participando e desenvolvendo essa limitação que até então tinha e as que são mais tímidas aí ela se torna um pouco*

mais difícil, porque não é uma limitação que ela tem no corpo é mais a parte até da família ajudar né? que ela se expresse melhor.

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA – SUJEITO 15

Qual é a sua compreensão de corpo e de movimento? *Corpo é, bom, deixar eu pensar, rs. Bom acho que as duas coisas são relacionadas, corpo e movimento. Porque que eu falo isso? Por que a gente precisa do corpo pra está se locomovendo, a gente precisa do corpo pra se movimentar, é o corpo que nos leva pra onde agente que ir né? e vice e versa. A gente vai é, E eu acredito que o, a relação corpo e movimento é uma relação saudável. E ela precisa ser saudável. Assim, você é, não estou dizendo assim manter uma forma física excelente, mas você ter assim é, uma consciência corporal, coisa que hoje né? Ultimamente eu não tenho, tanto que estou toda dolorida por ter ficado fazendo trabalho braçal na escola nesse último sábado. E, ah, acho que é isso.*

E como é que você se relaciona com o seu corpo e o com o movimento? *Particularmente, eu assim, eu quando mais jovem. Eu sinto muito essa, perda né? Eu fui esportista, não parece, mas eu fui esportista, eu corria, eu caminhava, eu jogava vôlei, né? Isso por uma questão até de acho que fazer, eu malhava desde os quinze anos de idade, mas eu tive problemas com o corpo né? Então de repente eu não pude mais fazer academia porque eu tive desgaste na cartilagem da rótula, por fazer exercício errado. Aí, depois eu quebrei o pé, então como eu quebrei o quinto metatarso em dois lugares, eu não consigo mais correr. Então, e tudo isso veio né? Aí eu desenvolvi a partir de 2009 problema na coluna. Então, (risos) a minha relação corpo e movimento comigo ela não anda muito bem. Eu até tento começar a caminhar mais meu pé incha aí eu não consigo, então eu comprei até um simulador de caminhada agora, (risos) pra começar fazer exercício de novo, porque eu ganhei peso. Eu sinto, eu não tenho problema respiratório, essas coisas assim, mas eu não ando feliz com o meu corpo, porque eu engordei, então né? não foi só pela falta de exercício físico, por que eu me alimento bem, não me alimento muito em relação a comida, mas o meu problema são os docinhos, o sorvete, chocolate, cerveja. Essas coisinhas sabe? (risos) Tudo essas coisinhas, os aperitivos né? **Fim de semana.** Fim de semana, é fim de semana, então a minha relação com o corpo hoje, tanto que eu falei pra você comecei a fazer um regime porque eu não estou feliz, e se eu fico infeliz eu começo a ficar deprimida entendeu, e aí não é legal. **Certo, então está insatisfeita com a aparência.** Estou. *Sim, estou.* **O que você entende por, por imagem/esquema e consciência corporal? Você já ouviu fala desses termos?** *Eu acho que as três palavras juntas não. Mas, a consciência corporal é uma coisa**

assim que a gente escuta bastante hoje né? vê sempre, eu vejo notícia na internet e tudo, de você ter é, saber o que é bom pro seu corpo né? e eu falo assim, a gente sabe tudo que é bom pro corpo, a gente não faz por preguiça, sedentarismo né? e várias coisas. Mas eu acho que essas três palavras juntas, pra mim ainda, vamos colocar assim, uma coisa que eu preciso aprender um pouco mais. **Então assim, sobre imagem corporal, isoladamente? durante a graduação já ouviu falar alguma coisa sobre imagem corporal?** Deixa eu pensar. **Ou alguma matéria na mídia.** Ah sim, não, tive, tive aula de corpo-movimento sim na faculdade, eu fiz pedagogia, fiz a Unimep mesmo e a gente fez aula de movimento, dança, umas coisas assim que eu detestava (risos). **E esquema corporal? De noções de corpo assim? Partes do corpo, essas coisas assim, sim. Só isso. Como é que você trabalha essa noção corpo com as crianças?** Eu trabalho muito assim com as crianças, a faixa etária deles é uma faixa, são crianças que tão completando dois é 3 anos durante agora o segundo semestre né? tirando duas crianças que fizeram dois anos no começo do ano. Então não vão fazer mais três anos esse ano (risos). Então eu trabalho muito com eles assim é brincadeiras de roda. É brincadeiras que nem, hoje segunda feira, eu tenho movimento né? direcionado é, então a gente vai fazer brincadeiras com bambolê né?, eu faço círculos com bambolê, pra eles pularem dentro e fora, a gente trabalha noções de matemática com dentro e fora, passar por dentro do bambolê, então circuito, é, ir e vir com bolas e também bastante com, é, faço bastante, eu tenho figuras que a gente faz imitação de pose, tanto a parte de figuras como, a parte da imitação do adulto com orientação oral, é com exploração dos brinquedos, é, a parte de movimento eu faço bastante com eles, porque eles são crianças pequenas né? Então não adianta querer fazer muita coisa sentado com eles, é realmente brincar né? então a gente está, vem fazendo bastante assim com eles. Eles respondem bem. **Como é que você lida com as limitações corporais das crianças?** Eu acho que eles são menos limitados corporalmente (risos) do que eu né? Eles brincam bastante, a minha maior preocupação mesmo é com os menores, com as duas crianças menores que eu tenho na sala, principalmente uma que ela é bem mais molinha, que ela fez dois anos em março, então ela a gente tem que dar bem mais auxílio pra ela, várias das atividades que eu faço direcionadas, que as crianças maiores né? É conseguem fazer sozinhas, com ela geralmente, ou eu ou a estagiária, quando ela está presente na sala, a gente faz dando a mão pra ela, porque ela não consegue, eu também tenho uma outra criança que eu não coloquei na entrevista lá

que eu tenho criança com deficiência, mas é uma criança que eu já venho relatando pra diretora da escola há um bom tempo que ela apresenta bastante dificuldade motora. E só que, a gente é, infelizmente é uma burocracia e já foi passado pro setor de educação especial, mas até hoje né? isso desde o começo do ano até hoje a gente não recebeu nenhuma visita, né? Então a gente fica meio de mãos atadas né? **Falta suporte né?** Falta suporte, mas é uma criança assim que ele eu posso dizer pra você assim que ele você percebe já no andar dele, que o andar é diferente, quando ele vai. A gente fez uma atividade que até relatei aqui no semanário que ele não conseguia sustentar o bracinho pra cima e se pintar com o pincel, era um rolinho, ele não conseguia sustentar o braço. Um deles, do lado esquerdo, é o lado esquerdo é eu percebo maior dificuldade dele. Mas é dessa forma é ajudando, eu ajudo bastante aqueles que tem dificuldade e geralmente eu relato né? a criança que tem maior dificuldade. **Mostra caderno de anotações.** Por exemplo, brincadeira com bola, eu faço arremesso, chute, lateralidade, passar por cima, passar por baixo, com bexiga e a gente vai fazendo bastante coisinha assim desse tipo. Deixa eu mostrar pra você. **Mostra anotações das dificuldades da criança citada anteriormente.**

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA – SUJEITO 16

Qual é a sua compreensão do corpo e movimento? *É do corpo e de movimento. Isso. Bom, o corpo eu tenho em mente, quer dizer o que eu tenho como vida né? Que é minha sustentação e ele é composto por todas as partes né? essa é a concepção que a gente tem como corpo e o interior e o exterior dele, porque faz parte do corpo toda a saúde interior também e toda saúde exterior que movimenta. Agora quanto ao movimento, de um corpo, eu acho que ele envolve cada gesto que você se movimenta dos piscar dos olhos ao mover, aos dedos, ao tato, ao caminhar, ao correr. Eu acho que tudo isso se exprime em movimento.*

Como é a sua relação com o seu corpo e com o movimento? Você particularmente. *Com o meu corpo? Olhe, eu tenho cuidado com meu corpo, assim porque eu preservo muito a minha integridade né? em termos de saúde, porque, eu fui atleta né? e eu sofri consequências de mau preparo na parte em que eu vivenciei na minha juventude porque eu tive um mau preparo que eu digo porquê? por que, eu não obtive as orientações necessárias como um bom alongamento, um bom aquecimento e isso me causou danos que são irreversíveis hoje. Hoje eu não posso, por exemplo, eu sou restrita a exercícios físicos, eu não posso né? Por que eu tenho assim desde a minha primeira cervical a dorso lombar, é um problema sério no qual na época me afastou do esporte né? Eu precisei sair do esporte, por que eu precise usar colete, tive rompimento de tendão de aquiles. Isso tudo consequência de um mau preparo, em consequência é isso. Então eu tenho um cuidado hoje porque hoje eu fui atrás de reconhecer o que é bom para mim e o que não é bom pra mim, em termos de reparo, de movimento ao agachar-se, alguns cuidados com minha coluna e tudo mais. Eu não sei se é esse o foco que você gostaria.*

Você está satisfeita com seu corpo? Qual a importância dele no seu dia-a-dia? *Ah meu corpo é tudo pra mim, (risos) meu corpo carrega minha alma né?(risos) Então quer dizer não tem como ele não ser importante pra mim né? Agora quanto assim, ao estar feliz, feliz assim, com o peso do meu corpo (risos), no momento eu não estou né? Eu passei por um tratamento no qual eu injetei, ingeri muita química, química muito forte e realmente eu tive assim problema de inchaço, tô quase dez quilos acima do meu peso, agora eu estou com uma nutricionista, estou pra poder retomar né? Estou sem, estou numa vida completamente sedentária por que eu não posso, ainda não fui liberada pra caminhadas e pra tudo mais. E nem pra Atividade, eu só posso fazer atividade que não exprima no meu, por exemplo impacto, de alto*

*impacto, somente submersa na água e eu não tenho paciência pra isso entendeu? tá. tá, não consigo, eu sou muito agitada pra eu ficar embaixo da água sem sentir esse movimento entendeu? Sabe? Então é muito complicado isso pra mim. Mas. **O que você entende por estes termos, imagem/esquema e consciência corporal? já ouviu falar?** É, eu não sei se eu tenho bem, a consciência corporal eu acho que é você ter consciência do corpo no lugar onde você ocupa, né? é o que seu corpo ocupa, em termos de você tem um corpo e você sabe que nele tem muita, tem como eu posso te explicar? Não consigo explicar assim o que eu penso sobre (pausa). Consciência, eu acho, que é o espaço, que a consciência corporal é eu ter consciência do meu corpo do espaço que ele ocupa, dos meus movimentos, dos cuidados. Agora o esquema, seria o que? Ah, a formulação de atividades, alguma coisa assim em relação ao meu corpo? **também está relacionado ao corpo.** Né? Agora a imagem é o que? É o que eu olho no espelho que minha mente reflete e o que eu gostaria por ter, mais ou menos isso, seria? né? Como a imagem do meu corpo quer dizer, eu olho, falo ah não era bem assim que eu queria, eu queria isso em outro lugar (risos) É mais ou menos isso? A imagem? **Como é que você trabalha a noção corpo com, com as crianças?** Como eu trabalho? Eu trabalho, inicialmente quando a gente pega a turminha, a gente trabalha, e eu costumo fazer um trabalho de reconhecimento através dessa imagem que é a reflexão sobre o espelho, né? Então eu faço muito movimento sobre o espelho, então, eu trabalho com movimentos, aí são atividades mais direcionadas. Ah, primeiro eu inicio pela face, pelo que contém, vou as mãos, aos braços, movimentos de perna, porque eles tem nessa faixa etária, o que acontece eles ainda, eles estão começando a amadurecer esse reconhecimento corporal em esquema corporal, cabeça, tronco e membros, inferiores e superiores. Eles não se reconhecem assim né? Eles ainda, eles estão amadurecendo essa imagem e assim como no rosto eles começam amadurecer nessa faixa etária olhos, nariz, né? sobrancelhas, os detalhes. Então quando a gente pega eles no início, vem vindo do jardim nessa faixa etária minha de cinco anos eles estão começando a reconhecer, eles ainda engolem o pescoço, eles não conseguem enxergar no corpo deles que tem uma ligação da cabeça pro tronco. Então eu procuro trabalhar muito com a imagem refletida deles, né? Então eu faço brincadeiras com música, pra tocar no pescoço, tocando na orelha, tocando, movimentando mãos, movimentando os braços, pernas. Eu inicio dessa forma. Eu faço todas as quintas feiras, eu tenho um momento reservado na quadra poliesportiva. Então, eu não faço na poliesportiva eu faço a parte*

física mesmo. Eu faço alongamento, eu faço relaxamento, eu faço brincadeiras de alongar mãos, de alongar pescoço de estender o corpo, sentar no chão. Faço, Eles adoram atividades de correr, polichinelo, então, faço abdominal, muito dentro do esquema pra cinco anos. Então procuro movimentar assim pra eles, então eu estou sempre dizendo pra eles, entendeu? Vamos movimentar, agora é o joelho que eu quero, é uma forma deles estarem associando a parte do corpo com ne? com o que realmente, se reconhecendo, porque eles se tocam. **Qual é a sua turma?** jardim dois. Jardim dois? Jardim dois integral, então é uma turma muito agitada, (risos) demais. **Como é que você lida com as limitações corporais dessas crianças?** Com as limitações, com muito respeito, né? por que eu acho que eu como uma profissional, a primeira coisa que eu tenho pra lidar com criança é reconhecer até onde ela consegue, né? ir, sempre acreditando que ela pode mais, né? dentro do respeito, por que não tem como de repente uma criança chegar pra mim e falar professora, mais ai eu não consigo e eu não respeitar né? Eu posso estimular, né? então eu trato todas as limitações, eu acho que não só corporal, mas eu falo todo desenvolvimento infantil com muito respeito e muita atenção, porque é uma faixa etária que, que as crianças, elas, elas, enganam muito no bom sentido da palavra do enganar. Elas fazem muito assim, corpinho mole, que sabe elas querem brincar, elas ainda não reconhecem a importância de uma atividade nesse aspecto. Então a gente tem que tá sempre mostrando pra elas o quanto é legal, sempre dando exemplos. Por exemplo eu consegui conquistar a turminha, pra ficar uniforme esse movimento meu as quintas feiras, quando eu comecei a utilizar, alguns atletas e algumas dançarinas, as esportistas que tem, que elas curtem, sabe as jogadoras de vôlei? Antes de começar, elas faziam alongamentos, esticavam os dedinhos. Ai os meninos, sabe o neymar não chegou assim e jogando futebol e ai eu busquei o interesse deles, eu percebo que, pumba! Agora tudo que eu peço assim eles vão assim, professora é assim que faz? É desse jeito? Tô fazendo certo? então eu senti que eu despertei nele a preocupação de estar fazendo correto, nesse reconhecimento.

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA – SUJEITO 17

Qual a sua compreensão de corpo e de movimento? *Acho que é o básico mesmo, é o movimentar-se né? é o como que eu posso falar, rs burburinhos, e, eu acho que é o movimento mesmo, assim, como que eu posso falar isso pra você. (pausa) É isso é você se movimentar, qualquer jeito que você se movimenta, sem ser assim específico, é se movimentar. Qual é a sua relação com o seu corpo e o movimentar-se? A minha relação, como assim? Como você se relaciona com seu corpo e o movimento.* *Ah eu gosto do meu corpo, eu gosto de me movimentar, eu sou uma pessoa agitada, sabe? eu sou assim, a turma fala que eu sou ligada no 320, não é nem 220 e 320, eu sou muito agitada, então eu me movimento bastante. O que você entende por imagem/ esquema e consciência corporal?* *Olha isso é meio grego pra mim, (risos) imagem? esquema? consciência corporal? imagem do corpo assim? é a imagem do corpo assim, a aparência, é isso, esquema, esquema corporal, tipo assim as partes do corpo e consciência é você ter consciência do seu corpo, como funciona, né? será que é isso? Como você trabalha a noção de corpo com as crianças?* *Bom eu dou aula pra b1, então assim, é muito brincar, falar, sabe tipo assim no banho, pra eles terem a noção do corpinho deles, mão, perna, na hora do banho, é muito brincar, muita brincadeira, pra eles se exercitar, subir descer, escorregar, se deslocar no espaço, sabe? tipo assim. Como você lida com as limitações corporais das crianças?* *No B1, fica meio difícil falar pra você porque eu sou assim quando eu vou trabalhar com eles, eu falo brincar com eles eu gosto que eles façam, vamos supor eu estou vendo uma criança que vai cair, eu não chego lá correndo e tiro ela, não, eu fico vendo até onde ela chega, até onde ela pode chegar, sem a minha intervenção, então eu exploro muito isso nos bebês, tem gente que fica apavorada, vai cair né? ele está caindo, eu vou até lá perto dele, mais eu vejo até onde ele pode chegar, as vezes eles nem precisa da minha ajuda, ele dá o jeito dele, ele vira e não precisa da minha ajuda, então eu falo que eu não pesco pra eles, eu ensino eles pescarem.*

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA – SUJEITO 18

Qual a sua compreensão de corpo e de movimento? *O corpo pra mim é o que nós usamos pra se comunicar com o mundo, com tudo, o corpo é o que leva, o corpo é que nós usamos pra se movimentar por tudo, todos os lugares.* **Qual a sua relação com o seu corpo e o movimentar-se?** *A minha relação? essencial, eu gosto do corpo que eu tenho, o movimento, o trabalho, eu uso ele pra trabalhar, eu tenho que me movimentar, uso pra tudo, gosto de fazer atividades, e o corpo tem que está bom pra fazer atividades se não, não aguenta (risos).* **É o que você entende por imagem/esquema e consciência corporal?** *A imagem é o que eu reflito no espelho, é o que eu sou, o esquema é o corpo, a consciência corporal é você está feliz com o que tem, tem noção do que você tem.* **Como você trabalha a noção de corpo com as crianças?** *Com as crianças eu ensino o que é mão, o que é pé, que eles tem a noção do corpo mas eles não sabem nomear. Nomeio as partes do corpo.* **Como você lida com as limitações corporais das crianças?** *Faço muitas atividades de acordo com a idade, de acordo com o que eles conseguem fazer. Com os limites deles, de acordo com o tamanho, cada criança tem o seu limite.* **Mais alguma coisa.** *Não.*

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA – SUJEITO 19

Qual a sua compreensão de corpo e de movimento? *A compreensão de corpo que eu tenho é que o corpo é o universo, dentro desse universo estão né? os nossos órgãos, né? essa é minha compreensão de corpo e de movimento é tudo que a gente faz assim, o andar, o saltar, o nadar, o falar, o respirar, tudo isso é movimento e essa é a noção que eu tenho.* **Qual a sua relação com o seu corpo e com o movimentar-se?** *Ah, eu estou me relacionando muito, muito mal com o meu corpo, que eu não estou cuidando do meu corpo. A relação que tem que ter com o corpo é que tem que cuidar bem dele e eu assim, não faço nenhuma atividade física atualmente, a única atividade que eu faço é com meus alunos que aí eu tenho que fazer mesmo, me sinto obrigada.* **E o movimentar.** *A relação com o movimentar com meu corpo é quando eu danço, acho que esse é o único exercício que eu faço, dançar e mais nada, é isso que eu faço com meu corpo.* **O que você entende por imagem/ esquema e consciência corporal?** *Imagem, acho que é a imagem que eu passo para as pessoas de mim, acho que é isso que eu entendo por imagem. Consciência corporal é mais ou menos o que eu já falei, tem que ter consciência do corpo da gente, como a gente se locomove, como se movimenta e o cuidado que tem que ter com o corpo.* **E esquema corporal?** *não sei falar pra você.* **Como você trabalha a noção de corpo com as crianças?** *Bom, a, as crianças que eu trabalho são crianças de berçário, crianças de um ano a dois anos, eu trabalho assim, ensino a noção de corpo, que eles tem que conhecer o corpo os pés, as mãos né? trabalho assim com desenho, faz o esquema do corpo, mostra as partes pra eles, manda eles montarem, divide o corpo da cabeça, braços, pernas, tronco e pede pra criança pegar a figura e ir lá montar. (burburinhos) Ah sim eu ajudo tem crianças mais tímidas assim, não conseguem participar das brincadeiras, então você vai e leva a criança até a brincadeira, ensina como mexer o corpinho, como subir na escada por exemplo a criança não consegue subir, você pega a perninha entendeu e no espelho, trabalha muito com espelho também, com imagens, história, na hora do banho né? você vai lavar a mão o pezinho, vamos lavar o pezinho, vamos lavar a mão, a gente vai limpar a orelhinha, lavar o cabelo e eles vão aprendendo.* **Como é, como você lida com as limitações corporais das crianças?** *Na realidade eu tenho só um aluno que tem uma certa limitação, acho que porque ele é muito pesado, ele é muito gordinho, então ele tem assim dificuldade pra participar das brincadeiras, ele se cansa muito fácil na hora de correr que eles vão no*

gramado que é a hora que eles se soltam mais né? no parque, todas as crianças sobem a escada, desce, e pra ele você tem que ajudar um pouquinho ele. Limitação física assim ele não tem, é mais o peso dele.

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA – SUJEITO 20

Qual sua compreensão de corpo e de movimento? *Bom, o corpo eu acho que ele é o que, ele é o receptor de tudo que acontece ao redor, e é ele que percebe também percebe o mundo, porque existe os órgãos de sentido então é através deles que a gente vai percebendo o mundo. E o movimento? o movimento, eu acho que é o corpo que através do movimento ele diz o que você está sentindo no momento né? porque as vezes você movimenta, você está triste, naquele movimento dá pra você perceber, até o seu corpo mesmo demonstra esse sentimento seu é isso.*

Qual a sua relação com o seu corpo e o movimentar-se. *Então, quando eu vou percebendo que eu não consigo me movimentar mais, porque hoje com a idade que eu tenho eu sei. O meu corpo já não consegue fazer muitas coisa que eu fazia, antes eu fazia muito mais coisa até, eu falo, como exemplo assim que antes eu deixava pro sábado, eu limpava a minha casa toda, lavava roupa e não sentia cansada, hoje já não consigo dar conta de tudo isso num dia só. Então assim, conforme eu vou percebendo essas mudanças, o que que eu faço, até a questão de peso. Um tempo até quando eu comecei agora esse curso eu estava pesando x e quando eu saia caminhar que isso era mais constante esse caminhar, andar de bicicleta entre a minha família, nós quatro a gente saía assim, era direto, principalmente quando estava de férias, então assim eu percebia que eu estava muito cansada, então que vamos né? rever algumas coisas, então eu comecei já a me policiar mais tá, fazer exercício também durante a semana o máximo duas horas. Essa semana não foi possível entendeu? Então tem semana que passa, eu acho que é isso.*

O que você entende por imagem/ esquema e consciência corporal? *Eu acho que a imagem é a gente se achar bem né? a imagem, o esquema corporal eu acho que tem está tudo ligado acho que uma coisa com a outra na verdade porque, como eu posso falar pra você o que eu entendo? eu acho assim que quando eu me sinto bem com o meu corpo eu estou no peso ideal e todas as coisas, eu estou bem entendeu? eu acho que é isso.*

Como você trabalha a noção de corpo com as crianças? *Existe um projeto que é o meu corpo minha casa, dentro de toda rede municipal, então o que que a gente faz, a gente trabalha muito essa questão assim, tem essa professora que desenvolve a atividade a tarde e a que desenvolve de manhã, então a minha parte da manhã é mais a parte do conteúdo mesmo, do conhecer né?, então conhecer como? Vamos fazer um quebra cabeça do corpo humano, vamos fazer brincadeiras né? com relação que envolva o*

corpo. É semana passada eu fiz uma atividade pra trabalhar essa consciência mesmo corporal, então o que que eu fiz, eu joguei várias fantasias no meio da sala e eles iam experimentando e coloquei um espelho e eles se olhavam ali, então eles trocavam ah o que que é isso né? ia lá olhava e ficava, então é através disso, através das dinâmicas que eu faço. **Como você lida com as limitações corporais das crianças?** Então eu tenho duas crianças que assim elas são um pouco obesas né? só que assim elas participam, só que cada uma eu percebo que ela participa de uma maneira, o menino, apesar dele ser todo forte e tudo, ele tem mais agilidade do que a menina, então assim, eu procuro assim, não esforçar, mais incentivo a participar também, ela não recusa a participar, é muito difícil. nesse dia que eu trabalhei a conscientização corporal que que aconteceu, eu fiz também, pra eles estarem também percebendo os limites dele, então eu fiz a brincadeira do saco, então eles, aquele de pular né? então ela foi tentou fazer a primeira vez, mais ela caiu no meio do caminho porque ela não tem toda a agilidade, então ela desistiu, mais eu fiquei insistindo porque não foi só ela, teve aqueles também que não são obesos e também aconteceu a mesma coisa né? mais mesmo assim ela recusou e não quis ir mais né? então é assim eu vou através de incentivar a participar também seja através da limitação dele mais ele vai participar também igual aos outros, é isso?

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA – SUJEITO 21

Qual a sua compreensão de corpo e de movimento? *O, corpo eu entendo que seria a estrutura de uma pessoa, nossa estrutura, física, e o movimento é o que você pode fazer com essa estrutura, a capacidade de desenvolver, de rsrs, é a capacidade que você tem de mexer com essa estrutura.*

Qual a sua relação com o seu corpo e o movimentar-se? *Nossa, que difícil, a relação com o meu corpo e o movimentar-se? eu acho muito importante para o bem estar do corpo você está em movimento de alguma maneira seja no seu dia a dia, é nas atividades corriqueiras, de rotina ou você está realmente querendo se movimentar por causa da saúde, como fazer um exercício, uma academia, um esporte físico, isso é importante, tanto pra o adulto quanto pra criança.*

O que você entende por imagem/ esquema e consciência corporal? *Imagem - esquema e consciência corporal? É um conjunto de coisas, por exemplo se está em harmonia, a estrutura do seu corpo, é se ele se desenvolveu de maneira correta, se está conseguindo se movimentar de acordo com a sua capacidade, e a consciência que você tem dos seus limites.*

Como você trabalha a noção de corpo com as crianças? *Então, acho que a gente tem que respeitar a faixa etária das crianças, de acordo com a faixa etária acho que você vai trabalhando é, o movimento, por exemplo desde o berçário, você vê automaticamente, eles estão se desenvolvendo por si só, mas que a gente tem que ver os limites que deles, você não vai exigir de um berçário né? fazer certas atividades movimentos que você faria com o berçário dois, os maiores.*

Como você lida com as limitações corporais das crianças? *É, acho que eu respondi essa errado assim, então assim você, é o que eu falei de acordo com a faixa etária você vai trabalhando, bebê, você vai, já é naturalmente o desenvolvimento dele você só vai estimular né? esse desenvolvimento e de acordo com a faixa etária e com as limitações de cada um você vai desenvolver alguma atividade que não ultrapasse o limites da criança.*

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA – SUJEITO 22

Qual a sua compreensão de corpo e de movimento? *Então, eu compreendo corpo como assim, o nosso corpo, a testa a orelha, a boca o nariz né? e o movimento eu já entendo assim, correndo, pulando, saltando esse é o movimento que o corpo faz.* **Qual a sua relação com o seu corpo e o movimentar-se?** *Eu sou uma pessoa muito atleta, então assim a minha relação com o corpo é muito boa porque eu sempre caminho, eu faço aula de ginástica, eu nado, eu pelado, então eu sou bem com meu corpo, bem movimentando.* **O que você entende por imagem/ esquema e consciência corporal?** *Imagem, é a sua imagem o seu visiotipo, você é a sua imagem refletida no espelho. Esquema corporal, é isso? esquema corporal é, (pausa) esquema corporal é você movimentar a perna, ter duas pernas, dois braços, fazer os movimentos, esse é o esquema corporal, como trabalhar o esquema corporal né? e consciência corporal é você ter essa consciência de trabalhar com o corpo, a consciência de correr, consciência de pedalar, consciência de nadar, consciência que trabalhar com o corpo faz bem pra sua saúde, pro seu visiotipo, pra tudo, pra sua saúde.* **Como você trabalha a noção de corpo com as crianças?** *As minhas aulas com relação de corpo são muito dinâmicas, eu trabalho muito assim, rolamento, eu trabalho muito na área externa, eu trabalho com caixa de papelão que eles descem a rampa com caixa de papelão, eles descem o morro, eles trabalham no velotrol, eles descem de velotrol, então assim, eles tem bastante coordenação, isso eu trabalho muito com eles.* **Como você lida com as limitações corporais das crianças?** *Bom essa ai eu já entendo as limitações que as crianças não podem alcançar sem. São as coisas que um adulto faz que uma criança não pode fazer. Então eu sempre incentivo ela, falo não, você nunca pode falar não consigo, você pode, vai tentando devagar, vamos saltar devagarzinho, vamos primeiro pular, depois você vai ver é praticando como é que você consegue saltar os obstáculos, eu sempre falo com eles.*

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA – SUJEITO 23

Qual a sua compreensão de corpo e de movimento? *Movimento é toda a expressão do corpo é expressão física, emocional, tudo aquilo que você está sentido né? isso através do corpo, a relação do corpo ao movimentar-se é expressão mesmo.*

Qual a sua relação com o seu corpo e o movimentar-se? *A minha relação, é a expressão, o que eu entendo é a expressão.*

Como você se relaciona com o seu corpo? Como assim? Você se dá bem com o seu corpo? Como você age no seu cotidiano, qual a importância do seu corpo? *Eu tenho uma relação saudável com meu corpo, eu acredito que meu corpo é muito importante pra todas as atividades que eu tenho que fazer, então eu tenho isso que eu tenho que cuidar do meu corpo, é saúde, física, é então eu tenho uma relação saudável com meu corpo e eu tento o máximo possível estar fazendo exercícios, é cuidando desse corpo que é importante para o dia a dia, pra todas as atividades.*

O que você entende por imagem/ esquema e consciência corporal *imagem é tudo que reflete no meu corpo, tudo aquilo que eu reflito. O esquema, talvez o esquema corporal, é a massa do meu corpo e a consciência é toda a expressão que eu entendo que eu estou passando através dos movimentos.*

Como você trabalha a noção de corpo com as crianças? *Através de diversas atividades, eu por exemplo tenho o berçário, eu faço um monte de atividades, desde, por exemplo, amanhã olhar no espelho através deles eles se reconhecem, aliás, no começo no berçário 2 eles ainda não conseguem ter a percepção, eles falam é o nenê, a partir de um momento, no segundo semestre já começam a se reconhecer. Acho que isso é um ótimo exercício nessa faixa de idade deles, eles começam a se reconhecer. É também movimentos de correr lá fora com eles, trabalho muito música, cabeça, ombro, joelho e pé, as partes do próprio corpo pra eles se reconhecerem, acho que é mais essas atividades mesmo.*

Como você lida com as limitações corporais das crianças? *As limitações, eu tento sempre ajudando eles, auxiliando e quando eles não estão prontos, eu vou procurar exercícios que eu vejo que eu posso trabalhar isso, uma criança ainda não consegue subir no obstáculo, eu vou propor mais atividades que ela consiga, eu não vou forçar ela naquele momento, que eu acho que cada um tem seu tempo, eu vou propor outras atividades pra ela tá superando essas limitações dela.*

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA – SUJEITO 24

Qual a sua compreensão de corpo e de movimento? *A minha compreensão é, eu acredito que nós devemos cuidar bem da nossa parte física, a questão de movimento por exemplo a parte de fazer atividade física onde a gente pode evitar problemas maiores de saúde.* **Qual a sua relação com o seu corpo e o movimentar-se?** *Olha, eu tenho assim um contato com algumas atividade físicas desde pequena, hoje assim, vamos dizer, eu estou muito relaxada, tenho alguns problemas devido a ter relaxado mesmo, mas ainda tenho algumas vantagens que eu sei, devido ao ter procurado alguma coisa relacionada a atividade.* **O que você entende por imagem/ esquema e consciência corporal?** *Ah, imagem é o que a gente está vendo do outro, se está bem ou se está bonito, se está feio, vamos dizer assim. O esquema e essa consciência corporal, a consciência é essa questão de saber se a gente está bem ou não, porque as vezes pode estar aparentemente bem, mas com alguns problemas de saúde né? então é ligado a imagem, e a consciência é justamente essa palavra que está no meio, esse esquema, tem que unir as duas coisas pra saber se está bem ou não. Não sei se é exatamente isso que você quis dizer.* **Como você trabalha a noção de corpo com as crianças?** *A minha faixa etária é de um aninho e meio, então a gente trabalha conhecimento do corpo, as partes do corpo, através de música, gestos, pra eles conhecerem as partes do corpo deles.* **Como você lida com as limitações corporais das crianças?** *A gente tem que respeitar porque cada um tem o seu limite, algumas crianças são mais ágeis, outras não, e algumas crianças podem ter até algum problema físico, então a gente tem que respeitar por que uma consegue fazer uma atividade a outra não, mas é que cada uma ao seu tempo.*

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA – SUJEITO 25

Qual a sua compreensão de corpo e de movimento? *Ah, compreendo que é, mais assim em relação a criança não? meu entendimento. É o seu entendimento qual a sua compreensão de corpo e de movimento?* *movimento é, que nem agora eu estou dando essa entrevista pra você ao mesmo tempo que estou conversando com você eu estou me movimentando, acho que tudo que a gente desenvolve em nosso dia a dia envolve nosso corpo e o nosso movimento. **Qual a sua relação com seu corpo e o movimentar-se?** *A relação com o meu corpo e o meu movimentar-se? acho que está um pouco ligado no que eu falei aqui, é todas as tarefas que eu executo, até dormindo né? eu falei é, durante o dia a dia, acho que até dormindo está relacionado com o movimentar-se (pausa) e a relação com o meu corpo e o movimentar-se, (pausa) acho que envolve o equilíbrio, noção de lateralidade, acho que é mais isso. **O que você entende por imagem/esquema e consciência corporal?** *Imagem, pode ser quando eu, vejo meu reflexo no espelho, uma sombra, consciência corporal você ter noção de movimentos que você está executando, noção de espaço e esquema talvez uma sequência. **Como você trabalha a noção de corpo com as crianças?** *Ah trabalho assim, na área externa sempre que a gente vai ao parque é com percurso, faço bastante com eles, então eles gostam bastante, e também pelo espelho. **Como você lida com as limitações corporais das crianças?** *Em alguns momentos eu me pego pensando nisso, algumas crianças que tem mais noção de lateralidade, de espaço outras menos. Minha turma é um jardim, algumas crianças tem dificuldades em subir por exemplo, quando eu faço alguma brincadeira pra, trabalhar noções de alto, baixo, para um lado e para o outro **(a entrevista é interrompida, uma pessoa entra na sala)** eu me embananei. Você pode repetir, você parou? **Não, está gravando ainda.** Está gravando ainda? é que eu fiquei confusa que eu ouvi, (risos), e algumas vezes eu me pego pensando realmente, nem uma criança é igual a outra né? Cada uma tem a suas especificidades e eu procuro sempre na medida do possível atender aquela que tem um pouco mais de dificuldade, auxiliar, as vezes elas mesmas não gostam desse auxílio, peço que alguma outra criança auxilie, não sendo a professora, porque tem algumas é crianças que tiram sarro quando determinada criança não consegue subir ou descer correndo de algum barranco por exemplo ou mesmo no parque eu procuro sempre mediar.*****

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA – SUJEITO 26

Qual a sua compreensão de corpo e de movimento? *Tudo que nós fazemos eu acho que, desde que você acorda, tudo, até pra dormir, você movimenta o corpo pra tudo na sua vida, usa o corpo e se movimenta em todos os sentidos da sua vida, acho que a minha compreensão de corpo e de movimento é isso, como que eu posso falar pra você né? compreensão de corpo e de movimento, tudo que se movimenta, é o pegar, o andar tudo relacionado ao corpo e o movimento. **E qual a sua relação com o seu corpo e com o movimentar-se?** A minha relação, (pausa) qual a minha relação com o meu corpo por exemplo se minha relação é boa, uma relação boa porque eu faço exercícios, eu me movimento não só por eu fazer exercícios físicos semanais e também eu me movimento pra tudo, eu uso todas as partes do meu corpo pra fazer tudo, dançar, trabalhar, eu utilizo meu corpo pra fazer tudo. **É, o que você entende por imagem/ esquema e consciência corporal?** O que eu entendo por imagem, pausa, como assim? **O que você entende por estes termos? Imagem, Corporal, esquema Corporal e Consciência corporal.** Ah Jesus! imagem corporal, o que que eu entendo? imagem corporal, são todas as partes, esquema, são todas as partes do corpo, movimentar todas as partes do corpo? Seria o esquema corporal, consciência corporal, pausa longa, corporal (risos), pra vocês é fácil né? a imagem, imagem corporal é você, a pessoa que eu entendo por imagem corporal é uma pessoa, um ser humano, seria uma imagem? corporal, não, não é isso? **na verdade é o seu entendimento.** O esquema são todas as partes do seu corpo divididas né? cabeça, troncos e membros, esses são os esquemas corporais. E a consciência corporal tudo que eu posso fazer com o meu corpo, é isso. **Como você trabalha a noção de corpo com as crianças?** Na realidade todas as atividades que eu proponho pra minhas crianças, principalmente por ser esse ano que estou no berçário dois é em relação ao movimento, todas as atividades relacionadas a ele eu trabalho o movimento, ou coordenação, é noções, noção espacial, é por eles serem né? por ser o berçário dois, todas as atividades eu faço relacionada com isso é com movimento, a noção, eu trabalho muito as partes do corpo, com músicas, é o lúdico né? são diversas brincadeiras, que tem principalmente, é até mesmo o tato, os cinco sentidos, é tudo relacionado também ao movimento do corpo. **Como você lida com as limitações corporais das crianças?** De acordo com a faixa etária, de acordo com as*

necessidades de cada uma, eu trabalho, eu proponho alguma atividade, nessas atividades eu vejo o que dá certo e o que não dá certo. É em relação aos movimentos, o que que eu posso ajustar, o que está certo, o que não é pra aquela faixa etária o que foi legal, o que não foi, como eu posso modificar essa atividade, é primeiro eu aplico pra depois eu ver o que deu certo ou o que não deu certo pra essa turma.